

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

História Comparada da Ideologia Fascista na Península Ibérica: os Casos dos Camisas Azuis e da Falange/FE de las JONS (1930- 1937).

Gonçalo Guerreiro Coelho Neves dos Santos

Mestrado em História Moderna e Contemporânea

Orientador:

Doutor Luís Nuno Rodrigues, Professor Catedrático,
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2022.



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de História

**História Comparada da Ideologia Fascista na Península Ibérica:
os Casos dos Camisas Azuis e da Falange/FE de las JONS (1930-
1937).**

Gonçalo Guerreiro Coelho Neves dos Santos

Mestrado em História Moderna e Contemporânea

Orientador:

Doutor Luís Nuno Rodrigues, Professor Catedrático,
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2022.

Agradecimentos

Esta dissertação foi o resultado de um processo de formação académica e de desenvolvimento intelectual iniciado a partir da licenciatura, durante o qual surgiu o interesse pela história contemporânea, que se aprofundou quando iniciei o estudo do fascismo. Este percurso académico permitiu-me adquirir as ferramentas e o estímulo intelectual necessários à investigação académica. O meu primeiro agradecimento é, portanto, dedicado a todos os professores que, direta ou indiretamente, contribuíram para a descoberta do meu fascínio pela História e para o aprofundamento do conhecimento sobre a história das ideias e dos fascismos, sem o qual não teria sido possível produzir esta dissertação. Agradeço em particular ao Professor Doutor Fernando Rosas e à Professora Doutora Maria Alice Samara, pelo seu importante contributo para o despertar do interesse na área da História do Fascismo e para o aprofundamento dos conhecimentos nessa área. Agradeço também às universidades onde efetuei a minha licenciatura – a Universidade Católica de Lisboa e a Universidade Nova de Lisboa.

Deixo um especial agradecimento ao Professor Doutor Luís Nuno Rodrigues, cujas aulas de mestrado estimularam o interesse na história dos fascismos, pelo acompanhamento exemplar que dedicou à minha dissertação, pelo fundamental apoio durante a produção da mesma. Agradeço à Biblioteca Nacional e à Hemeroteca de Lisboa pela sua disponibilização de conteúdo fundamental à produção desta dissertação.

Ao Francisco Morato, ao Miguel Alexandre Silva e ao Rui Teixeira, colegas de licenciatura e amigos que estimularam o meu pensamento e partilharam ideias que contribuíram para o meu crescimento intelectual.

Não poderia terminar sem deixar um especial agradecimento aos meus pais, pelo seu apoio incondicional, em particular pelo seu apoio moral, por me terem motivado, estimulado e ajudado durante todo este percurso. À Mariana, pelo seu apoio total e indispensável, pela sua companhia e pela paciência incansável com que seguiu todo este processo, me ajudou e me motivou continuamente ao longo destes anos.

Resumo

Esta dissertação pretende analisar e comparar as ideologias de dois movimentos fascistas ibéricos, tendo como pano de fundo o processo de ascensão dos fascismos a nível internacional. A análise concentra-se nos órgãos de propaganda destes movimentos e no pensamento dos seus líderes: Francisco Rolão Preto, no caso do Movimento Nacional-Sindicalista português; José Antonio Primo de Rivera, Ramiro Ledesma e Onésimo Redondo, no caso da Falange/FE de las JONS espanhola. Nesta investigação pretendemos compreender a constituição ideológica destes movimentos, bem como as suas raízes ideológicas, através da comparação. O objetivo principal consiste não apenas em comparar ambas as ideologias, mas também em compará-las com a ideologia fascista original. Procedemos a uma análise conceptual destas ideologias tendo como base os conceitos essenciais do fascismo original, organizados em subcapítulos. A análise da formação e desenvolvimento do fascismo original, bem como dos movimentos fascistas ibéricos, obriga-nos a abranger não só o período entre 1930 e 1937, como também as décadas anteriores. Finalmente, pretendemos averiguar as distinções e semelhanças que ligam todos estes fascismos, de forma a compreender a razão pela qual se enquadram no mesmo modelo ideológico, que correspondeu a uma tendência política internacional que afetou profundamente as sociedades onde surgiu.

Palavras chave: Fascismo, Ideologia, Autoritarismo, Cultura, Nacionalismo.

Abstract

This dissertation intends to analyse and compare the ideologies of two iberian fascist movements, having as a background the process of the rise of fascisms on the international level. The analysis focuses on these movements' propaganda bodies and their leaders' thought: Francisco Rolão Preto, in the case of the portuguese Movimento Nacional-Sindicalista; José Antonio Primo de Rivera, Ramiro Ledesma and Onésimo Redondo, in the case of the spanish Falange/FE de las JONS. In this investigation we intend to understand the ideological constitution of these movements, as well as their ideological roots, through comparison. The main objective is not only to compare both ideologies, but also to compare them both with the original fascist ideology itself. We carry out a conceptual analysis of these ideologies based on the essential concepts of the original fascism, organized into subchapters. The analysis of the formation and development of the original fascism and the iberian fascist movements, makes us comprise not only the period between 1930 and 1937, but also the previous decades. Finally, we intend to find out the distinctions and similarities which link all these fascisms, in order to understand the reason why they fit in the same ideological model, which corresponded to an international political tendency which deeply affected the societies where it emerged.

Key words: Fascism, Ideology, Authoritarianism, Culture, Nationalism.

Índice

Introdução	5
1. Contextualização da História da ideologia fascista	9
1.1. O debate académico e a importância da ideologia na caracterização do fascismo	9
1.2. A construção da ideologia fascista	17
2. O fascismo na península Ibérica	21
2.1. O caso da FE de las JONS em Espanha	21
2.2. O caso do Nacional-Sindicalismo português	33
3. A ideologia fascista ibérica comparada	44
3.1. O Nacional-Sindicalismo	44
3.2. O Nacional-Sindicalismo em Espanha e Portugal	47
3.2.1. A Revolução	51
3.2.2. O Nacionalismo	67
3.2.3. A relação Partido-Estado	85
3.2.4. O Sindicalismo e o Corporativismo	92
3.3. Os movimentos comparados	92
Conclusão	99
Fontes e Bibliografia	105

Glossário de Siglas

AE – Acción Española

AEV – Ação Escolar Vanguarda

CEDA – Confederación Española de Derechas Autónomas

ETN – Estatuto Nacional do Trabalho

FE – Falange Española

FE de las JONS – Falange Española de las Juntas de Ofensiva Nacional-Sindicalista

FET JONS – Falange Española Tradicionalista de las Juntas de Ofensiva Nacional-Sindicalista

IL – Integralismo Lusitano

JAP – Juventudes de Acción Popular

JONS – Juntas de Ofensiva Nacional-Sindicalista

MES-FE – Movimiento Español Sindicalista – Falange Española

MNS – Movimento Nacional-Sindicalista

PNE – Partido Nacionalista Español

PVDE – Polícia de Vigilância do Estado

RE – Renovación Española

UMN – Unión Monárquica Nacional

UN – União Nacional

UPC – Unión Patriótica Castellana

Introdução

O fascismo foi um amplo e volátil fenómeno político que assolou o mundo durante a primeira metade do século XX. Influenciou profundamente a história do continente europeu e, em grande medida, do mundo. Destruiu regimes políticos e sociedades inteiras, tentando sobre os seus escombros construir outros completamente novos. Os movimentos fascistas que não conseguiram concretizar os seus projetos políticos deixaram, pelo menos, claras as suas intenções. O seu processo de desenvolvimento não consistiu exclusivamente numa dinâmica de ações dos políticos e dos seus movimentos. O fascismo surgiu, primeiro, na forma de ideologia e mundivisão, tendo sido originalmente denominado nacional-sindicalismo. A ideologia nacional-sindicalista foi produto de uma tendência intelectual e política internacional que rejeitou os valores do período iluminista e defendeu a sua substituição por novas formas de pensamento, a sua complexidade e coerência tornaram-a apelativa. Desta forma, o nacional-sindicalismo surgiu primeiro enquanto ideologia e só depois a sua propagação suscitou a criação de movimentos. Este conferiu as bases ideológicas do movimento fascista italiano, tendo ambas as nomenclaturas passado a utilizar-se para descrever o mesmo fenómeno. Além disso, o nacional-sindicalismo influenciou profundamente o nacional-socialismo alemão. Foi, portanto, com base na mesma ideologia original – o nacional-sindicalismo soreliano – que surgiram os movimentos fascistas aqui referidos, tendo-se passado a denominar como tal após o sucesso político e propagandístico do regime italiano construído por Mussolini.

Pretendemos, nesta dissertação, analisar a ideologia dos movimentos nacionais-sindicalistas espanhol (Falange Española de las Juntas de Ofensiva Nacional-Sindicalistas (FE de las JONS)) e português (Movimento Nacional-Sindicalista português (MNS)) com o intuito de compreender se se enquadraram no modelo ideológico fascista original, ou seja, nacional-sindicalista. Utilizamos o método comparativo, quer entre ambas as ideologias dos movimentos ibéricos, quer entre estas e o nacional-sindicalismo original. No entanto, para determinar se estas ideologias se enquadraram no fascismo genérico é necessário compreender como se definiu a ideologia fascista original, qual o contexto histórico na qual esta surgiu e se propagou. Só após uma reflexão sobre as origens ideológicas do fascismo nos encontramos em condições de proceder à análise comparativa dos nacionais-sindicalismos, ou fascismos, ibéricos.

Durante a década de 1930 a propagação do fascismo intensificou-se, tendo também sido este o período de chegada dos mesmos à península Ibérica, pelo que a nossa análise se centrou neste período. Além disso, a contextualização histórica desta dissertação abarca as duas primeiras décadas do século XX, analisadas com o intuito de compreender o surgimento do nacional-sindicalismo soreliano e dos movimentos ibéricos, bem como de associar ambos os seus antecedentes. Produto da fascistização das direitas ibéricas, esses dois movimentos destacaram-se pelo seu comprometimento total com o fascismo e por terem provocado, em graus diferentes, instabilidade política, violência e destruição em Espanha e em Portugal.

Tendo já sido amplamente estudadas as consequências práticas das suas ações, bem como as estruturas dos movimentos, a sua dinâmica de ação e o comportamento dos seus líderes, esta dissertação tem como objetivo analisar o tema menos explorado da sua ideologia, o seu carácter e importância. Tendo em conta que a ideologia fascista não foi apenas coerente e complexa, como também determinante para a compreensão do comportamento dos fascistas e a dinâmica dos seus movimentos, pretende-se neste estudo compreender de que forma surgiram as ideologias que foram adotadas pelos dois principais movimentos fascistas na península Ibérica.

São vários os objetivos da análise comparativa. Pretende-se, acima de tudo, compreender a proximidade das ideologias, a sua coerência e as suas raízes no pensamento estrangeiro e nacional. Tal implica analisar de que forma as suas origens ideológicas – o nacional-sindicalismo soreliano – se associaram às influências de direita destes países para criar as versões locais de fascismo. Por outro lado, a necessidade de entender o fascismo enquanto fenómeno internacional com um conjunto de características capazes de serem replicadas no estrangeiro – o denominado fascismo genérico – implica entender a forma como estes movimentos ibéricos se enquadram quando comparados com o nacional-sindicalismo soreliano, avaliando a possibilidade das particularidades dos movimentos, herdadas das direitas locais, serem compatíveis com a essência ideológica comum.

Pretendemos com esta investigação colmatar a ausência de estudos do fascismo com enfoque na ideologia, contribuir para a melhor definição do fascismo enquanto fenómeno político genérico através do método de análise comparativo e, em particular, para o conhecimento dos movimentos fascistas ibéricos. Colocamos, assim, um conjunto de questões centrais: Em primeiro lugar, foi a ideologia fascista um corpo coerente de ideias

sistematizadas de forma que se possa ter adquirido um carácter genérico? Se sim, como se caracterizou o seu corpo de ideias, qual foi o seu nível de coerência? Centrando-nos depois na península Ibérica, quais foram e de que forma surgiram os principais movimentos fascistas de Espanha e Portugal? Tendo em conta a sua caracterização, foram as suas ideologias realmente fascistas? De que forma as suas particularidades se compatibilizaram com o nacional-sindicalismo original? De que forma influenciou a ideologia o comportamento dos líderes nacionais-sindicalistas?

É importante referir as limitações desta dissertação, uma vez que estas impactaram a sua estrutura, bem como a abordagem de análise escolhida para a mesma. A abundância quer de fontes quer de bibliografia sobre o pensamento dos nacionais-sindicalistas espanhóis contrasta com a ausência de ambas em relação ao movimento português. O difícil acesso a parte das fontes referentes ao movimento português, nomeadamente os seus jornais, dificultaram ainda mais a sua análise. Tal descompensação refletiu-se nesta dissertação, sendo relativamente maior a dimensão de análise do movimento espanhol em relação ao português, o que implicou também um menor grau de comparação dos aspetos ideológicos do movimento português. Tal não impediu, no entanto, a recolha dos elementos fundamentais para a análise comparativa e a caracterização ideológica de ambos os movimentos. Por outro lado, o limite de páginas da dissertação impediu a elaboração mais aprofundada de alguns temas secundários.

Além da análise comparativa, para esta dissertação centrámo-nos em fontes escritas, nomeadamente obras de líderes fascistas portugueses e espanhóis, publicações de jornais dos seus movimentos, cartas e comunicações oficiais. Quanto à bibliografia, utilizámos obras e artigos cujos temas variam, desde a historiografia e história do fascismo, até aos movimentos ibéricos e a ideologia fascista. Devemos indicar ainda que, na realização desta dissertação, obedecemos às regras de referenciação do estilo ISO 690.

No que toca à estrutura da dissertação, esta inicia-se com o processo de surgimento e propagação do nacional-sindicalismo soreliano/fascismo (os termos serão utilizados como sinónimos), acompanhado do processo da fascização da direita ibérica, seguido do processo de desenvolvimento dos movimentos fascistas ibéricos. O primeiro objetivo consiste em compreender a pertinência do estudo da ideologia fascista. Para o entender, procedemos no primeiro capítulo à apresentação e análise do Estado da Arte deste tema historiográfico. O segundo objetivo deste capítulo consiste na contextualização e análise

do fascismo original, necessário à compreensão da génese ideológica dos dois movimentos fascistas ibéricos.

No segundo capítulo elaboramos uma resumida história do surgimento do fascismo na península Ibérica, com o objetivo de contextualizar estes movimentos no seu tempo, de maneira a melhor se compreender a comparação efetuada entre ambas as suas ideologias, a sua raiz ideológica comum, através da clarificação da relação de simbiose entre o nacional-sindicalismo original e os seus sucessores ibéricos.

De seguida, chegamos à mais importante etapa da investigação. No terceiro capítulo pretendemos centrar-nos nas ideologias da FE de las JONS e do MNS, através da análise do pensamento dos seus líderes, dos seus programas e escritos oficiais. Não se efetua a análise comparativa tendo como base uma tipologia, mas sim de acordo com uma seleção de conceitos essenciais da ideologia nacional-sindicalista, tendo esta forma de organização sido influenciada pelo historiador Carlos Manuel Martins, que tentou encontrar uma definição de fascismo genérico através da descrição da ideologia organizada pelos que considerou serem os seus conceitos fundamentais.¹ Além disso, destaca-se neste capítulo o recurso às fontes – as obras dos líderes fascistas –, pela natureza autoritária dos seus movimentos, o seu pensamento tinha um lugar de proeminência. Por outras palavras, é neste capítulo que se averigua verdadeiramente se estas ideologias foram plenamente fascistas. Explicamos ainda que as distinções no conteúdo das ideologias são naturais e necessárias à própria lógica do pensamento fascista, tendo em particular consideração o nacionalismo ou, para sermos mais precisos, o ultranacionalismo palingenético. As várias correntes de pensamento e doutrinas que influenciaram as ideologias da FE de las JONS e do MNS não foram suficientes para anular a preponderância do nacional-sindicalismo. Descrevemos como a própria essência do modelo ideológico nacional-sindicalista incluiu uma capacidade agregadora das correntes de pensamento de direita locais, enquadrando-as de forma que se gerassem as fascismos distintos com base nos ultranacionalismos e tradicionalismos particulares.

¹ MARTINS, Carlos Manuel. *From Hitler to Codreanu: The Ideology of Fascist Leaders*. Oxon: Routledge, 2021.

1. Contextualização da História da ideologia fascista

1.1 O debate académico e a importância da ideologia na caracterização do fascismo

“[...] hoje, o que é consistente em História, não são [...] os *factos* em si mesmos, como pretendiam os historicistas, mas a sua *repetição*; não a ação individual, mas os movimentos de massa. [...] Emerge, assim, para a historiografia, a noção de que se podem reconstituir no passado sistemas organizados de ações que mantêm um grau apreciável de continuidade temporal, a que chamamos estruturas sociais.”²

Mattoso explicou, na década de 1980, como a sistematização do conhecimento historiográfico provocada pela influência da escola dos *Annales* e pela posterior escola da Nova História francesas havia crescido desde a década de 1930 do século passado, afetando todas as áreas da historiografia. A hegemonia das perspetivas ou abordagens historiográficas sistémicas chegou, também, à história do fascismo.

O fascismo foi alvo de um amplo debate desde o seu surgimento, há cerca de um século, entre as décadas de 1910 e 1920. Meio século depois, entre as décadas de 1960 e 1970, surgiram novas abordagens historiográficas que, seguindo conceitos e metodologias novas, se centraram na vertente ideológica do fascismo. Estes estudos desde cedo se viram dominados pelas perspetivas historiográficas sistémicas, que associaram os movimentos e partidos fascistas a dinâmicas socioeconómicas, políticas e culturais mais amplas. Surgiram várias abordagens que prosseguiram caminhos distintos e, apesar do amplo debate, pouco consenso foi criado em volta da definição do fascismo. Em consequência, tornou-se usual nas obras sobre o fascismo a escrita de um intróito ou mesmo todo um capítulo que examina esse debate e clarifica a posição do(s) autor(es) quanto à sua abordagem, argumentando a sua pertinência e enquadrando-a no debate.

A maioria dos historiadores optaram por abordagens ou perspetivas sistémicas que desvalorizaram a ideologia e a origem intelectual/filosófica dos fascismos. No entanto, desde finais da década de 1960 que tem vindo a crescer o reconhecimento da sua importância na caracterização dos fascismos. As várias tipologias criadas revelaram-se contestáveis e pouco consensuais na vertente ideológica do fascismo. Historiadores e académicos divergiram não só quanto à importância e coerência da ideologia fascista,

² MATTOSO, José. *A Escrita da História*. Lisboa: Temas e Debates, 2019.

como duvidaram mesmo da sua existência. Aristotle A. Kallis deu eco à voz de muitos historiadores, ao defender que a incapacidade de construção de uma tipologia do fascismo genérico prejudicou a sua análise e o desenvolvimento deste campo historiográfico. Kallis destacou o contributo de dois historiadores: Stanley G. Payne e Roger Griffin.³

Roger Griffin, especialista em História dos fascismos e, em particular, da ideologia fascista, apresentou um dos melhores e mais atualizados resumos deste debate. Explicou como várias abordagens acabaram por menosprezar ou rejeitar a importância e a substância da ideologia fascista na caracterização do fenómeno que denominou “fascismo genérico”.⁴ Criticou, em particular, as abordagens dos historiadores marxistas, bem como dos que denominou liberais e conservadores. Apontou a incapacidade de quaisquer das suas perspetivas em analisar convenientemente os fascismos. Por exemplo:

“[...] the hallmark of all Marxist theories of fascism, no matter how varied and nuanced, is an axiomatic assumption that capitalism either spawned fascism directly, in order to defend itself [...] or emerged as an autonomous nationalist force with authentic counter-revolutionary elements, but could never operate as the core of a genuinely revolutionary historical process [...]”⁵

Tal significava que, para os marxistas, o fascismo carecia de uma substância ideológica genuína, sendo esta uma ilusão ou num embuste. Rejeitaram terminantemente a possibilidade de os fascismos constituírem pensamentos ou ideologias revolucionários alternativos aos marxismos.⁶ Por exemplo, em Portugal, o historiador marxista Fernando Rosas defendeu que os movimentos fascistas foram instrumentalizados pelas elites para mobilizar as classes baixas (baseando-se na distinção entre o fascismo plebeu e o fascismo conservador), na defesa do capitalismo e servindo de justificação política para a repressão impiedosa dos movimentos revolucionários de esquerda.⁷ Desta forma, esta abordagem desvalorizou a ideologia fascista, em favor duma visão centrada na ação e estrutura dos movimentos fascistas.

Os historiadores liberais, por sua vez, embarcaram numa busca por uma tipologia que constituísse o “mínimo fascista”, numa perspetiva negativista cujo método consistiu na

³ KALLIS, Aristotle A. The ‘Regime-Model’ of Fascism: a Typology. *European History Quarterly*. Janeiro 2000. Vol. 30, nº 1, pp. 77-104.

⁴ GRIFFIN, Roger. 2018. *Fascism*. Cambridge: Polity Press, 2018.

⁵ GRIFFIN, Roger. *Fascism... op cit...* pp. 25.

⁶ *Idem*

⁷ ROSAS, Fernando. *Salazar e os Fascismos*. Lisboa: Tinta da China, 2019.

redução das características até alcançar um conjunto mínimo de aspetos essenciais a todos os fascismos. Tal abordagem resultou numa heterogeneidade imensa de teorias sobre o fascismo sem alguma vez se alcançar um consenso quanto ao “mínimo”.⁸ Tal como os historiadores marxistas, os historiadores liberais foram incapazes de valorizar e reconhecer a própria ideologia fascista.⁹ Historiadores como Robert O. Paxton argumentaram que a essência do fascismo se conseguia encontrar apenas através de uma análise dinâmica centrada na estrutura dos movimentos e na ação dos fascistas.¹⁰ Em suma, enquanto alguns historiadores seguiram abordagens que desvalorizaram e impossibilitaram a compreensão do fascismo enquanto ideologia, outros rejeitaram por completo a necessidade dessa compreensão para o conhecimento do fascismo. O resultado destas abordagens consistiu numa extensa produção de obras incapazes de gerar definições minimamente consensuais de fascismo.

Em resposta a esta insuficiência na investigação académica sobre o fascismo, surgiram abordagens renovadoras que transformaram a análise do fascismo levando a sério a ideologia fascista e comprovando a sua importância para a sua caracterização. Estas abordagens influenciaram mesmo obras que, analisaram os movimentos fascistas com enfoque na sua estrutura e ação, como a redigida por Michael Mann em 2004.¹¹ Nas suas palavras,

“[...] Fascism must be taken seriously, in its own terms. It must not be dismissed as crazy, contradictory or vague. Nowadays, this is quite widely accepted. Zeev Sternhell [...] has remarked that fascism had a “body of doctrine no less solid or logically indefensible than that of any other political movement.” Consequently, said George Mosse [...], “only... when we have grasped fascism from inside out, can we truly judge its appeal and its power.””¹²

O consenso em torno da importância de analisar o fascismo enquanto ideologia tem, portanto, vindo a aumentar. Durante a década de 1960, o historiador George L. Mosse construiu uma nova abordagem pioneira, que se denominou culturalista e se distinguiu por enfatizar o estudo das ideologias fascistas através do seu enquadramento na História das correntes de pensamento ocidentais, com enfoque na crise intelectual de 1890-1914.

⁸ GRIFFIN, Roger. *Fascism... op cit...* pp. 27-28.

⁹ *Idem*

¹⁰ PAXTON, Robert O. *The Anatomy of Fascism*. Londres: Penguin Books, 2004.

¹¹ STERNHELL, Zeev. How to Think about Fascism and its Ideology. *Constelations*. 2008. Vol. 30, nº 3, pp. 280-290.

¹² MANN, Michael. *Fascistas*. Lisboa: Edições 70, 2011.

Procurou a essência do fascismo nas influências culturais e filosóficas sobre o pensamento fascista. Zeev Sternhell, historiador especializado na história da ideologia fascista, prosseguiu a abordagem culturalista e destacou-se pelo seu contributo para situar a história da ideologia fascista na “dimensão vertical” da história. Segundo Kallis, esta enquadra a ideologia num percurso histórico mais longo, paralelo à história nacional (iniciado, segundo Sternhell, pelo menos em finais do século XIX), em oposição ao enquadramento na “dimensão horizontal”, correspondente ao fenómeno restringido à época histórica entre-guerras.¹³ Marcou este debate ao apresentar, na década de 1980, uma das mais aprofundadas análises da ideologia fascista, tendo em conta o seu enquadramento histórico – o mais amplo contexto da crise intelectual de 1890-1914. Sternhell inseriu-se na abordagem culturalista de Mosse, centrando o seu estudo nos pensadores fascistas e nas suas influências intelectuais. Os contributos da sua investigação sobre as origens filosóficas do fascismo tornaram-se notáveis. Provou a coerência da ideologia fascista e a necessidade de a ter em conta na caracterização do fascismo como um todo.¹⁴ Sternhell tornou-se assim um importante nome da renovação do estudo dos fascismos, tendo a sua obra influenciado especialistas de renome que pretenderam contribuir para a definição do fascismo genérico através de novas tipologias.

Roger Griffin e Stanley G. Payne fizeram parte de uma geração posterior de historiadores que, na década de 1990, utilizaram a abordagem culturalista para tentar encontrar ou pelo menos desenvolver a definição de fascismo genérico. Em particular, esta inovadora abordagem distinguiu-se por utilizar o método comparativo para encontrar semelhanças e distinções entre movimentos fascistas, de forma a sistematizar as características comuns numa tipologia do fascismo genérico. Griffin destacou o contributo precursor da abordagem culturalista, com a utilização do método da “empatia metodológica”, que consistiu na análise do pensamento dos fascistas e das suas raízes filosóficas assumindo-os pelo que eram, ou seja, como genuínos. Em vez de considerar o seu pensamento como um embuste incoerente que servisse de ilusão e escondesse outros motivos, Mosse defendeu, portanto, que se devia levar os fascistas a sério e compreender o seu pensamento político como tal.¹⁵ Tal significava que o fascismo devia ser considerado uma ideologia independente das demais, correspondente a um

¹³ KALLIS, Aristotle A. The ‘Regime-Model’ of Fascism... *op. cit.*... pp. 77-104.

¹⁴ STERNHELL, Zeev, SNAJDER, Mario, ASHERI, Maia. *El nacimiento de la ideología fascista*. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2016.

¹⁵ GRIFFIN, Roger. *The Nature of Fascism*. Oxon: Routledge, 1993, pp. 47-52.

revolucionarismo de direita específico que pretendia a destruição de todas as outras crenças ou ideologias, quer fossem conservadoras, quer liberais ou marxistas. Sternhell, Payne e Griffin incorporaram, por sua vez, esta metodologia no seu trabalho, aplicando-a à análise comparativa da ideologia fascista, na sua tentativa de identificação de um “fascismo genérico” na História do século XX.¹⁶ Segundo Kallis, Griffin e Payne contribuíram sobretudo para o enquadramento histórico dos movimentos fascistas, através da junção das perspetivas de análise “vertical” (no contexto da História nacional) e “horizontal” (exclusivamente no contexto histórico da época entre-guerras).¹⁷

Tanto a abordagem de Griffin e Payne como a de Sternhell se mantiveram fiéis a um aspeto fundamental: apesar de reconhecerem a vontade de muitos ideólogos apresentarem o fascismo como uma “terceira via” alternativa, nem de direita nem de esquerda, os académicos enquadraram-no sempre à direita no espectro político, nos contextos políticos particulares de cada caso. A razão para tal residiu numa característica essencial: o ultranacionalismo palingenético. Apesar de todos os fascismos terem adotado um carácter revolucionário e defendido a modernidade (pelo menos em termos tecnológicos), todos se centraram ideologicamente no ultranacionalismo que, por sua vez, era profundamente influenciado pelos tradicionalismos.¹⁸

Payne também reconheceu o contributo de Mosse.¹⁹ Criticou várias tentativas de tipologização, desde a efetuada pelo historiador Ernst Nolte, baseada numa perspetiva que Griffin considerou liberal, assente (nos “negativos fascistas: o antiliberalismo, o antimarxismo, o anticonservadorismo, etc.), até à própria definição de Roger Griffin, assente numa análise positivista. Payne considerou que ambas as perspetivas contribuíram da sua forma para o debate e conceptualização da ideologia fascista e do fascismo genérico.²⁰ Desta forma, Payne invocou tanto os contributos dos historiadores que se centraram na análise da ação e estrutura dos movimentos fascistas, como os dos cujo enfoque se centrou na ideologia e o pensamento fascista. Levou a ideologia a sério, valorizando as abordagens culturalistas e acompanhando a crítica de Griffin referida anteriormente. Para este historiador, como para Griffin e outros – por exemplo, para Emilio Gentile, especialista no fascismo italiano – a ideologia não se devia confundir,

¹⁶ GRIFFIN, Roger. *The Nature... op. cit...* 26-55.

¹⁷ KALLIS, Aristotle A. The ‘Regime-Model’ of Fascism... *op. cit...* pp. 78-79.

¹⁸ GRIFFIN, Roger. *Fascism... op. cit...* pp. 40-47.

¹⁹ PAYNE, Stanley G. *A history of fascism, 1914-45*. Londres: UCL Press, 1995, pp. 33.

²⁰ PAYNE, Stanley G. *A history of fascism... op. cit...* pp. 5-7.

pois, com outras, muito menos ser negada enquanto tal. Devia sim ser entendida enquanto um tipo de pensamento particular na família da extrema-direita, visceralmente oposto às ideologias de esquerda e centro, bem como aos conservadorismos tradicionais e aos nacionalismos moderados. Tal não impediu os movimentos e partidos fascistas de adotarem determinados aspetos conservadores associados, em regra, às essências ultranacionalistas particulares.

Payne defende que um importante contributo para a dificuldade na busca por uma tipologia minimamente consensual residiu na grande diversidade de contextos em que se encontraram os movimentos e partidos fascistas. Enquanto uns não passaram da fase inicial de movimento ou grupúsculo, outros chegaram e mantiveram-se no poder durante anos (décadas, no caso do italiano). Desta forma a estrutura organizativa, objetivos e ideologia dos fascismos que alcançaram o poder divergiram bastante dos fascismos originais, muitos dos quais não ultrapassaram as fases iniciais de desenvolvimento político. Foi esta uma das razões apresentadas por Paxton para analisar os fascismos com base numa abordagem que tivesse em conta as suas transformações dinâmicas ao longo do tempo, criticando a descrição enciclopédica e a abordagem de Griffin – “[...] the bestiality and the essence [...]” como as denominou – por as considerar demasiado estáticas e isoladas.²¹

Por outro lado, Payne defendeu que nenhum regime fascista consolidou totalmente o seu sistema económico, apesar de todos terem aplicado, até certo ponto e de formas diferentes, modelos socioeconómicos totalitários de enquadramento das massas. A sua caracterização do fascismo incluiu a designação de “[...] expansive nationalism built of dynamic tension ever seeking new expression.”²² Essa tensão era aplicada através de uma violência considerada terapêutica e virtuosa. Esta noção positiva da violência foi uma das maiores heranças do pensador francês Georges Sorel, influenciado por, entre outros, Nietzsche e a extrema-direita francesa, tema explorado por Sternhell. Criticando a abordagem de Paxton, Sternhell expôs a incongruência das tentativas de explicação dos fascismos que rejeitem o seu aspeto ideológico:

“Where can one search for the explanation of a historical phenomenon if not in its “essence,” in what is typical of it? Can one abandon the “why” for the sake of the mere “how?” That is what one comes to

²¹ PAXTON, Robert O. *The Anatomy of Fascism*. Londres: Penguin Books, 2004, pp. 21.

²² PAYNE, Stanley G. *A history of fascism... op. cit...* pp. 9-11.

when, in order to avoid confronting the extreme complexity of fascism, a European movement that involves fundamental questions of political thought, behavior and organization, one decides to relegate ideology and culture to a secondary position and give preference to what is easier. And what is easier is a mechanical and superficial comparative analysis of power-structures and régimes. By avoiding “abstractions” one is freed from conceptual frameworks [...] In this way, one avoids many embarrassing questions, notably the reasons for the fascination fascism held for so many great intellectuals, and one does not have to ask why it impregnated the political life of Europe in the period between the two World Wars to such a degree that it became its distinctive feature, its *Zeitgeist*.”²³

Emilio Gentile, um importante historiador próximo da abordagem de Griffin e Payne, também defendeu a importância da ideologia fascista na definição do fascismo genérico. Enquadrou-se com as posições de Payne e Griffin no debate académico, afirmando que ele próprio:

“[...] no comparte las interpretaciones que niegan al fenómeno fascista una individualidad propia y considera que la tendencia a la «desfascistización» en todas sus manifestaciones es una falsificación de la realidad histórica. [...] [Emilio Gentile] ha pretendido restituir al fascismo su individualidad representándolo [...] por aquello que ha sido históricamente: un fenómeno político moderno, nacionalista, revolucionario, totalitario, racista e imperialista decidido a destruir la civilización democrática y liberal, proponiéndose como una alternativa radical a los principios de libertad y de igualdad concretados en el proceso histórico de afirmación de los derechos del hombre y del ciudadano, iniciado con la Ilustración y con las revoluciones democráticas de finales del siglo XVIII.”²⁴

Gentile, tal como Griffin e Payne, entendeu que levar a sério a ideologia fascista significava entendê-la como aquilo que realmente foi – uma genuína doutrina político-filosófica, na qual os líderes fascistas acreditaram e tentaram aplicar no mundo concreto. Explicou como os fascistas defendiam coerentemente os seus princípios e modelos totalitários, bem como os mitos nos quais estes assentavam.²⁵ Gentile defendeu em particular a caracterização da ideologia fascista com base nos conceitos de religião política e ultra-nacionalismo palingenético (este último cunhado por Griffin).²⁶ Gentile caracterizou as abordagens dos historiadores marxistas e liberais afirmando que, para estes:

²³ STERNHELL, Zeev. How to Think about Fascism... *op. cit.*... pp. 280-290.

²⁴ GENTILE, Emilio. *Fascismo: historia e interpretación*. Madrid: Alianza Editorial, 2004, pp. 18.

²⁵ GENTILE, Emilio. *The struggle for modernity: nationalism, futurism, and fascism*. Westport: Praeger Publishers, 2003, pp. 78.

²⁶ GENTILE, Emilio. Fascism, Totalitarianism and Political Religion: Definitions and Critical Reflections on Criticism of an Interpretation. *Totalitarian Movements and Political Religions*. Inverno 2017. Vol. 5, nº 3, pp. 326-275.

“[...] fascism did not have its own historical individuality in the same way as liberalism, democracy, socialism or communism. Instead, it was a sort of antihistorical and anti-modern epiphenomenon without culture or ideology. Everywhere fascism was a movement of violent mercenaries, in the service of the most reactionary part of the bourgeoisie, led by cynical and opportunistic demagogues who merely subjugated and led astray the innocent and recalcitrant masses.”²⁷

Juntou-se assim à crítica de Griffin e continuou a defender a sua abordagem, em particular contra as críticas dos novos historiadores marxistas. Reconheceu também o contributo da abordagem culturalista, em particular ao seu criador.²⁸

Os autores supracitados tornaram-se os mais destacados das vagas de renovação dos estudos sobre o fascismo (e sua ideologia). O seu contributo para o debate não deixou, no entanto, de suscitar a produção de obras críticas das suas abordagens. Daniel Woodley, por exemplo, deu mais recentemente voz à perspectiva marxista e distinguiu, numa tipologia, os autores anteriormente referidos, entre os representantes da abordagem culturalista (Mosse e Sternhell), e os representantes da segunda “geração”, que procura uma definição de fascismo genérico (que inclui Gentile, Griffin e Payne).²⁹ Woodley criticou as anteriores tentativas de caracterização do fascismo, considerando-as demasiado redutivas e restritivas. Em alternativa defendeu a abordagem marxista, assente na dialética materialista e na desvalorização dos fatores culturais (a produção intelectual e filosófica do período 1890-1914) e enfatizando o peso das condicionantes socioeconómicas.³⁰ No entanto, nós consideramos que este autor revelou na verdade a importância da marca deixada pelos historiadores que criticou, uma vez que ele próprio demonstrou ter implicitamente reconhecido a importância do seu trabalho, ao sentir a necessidade de enfatizar que valorizava, até certo ponto, a análise do fascismo enquanto ideologia. Apesar de o debate se manter vivo, a importância da ideologia já não pode ser negada.

Voltando ao aspeto realçado inicialmente, todas as abordagens referidas tentaram integrar o fascismo numa visão sistémica da História. Desta forma, o que mais interessa salientar é que as abordagens que enfatizam a importância da ideologia na caracterização

²⁷ GENTILE, Emilio. *Fascism, Totalitarianism and Political Religion... op. cit...* pp. 330.

²⁸ *Idem*, pp. 333.

²⁹ WOODLEY, Daniel. *Fascism and political theory: critical perspectives on Fascist ideology*. Oxon: Routledge, 2010, pp. 4-5.

³⁰ WOODLEY, Daniel. *Fascism and political theory... op. cit...* pp. 2-3.

do fascismo afirmaram-se no meio académico, produzindo importantes transformações na história do fascismo e na história das ideias. Como afirmou Sternhell:

“[...] historians of ideas believe that every spiritual movement must be regarded as a concrete historical reality and as existing in relation to a given historical process, and secondly, that the relationships between the history of ideas, politics and culture are direct relationships. [...] Furthermore, the history of ideas reveals that intellectual constructs have power in themselves, and that what happens in the world of ideas quickly assumes social and political significance.”³¹

1.2 A construção da ideologia fascista

Em finais do século XIX todas as premissas do iluminismo encontravam-se em declínio, ameaçadas por uma crise intelectual suscitada por um movimento que cresceu entre a década de 1890 e inícios do século XX. Esse movimento afirmou-se, numa das suas vertentes, contra o legado filosófico, científico e político iluminista, e foi guiado por intelectuais franceses, italianos e alemães que rejeitaram os valores do racionalismo, da democracia, do liberalismo e do marxismo pretendendo a sua substituição pelos valores do subjetivismo, emocionalismo, irracionalismo, vitalismo e belicismo. Segundo Payne, uma das principais influências desta tendência intelectual anti-iluminista foi Nietzsche,

“[...] who preached the «death of God» and categorically repudiated nineteenth-century materialism and rationalism. [...] It espoused the “will to power” as the primordial instinct and called for the “transvaluation of all values” and the dominance of healthy emotion and instinct over repression, with the goal of achieving the *Übermensch*—the “overman”—a superior kind of human being who had achieved self-mastery and a higher morality that balanced creative thought and feelings.”³²

Em França, na Alemanha e pouco depois em Itália surgiram teorias anti-racionalistas, anti-liberais e anti-marxistas, mas também misticistas, revolucionárias, modernistas e tradicionalistas que se propagaram por toda a Europa. Neste contexto destacou-se, em França, o pensador Georges Sorel, aquele que mais contribuiria para a síntese ideológica do fascismo. A construção do seu pensamento partiu de uma revisão da teoria marxista, sendo que transformando Sorel o seu marxismo ortodoxo num revisionismo particular.³³

³¹ STERNHELL, Zeev. *How to Think about Fascism... op. cit...* pp. 284.

³² PAYNE, Stanley G. *A history of fascism... op. cit...* pp. 24-25.

³³ PAYNE, Stanley G. *A history of fascism... op. cit...* pp. 25.

Este autor foi progressivamente esvaziando a sua teoria do conteúdo marxista, mantendo apenas um conjunto de aspetos como, por exemplo, a apologia da violência revolucionária, acabando por se demarcar totalmente do marxismo.³⁴

O seu pensamento transformou-se numa síntese de ideias que essencialmente refletiu a procura por alternativas sócio-políticas anti-iluministas.³⁵ Segundo a sua teoria, deveria surgir uma nova ordem assente na mística, no heroísmo, na virilidade, na violência e na completa rejeição dos valores iluministas. Além disso, também rejeitou o comunismo em favor da concertação entre classes num capitalismo corporativista, que enquadrasse os objetivos do proletariado segundo os desígnios da nação através da sua submissão ao Estado. A nação ganhou, assim, prevalência no seu pensamento, e a sua regeneração tornou-se o seu principal objetivo político. Foi primeiramente em França que esta tendência intelectual atravessou o espectro ideológico em direção à direita, mas rapidamente foi exportada e adotada por intelectuais de toda a Europa.³⁶ O aspeto do iluminismo mais repudiado foi o antimaterialismo, tendo este unido grande parte dos pensadores que alimentaram esta crise intelectual e iriam influenciar a ideologia fascista:

“This opposition to "materialism" was the common denominator uniting Sorel, Arturo Labriola, Michels, De Man, Berth, Gabriele D'Annunzio, Angelo O. Olivetti, Barres, Enrico Corradini, Mussolini, Gentile, Mosley, Degrelle, Jose Antonio, Codreanu, Drieu, Deat, Brasillach, Rebatet, Jouvenel, Maulnier, and so many others.”³⁷

Como referiu Payne, este grupo, mais do que apenas rejeitar o materialismo, opôs-lhe um idealismo metafísico, transcendente, associado ao vitalismo e ao belicismo.³⁸ A teoria política soreliana denominar-se-ia nacional-sindicalismo e foi adotada por inúmeros sindicalistas revolucionários por toda a Europa. Segundo Martin Blinkhorn, esta baseou-se em valores abstratos, míticos e irracionais, na associação entre revolucionarismo, violência, sacrifício e virilidade – valores partilhados com outros pensadores da extrema-direita, como foi o caso de Charles Maurras.³⁹ Vários historiadores concluíram que o maior contributo da *Accion Francaise*, o movimento monárquico criado por Maurras,

³⁴ STERNHELL, Zeev, SNAJDER, Mario, ASHERI, Maia. *El nacimiento... op. cit...* pp. 60-63; BLINKHORN, Martin. *Fascism and the Right in Europe, 1919-1945*. Oxon: Routledge, 2013.

³⁵ STERNHELL, Zeev. *Neither right nor left: fascist ideology in France*. Princeton: Princeton University Press, 1986, pp. 17.

³⁶ STERNHELL, Zeev, SNAJDER, Mario, ASHERI, Maia. *El nacimiento... op. cit...* pp. 13-18.

³⁷ STERNHELL, Zeev. *Neither right nor left... op. cit...* pp. 28.

³⁸ PAYNE, Stanley G. *A history of fascism... op. cit...* pp. 8-9.

³⁹ BLINKHORN, Martin. *Fascism and the Right... op. cit...*

para a ideologia fascista consistiu na ponte ideológica que este estabeleceu entre o monarquismo tradicionalista e o ultranacionalismo organicista, cujo revolucionarismo pretendia destruir todas as tendências progressistas e impôr uma visão mitificada do passado no presente.⁴⁰ Tanto o maurrasianismo como o sorelianismo consideraram que o ultranacionalismo devia ser o centro do seu pensamento, a sua base transcendental, e que o sindicalismo seria instrumental no processo de fortalecimento e regeneração da nação através de uma organização socioeconómica submetida aos desígnios nacionais.⁴¹

Sternhell identificou estes movimentos como os principais precursores do fascismo. Foram os que maior repercussão tiveram, ao representarem a síntese de pensamento da crise intelectual do século XIX. Estas correntes ideológicas associaram-se a tudo o que justificava uma visão do mundo violenta, elitista e hierárquica – desde o darwinismo social e a pseudociência racista e eugenista, até ao imperialismo. Tornou-se aceitável, no seio destes movimentos, aplicar o ultranacionalismo violento contra grupos sociais, culturas e povos inteiros.⁴²

Foi em Itália que a influência nacional-sindicalista provocou as primeiras consequências políticas. Intelectuais como Arturo Labriola, Enrico Corradini e Sergio Panunzio formaram os primeiros movimentos sindicalistas revolucionários sorelianos do seu país. Uma importante razão para o fascismo haver surgido em Itália reside no profundo impacto que a crise cultural exerceu sobre a sociedade italiana. Segundo Payne:

“Italian philosophers vied with those of Germany in leading the antipositivist revolt on behalf of neoidealism, while Italian social scientists and theorists such as Mosca, Pareto, and Scipio Sighele were international leaders of the new elitist and antiparliamentary doctrines. Nowhere in the world were there more vehement opponents of bourgeois culture, liberalism, humanitarianism, and pacifism. The corollary of aggressive nationalism was held to be strong elite leadership and imperialism. [...] The most prominent spokesmen for the new trend were the leaders of the Florentine avant-garde, Giovanni Papini and Giuseppe Prezzolini, together with the radical new nationalist writer Enrico Corradini and Italy’s most popular poet, the sensuous neoromantic Gabriele D’Annunzio, whose achievement is sometimes said to have been to make violence seem erotic. [...] They preached elitism, war, the “imperial ideal,” and the importance of regenerative violence. Prezzolini advocated the need “to love war,” since «violence is...a moral cure.»⁴³

⁴⁰ PAYNE, Stanley G. *A history of fascism... op. cit...* pp. 40-48.

⁴¹ STERNHELL, Zeev. *Neither right nor left... op. cit...* pp. 60.

⁴² *Idem*, pp. 29-31.

⁴³ PAYNE, Stanley G. *A history of fascism... op. cit...* pp. 62.

Se o sorelianismo não teve grande repercussão política em França e na Alemanha até à década de 1930, as suas repercussões sobre a política italiana foram profundas.⁴⁴ A direita italiana havia assim, antes de 1919, conseguido agregar todas as tendências que iriam constituir a ideologia fascista: o anti-iluminismo, o revolucionarismo ultranacionalista, o imperialismo, o corporativismo, o totalitarismo, a pseudo-ciência racista e eugenista, e uma corrente cultural e artística modernista apologista da violência, do sacrifício, da virilidade, da juventude, fervorosamente nacionalista. Este clima foi extremamente propício à propagação do sorelianismo, síntese destes valores. Foi assim que os sindicalistas revolucionários sorelianos se transformaram em nacionais-sindicalistas, em particular no período durante a Primeira Guerra Mundial.⁴⁵

Como observado ao longo deste capítulo, a ideologia foi construída antes do surgimento dos primeiros movimentos fascistas. Podemos concluir que o desenvolvimento da sua investigação implicou o reconhecimento da centralidade da componente ideológica na construção do fascismo. Na segunda parte deste capítulo realçámos a importância e o papel da ideologia na formação do fascismo. Resultou de uma tendência internacional anti-iluminista que progressivamente submergiu todo o debate político na Europa. O fascismo foi, em primeira instância, um conjunto de projetos ideológicos complexos e coerentes, foi assim que os fascistas começaram por o entender, tendo a sua concretização em projetos políticos sido provocada por toda a elaboração teórica anterior.

⁴⁴ STERNHELL, Zeev. *Neither right nor left... op. cit...* pp. 20-21.

⁴⁵ PAYNE, Stanley G. *A history of fascism... op. cit...* pp. 67.

2. O Fascismo na Península Ibérica

2.1. O caso da FE de las JONS em Espanha

O fascismo chegou mais cedo a Espanha e a sua existência teve mais repercussões que em Portugal. No entanto, em ambos países os movimentos fascistas acabaram por ser absorvidos ou transformados por elites políticas autoritárias conservadoras que os cooptaram.⁴⁶ Em Espanha, após o fim da Primeira Guerra Mundial, a instabilidade social e política aumentou devido a uma série de fatores: o aumento da conflitualidade social, o descrédito do regime monárquico e a chegada de novos atores à cena política. A crise intelectual de finais do século XIX contribuiu para uma crise interna do regime monárquico espanhol. A crise do Pós-Primeira Guerra Mundial e o surgimento de novos atores políticos à esquerda – anarquistas e marxistas – suscitaram o aumento da conflitualidade social.⁴⁷ Esta, em conjunto com a instabilidade governativa, suscitou uma reação à direita, com a criação de organizações políticas que representaram uma associação entre a contrarrevolução e o ultranacionalismo violento, tornando-se entre elas cada vez mais aceite a perspetiva de que o regime monárquico liberal era incapaz de responder às ameaças – visão partilhada pelos militares que, através dos seus sindicatos e *juntas*, agitaram ainda mais a política, frustrados por sucessivos escândalos políticos e militares. Em paralelo com o descrédito do regime, novas tendências anti-liberais, anti-democráticas e ultra-nacionalistas começaram a ser adotadas pela direita espanhola. A influência do catolicismo sobre a cultura e pensamento político espanhóis atrasou, no entanto, a disseminação dos fascistas durante alguns anos.⁴⁸

Inspirados pelo pensamento nacionalista, regeneracionista e anti-liberal da geração de 1898 (*noventayochistas*), surgiram movimentos autoritários pelo país. José Ortega y Gasset, intelectual republicano conservador e espanholista, destacou-se por defender o regeneracionismo ultranacionalista como solução do que muitos consideraram ser uma grave crise cultural do país. Na Catalunha foram criadas a *Lliga Patriótica Española* e a *Somatén*, “[...] a medio camino entre lo que una mera unión cívica conservadora y los

⁴⁶ PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis e Salazar: Rolão Preto e o Fascismo em Portugal*. Lisboa: Edições 70, 2015, pp. 235-237.

⁴⁷ MATORELL, Miguel, JULIÁ, Santos. *Manual de historia política y social de España (1808-2011)*. Madrid: RBA Ediciones, 2019, pp. 217-225.

⁴⁸ CUEVAS, Pedro Carlos González. *El pensamiento político de la derecha española en el siglo XX: De la crisis de la Restauración (1898) a la crisis del Estado de partidos*. Madrid: Editorial Tecnos, 2016.

fasci di combattimento italianos [...]”⁴⁹, que auxiliaram o exército e a polícia na repressão da esquerda e de separatistas.⁵⁰ Estas forças, apesar de terem adotado aspetos ideológicos do fascismo, estavam submetidas às elites autoritárias conservadoras, católicas e contrarrevolucionárias, semelhantes às portuguesas, cujo pensamento era hegemónico na direita espanhola durante esse período.

Em 1923 o general Miguel Primo de Rivera liderou um golpe de Estado militar que forçou o rei Alfonso XIII a nomeá-lo para um regime ditatorial. Primo de Rivera governou até 1930 e destacou-se por nutrir simpatia pelo regime fascista italiano e ser apoiado por milícias fascizadas como *La Traza*, o *Somatén*, e movimentos tradicionalistas como a *Unión Patriótica Castellana* (UPC). Estes conjugaram a sua violência com a defesa da contrarrevolução e os valores tradicionais e religiosos espanhóis. Foi neles que a ideologia fascista se infiltrou. Segundo Joan María Thomaz, o regime primorriverista caracterizou-se ideologicamente pelo autoritarismo corporativo e tradicionalista, semelhante ao futuro Estado Novo português e distinto do fascismo italiano.⁵¹ Os seus mais destacados ideólogos resignaram-se a uma base teórica conservadora e contrarrevolucionária, defendendo um projeto autoritário monárquico e corporativo.⁵² No entanto, a UPC, que se consagrou a principal instituição política do regime, não se fascistizou nem desenvolveu uma substância ideológica concreta. Segundo Pedro Cuevas, “[...] Tanto Primo de Rivera como sus seguidores ignoraron por completo la necesidad de transcender su lenguaje político crasamente contrarrevolucionario y presentar ideales, «mitos», tareas, empresas colectivas, que posibilitaran la movilización popular.”⁵³ Para o filho do ditador, José Antonio Primo de Rivera, esta tornou-se uma lição, um erro crasso a evitar.⁵⁴

Foi após a demissão e morte do ditador, em 1930, que, em paralelo com as convulsões provocadas pela proclamação da Segunda República, os primeiros movimentos abertamente fascistas se fundaram. O filho do ditador, que se havia recentemente politizado, fez do início do seu percurso político, na UPC, a defesa do legado do pai e a

⁴⁹ THOMÁS, Joan Maria. *Los fascismos españoles*. Barcelona: Editorial Planeta, 2019, pp. 41.

⁵⁰ THOMÁS, Joan Maria. *Los fascismos... op. cit...* pp. 33-42.

⁵¹ *Idem*, pp. 55.

⁵² CUEVAS, Pedro Carlos González. *El pensamiento político... op. cit...* pp. 106.

⁵³ *Idem*, pp. 104.

⁵⁴ RIVERA, José Antonio Primo de. 1976. *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Editado por Agustín del Río Cisneros. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976. <https://www.rumbos.net/ocja/index.htm>, pp. 351.

sua transformação filofascista. Em 1930 fundou outro movimento, a *Unión Monárquica Nacional* (UMN), com um programa autoritário corporativo que regressava à constituição monárquica de 1876. No mesmo ano fundou-se o *Partido Nacionalista Español* (PNE), de José María Albiñana, cujo carácter ideológico se assemelhou ao *primorriverismo* anterior, se bem que liderado por um filofascista.⁵⁵ Em oposição aos monárquicos alfonsinos (apoiantes de Alfonso XIII) existia o *Comunión Tradicionalista Carlista* (*Comunión*), movimento nascido na década de 30 do século XIX e recentemente transformado pelo maurrasianismo francês, que defendeu um tradicionalismo católico autoritário e corporativista.⁵⁶ Os carlistas possuíam uma milícia paramilitar fanática denominada *Requeté*. Surgiu ainda no início da Segunda República o primeiro movimento político católico de massas do país, a CEDA, liderado por José Maria Gil-Robles. A adoção por parte da sua liderança de uma perspectiva “acidentalista” da república levou-os a aceitar o seu enquadramento neste regime, pretendendo transformá-lo por dentro no sentido corporativista e tradicionalista à semelhança do Estado Novo português e do *primorriverismo*.⁵⁷

A ideologia fascista infiltrou-se e disseminou-se no país através da progressiva fascização de vários setores da direita espanhola. A ideia de unificação das direitas com base num programa comum que defendia o derrube violento do regime republicano, justificando-o com críticas severas à democracia liberal – a denominada *contrarrevolución* – começou a medrar nos movimentos monárquicos e tradicionalistas que apoiaram os primeiros intelectuais fascistas espanhóis, em particular Ernesto Gímenez Caballero, Onésimo Redondo e Ramiro Ledesma Ramos.⁵⁸

Os monárquicos eram responsáveis pelo financiamento dos mais recentes movimentos fascistas ou filo-fascistas, que se agregaram em volta de revistas e jornais. Gímenez Caballero foi um dos primeiros intelectuais a teorizar o fascismo espanhol, tendo em 1931 colaborado, em conjunto com Ledesma, na revista *La Conquista del*

⁵⁵ THOMÀS, Joan Maria. *Los fascismos... op. cit...* pp. 59-61; CUEVAS, Pedro Carlos González. *El pensamiento político... op. cit...* pp. 139.

⁵⁶ BLINKHORN, Martin. *Carlism and Crisis in Spain, 1931-1939*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, pp. 1-3.

⁵⁷ PAYNE, Stanley G. *Fascism in Spain, 1923-1977*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1999, pp. 45.

⁵⁸ GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista: La formación de la cultura política del franquismo (1930-1950)*. Madrid: Editorial Crítica, 2014, pp. 155-176.

Estado, e a sua obra influenciado bastante os principais líderes fascistas espanhóis.⁵⁹ Nesse mesmo ano foi fundada a revista monárquica *Acción Española*, que tentou congrega a direita em volta de um projeto monárquico autoritário. Nela participaram monárquicos alfonsinos e carlistas, bem como fascistas e filo-fascistas. Estes intelectuais e pensadores propugnavam uma tática de deposição da República denominada *catastrofista*, que defendia a necessidade de derrubar o regime através de uma revolução violenta, por oposição à tática *accidentalista*. O conjunto da direita *catastrofista* reuniu todos os movimentos que defenderam um golpe de Estado violento, incluindo os alfonsinos e os carlistas, bem como os membros do PNE e fascistas como Gímenez Caballero e Redondo.⁶⁰ Entendiam ser necessário e inevitável um clima de guerra civil que alimentasse a retórica *catastrofista*, a ser aplicada quer no parlamento quer nas ruas contra a esquerda, de modo a justificar os seus fins radicais e violentos. Com o passar dos anos, os discursos antirrepublicanos professados nas Cortes foram dando lugar à violência nas ruas, amplificada pela imprensa de direita.⁶¹

O ambiente político começou a ferver com o surgimento de novos atores radicais na direita espanhola. José Antonio e Ramiro Ledesma Ramos, já fascizados, começaram a expor em revistas como a *Acción Española* as suas ideias para o país e, quando fundaram os seus primeiros movimentos, tornaram-se dependentes do financiamento monárquico.⁶² Segundo Santos Juliá, contavam-se muito poucos intelectuais fascistas no país, indicando ele “[...] Ledesma, Redondo, García Valdecasas, Sánchez Mazas, muy a su manera Gímenez Caballero, y poco más.” Foi apenas com a Guerra Civil que o seu isolamento se dissipou e o apoio ao fascismo se ampliou.⁶³ No entanto, o fascismo foi influenciando crescentemente a direita *catastrofista*, antes da guerra civil. Gímenez Caballero, por exemplo, publicou logo em 1932 a obra *Genio de España*, que apresentava o que se tornariam os temas centrais do fascismo espanhol: o imperialismo, o ultra-nacionalismo católico que se associava ao totalitarismo organicista, o anti-liberalismo, a admiração e identificação com o fascismo italiano através da herança latina comum. O autor foi

⁵⁹ GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 55.

⁶⁰ PRESTON, Paul. 2020. *A People Betrayed: A History of Corruption, Political Incompetence and Social Unrest in Modern Spain, 1874-2018*. Londres: William Collins, 2020, pp. 249-250.

⁶¹ CALLEJA, Eduardo González. 2016. Los discursos catastrofistas de los líderes de la derecha y la difusión del mito del « golpe de Estado comunista». *Varia*. 2016. Vol. 13, pp. 1-17. <https://doi.org/10.4000/argonauta.2412>

⁶² CUEVAS, Pedro Carlos González. *El pensamiento político... op. cit...* pp. 124.

⁶³ JULIÁ, Santos. 2015. *Historias de las dos Españas*. Madrid: Taurus, pp. 344-345.

influenciado pelos *noventayochistas*, expressando um pensamento caracterizado pelo ultranacionalismo messiânico.⁶⁴

Ramiro Ledesma foi um ensaísta e filósofo que criou, antes de José Antonio, um dos primeiros movimentos fascistas em Espanha, denominado Juntas de Ofensiva Nacional-Sindicalista (JONS) – o nome indicava a influência ideológica comum com o fascismo italiano – o sorelianismo francês. Foi, como Gímenez Caballero, influenciado pelos *noventayochistas*. Além dessas influências, incluíam-se as dos filósofos alemães que haviam desenvolvido o ultranacionalismo palingenético francês, italiano e germânico, que constituiriam o nacional-sindicalismo e o nacional-socialismo. Ledesma tornou-se o principal apologista do fascismo em Espanha, se bem que o seu movimento foi sempre bastante pequeno.⁶⁵ Em conjunto com advogado nazi Onésimo Redondo, Ledesma criou as JONS, através da junção dos seus dois grupos, em outubro de 1931. A agressividade do movimento granjeou-lhes alguma notoriedade antes ser reprimido pelas autoridades, em 1932. A retórica de Ledesma opôs o liberalismo aos totalitarismos, associado o primeiro às gerações mais velhas, à degeneração e à corrupção e o segundo à vitalidade, à regeneração e aos jovens. Pretendia, com este antagonismo, atacar o liberalismo e a democracia, bem como exaltar o revolucionarismo totalitário, vitalista e rejuvenecedor da nação.⁶⁶

José Antonio Primo de Rivera, em 1930, após um período de formação académica e militar, havia-se centrado no estudo de pensadores tradicionalistas, nacionalistas e fascistas. Aderiu à UMN, fundada nesse mesmo ano com o objetivo de defender o legado do seu pai. Foi nesse movimento que José Antonio apresentou as suas primeiras posições políticas, ainda muito pouco desenvolvidas. Segundo Payne, “[...] from the beginning, his posture was one of an authoritarian and militarist nationalism, coupled with strong economic demands.”⁶⁷ Após ter sido preso duas vezes por suspeitas de apoio a golpes militares de direita, José Antonio voltou à política em 1933, participando, entre outras atividades, no jornal *El Fascio*, criado por um grupo de fascistas influenciados pela obra de Gímenez Caballero. Foi um projeto efêmero que não se concretizou no seu objetivo de “[...] plataforma inicial del fascismo español [...]”, apesar de ter ajudado a expandir os

⁶⁴ GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 143- 155.

⁶⁵ PAYNE, Stanley G. *Fascism in Spain... op. cit...* pp. 59.

⁶⁶ JULIÁ, Santos. 2015. *Historias... op. cit...* pp. 346.

⁶⁷ PAYNE, Stanley G. *Fascism in Spain... op. cit...* pp. 73.

movimentos fascistas a si associados.⁶⁸ Nos anos anteriores havia investido noutra jornal madrilenho dedicado ao fascismo, no qual também escreveu Ramiro Ledesma. A sua publicação foi de curta duração, tendo sido rapidamente apreendido pelas autoridades republicanas. Durante os primeiros três anos da república, José Antonio havia, portanto, cultivado cada vez mais o seu interesse no fascismo, lendo sobre o nacional-sindicalismo, o nacional-socialismo e mesmo sobre o marxismo. Além disso José Antonio associou o seu filofascismo às leituras de espanholistas conservadores como Ortega y Gasset e Miguel de Unamuno, que o distanciaram de Ledesma e o levaram a uma tentativa de adaptação do nacional-sindicalismo ao espanholismo, elaborando um fascismo específico, enquadrado pelos valores tradicionalistas e pelo catolicismo.⁶⁹ O papel da Igreja Católica na construção da narrativa mítica espanholista tornou-se central para o pensamento *joseantoniano*.⁷⁰

Em 1933, José Antonio fundou, com Julio Ruíz de Alda e Rafael Sánchez Mazas, o *Movimiento Español Sindicalista – Fascismo Español* (MES-FE) que pareceu, segundo Payne, consistir numa tentativa de importação direta do fascismo italiano para Espanha.⁷¹ No entanto, segundo Julio Gil Pecharromán, este continuava a distinguir-se mais do fascismo italiano que as JONS pela sua componente ideológica católica e conservadora – razão pela qual os monárquicos lhe deram maior apoio.⁷² Durante este ano, o ativismo das JONS foi crescendo e os contactos entre o MES-FE e as JONS intensificaram-se. Através da celebração do Pacto de El Escorial, celebrado em agosto, o MES-FE passou a ser financiado pela *Renovación Española* (RE), o partido monárquico alfonsino *catastrofista* criado em 1933 por Antonio Goicoechea. Esta ação seria decisiva para a fusão entre ambos os movimentos e para a afirmação de José Antonio como futuro líder fascista.⁷³ O pacto teve como condição a adoção pelo MES-FE de um programa político conciliável com o tradicionalismo monárquico, se bem que enquadrado no fascismo.

Em outubro de 1933 José Antonio, Ruiz Alda e Alfonso García Valdecasas fundaram a *Falange Española* (FE). A 29 de outubro, dez dias depois da visita de José Antonio a

⁶⁸ GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 183-187.

⁶⁹ PAYNE, Stanley G. *Fascism in Spain... op. cit...* pp. 80.

⁷⁰ PRIORELLI, Giorgia. *Italian Fascism and Spanish Fascism in Comparison: Constructing the Nation*. Cham: Springer Nature, 2020, pp. 31-36.

⁷¹ PAYNE, Stanley G. *Fascism in Spain... op. cit...* pp. 85.

⁷² PECHARROMÁN, Julio Gil. *História de la Segunda República Española (1931-1936)*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2002, pp. 165.

⁷³ GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 210-211.

Mussolini, em Itália, celebrou-se a fundação do movimento, num evento no Teatro de la Comedia em Madrid, durante o qual os fundadores “[...] protagonizaron un «acto de afirmación españolista» [...], considerado como punto de inflexión en la hasta entonces vacilante trayectoria del fascismo español.”⁷⁴ Este tornar-se-ia o principal movimento fascista espanhol. A sua trajetória ideológica manteve-se de acordo com as orientações estabelecidas em El Escorial. As bases do seu programa defendiam o enquadramento totalitário da sociedade espanhola através dos valores da autoridade, hierarquia e ordem.⁷⁵ Através do que José Antonio considerou os órgãos naturais de enquadramento da sociedade, seguindo as visões corporativistas e organicistas – a família, o município, o sindicato, a corporação –, dominados pelo Estado fascista, o líder proclamava ser possível uma unidade total da pátria.⁷⁶ Em novembro deram-se eleições para as Cortes, as quais a direita católica *accidentalista* venceu, tendo sido também eleitos alguns deputados de extrema-direita monárquicos da *Comunión* e da RE. Os monárquicos alfonsinos e carlistas defendiam de forma cada vez mais vocal a retórica *catastrofista*, de derrube da república e edificação de um “Estado novo” autoritário, ultranacionalista e organicista. A retórica violenta aumentou, dividindo grande parte da direita o combate político entre o que consideravam a *Patria* e a *Antipatria*. A *Patria* consistiu, a seu ver, na Espanha que seguia os valores nacionalistas, organicistas e tradicionalistas que haviam sido corrompidos pelo liberalismo. A *Antipatria*, que os ameaçava, consistiu, a seu ver, no conjunto de toda a esquerda. Os discursos que promoviam um ambiente de guerra civil e apoiavam a possibilidade de golpe de Estado aumentaram.⁷⁷ Em novembro de 1933 formou-se um governo de coligação dominado pela CEDA que incluiu políticos *catastrofistas* da RE, o que aumentou a conflitualidade social e política.

No ano seguinte as JONS fundiram-se com a FE, fundando-se assim a *Falange Española de las Juntas de Ofensiva Nacional-Sindicalista* (FE de las JONS). As JONS cederam o seu símbolo e hino, bem como uma visão nacional-sindicalista mais revolucionária, associando-a ao fascismo joseantoniano, cujas componentes tradicionalista e nacionalista o distinguiram.⁷⁸ O principal movimento fascista espanhol passou por uma importante fase de transformação e definição própria, que o levou a se

⁷⁴ PECHARROMÁN, Julio Gil. *História... op. cit...* pp. 166.

⁷⁵ RIVERA, José Antonio Primo de. 1976. *José Antonio Primo de Rivera... op. cit...* pp. 165.

⁷⁶ Joan Maria Thomaz, *Los fascismos españoles* (Barcelona: Editorial Planeta, 2019), 87-88.

⁷⁷ GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 171-174; Calleja, “Los discursos catastrofistas,” 3.

⁷⁸ GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 213-216.

afirmar parte da tendência internacional fascista e, ao mesmo tempo, a defender as suas particularidades relacionadas com o nacionalismo espanholista e o tradicionalismo.⁷⁹ Giorgia Priorelli destacou, nas suas semelhanças, a centralidade do ultranacionalismo palingenético, organicista e renovador, enquanto que encontrou como única distinção ideológica fundamental o maior enfoque falangista no tradicionalismo.⁸⁰ Ferran Gallego destacou como as JONS haviam, antes da sua fusão com a FE, reivindicado para si a missão de empreender uma revolução regeneradora que se guiasse por uma adaptação do nacionalismo espanholista ao ultranacionalismo palingenético, concretizada num Estado totalitário. Tal significou a reivindicação para si da defesa do nacionalismo tradicionalista católico e unificador, até então bandeira dos monárquicos. Desta forma os fascismos das JONS e da FE se revelaram suficientemente semelhantes para se fundirem.⁸¹

A liderança do partido caiu nas mãos de José Antonio e foi neste período que o partido se consolidou ideologicamente, enquadrando o catolicismo e tradicionalismo na visão destino coletivo do nacional-sindicalismo espanholista que, no seu entender, o tornava, mais que uma ideologia política, um estilo de vida próprio.⁸² Entretanto, durante os anos de 1933 e 1934, a violência política aumentou. Ataques e represálias entre esquerdistas radicais e fascistas sucederam-se com crescente agressividade.⁸³ O jornal foi proibido, mas o partido continuou legal. José Antonio alternou entre o incitamento à violência e a sua condenação.⁸⁴ As batalhas nas ruas que mais contribuíram para o conhecimento da FE de las JONS, no entanto, apesar disso, o crescimento da FE de las JONS abrandou.⁸⁵ Tendo sido eleito deputado nas Cortes (o parlamento da república), José Antonio estava em junho de 1934, isolado e a ser investigado por posse de armas. Para piorar a situação, cresceu um coro de críticas interno que o acusou de excessiva moderação. Na perspectiva da esquerda, a FE de las JONS nem era considerada a principal ameaça, considerando que a CEDA representava o “fascismo objetivo”.⁸⁶ Entretanto, a retórica *catastrofista* ia crescendo nas Cortes. A FE de las JONS aproveitou a revolta de outubro de 1934 nas Astúrias para demonstrar o seu potencial, colocando-se ao lado das autoridades e dos militares na repressão. Realizou-se a primeira manifestação de massas liderada pelo

⁷⁹ PAYNE, Stanley G. *Fascism in Spain... op. cit...* pp. 96; *Idem*, pp. 145-146.

⁸⁰ PRIORELLI, Giorgia. *Italian Fascism... op. cit...* pp. 19-48.

⁸¹ GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 179-181.

⁸² *Idem*, pp. 209-227.

⁸³ PAYNE, Stanley G. *Fascism in Spain... op. cit...* pp. 102-114.

⁸⁴ *Idem*, pp. 114.

⁸⁵ GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 226.

⁸⁶ PAYNE, Stanley G. *Fascism in Spain... op. cit...* pp. 123.

movimento falangista, mas José Antonio tinha noção da incapacidade do movimento de começar uma revolução por si próprio.⁸⁷ Depois da rebelião asturiana, o Consejo Nacional do movimento apresentou um novo programa que enfatizou todas as características essenciais da ideologia fascista.⁸⁸ Segundo Gallego, o movimento falangista conseguiu uma síntese doutrinal,

“[...] entre el clasicismo elitista de Falange y las atitudes románticas populistas presentes en las JONS. Síntesis entre los conceptos de nación, imperio y tradición [...]. Síntesis para llegar a un mismo concepto de la violencia [...]. Síntesis, sobre todo, en el tema fundamental: que la organización fascista aparecía como resultado y formando parte del proceso de movilización y radicalización de las derechas, es decir, en la fascistización que iba a caracterizar su dinámica en los próximos años.”⁸⁹

Consolidou-se assim o programa do movimento fascista espanhol, que se manteve inalterado até 1937. Ainda em 1934, os alfonsinos da RE radicalizaram-se, adotando o integrista tradicionalista e católico, iliberal e próximo do maurrasianismo adotado pelos carlistas. Enquanto o fizeram, criaram o *Bloque Nacional*, uma coligação cujo objetivo era formar uma frente de direita que, tal como a CEDA *accidentalista*, construísse um *Estado nuevo* monárquico, autoritário e corporativo através do interior do regime, por oposição à sua destruição violenta através de uma revolução. Em oposição ao *Bloque*, os fascistas isolaram-se na posição de rutura total com o regime, rejeitando a tática dos monárquicos.⁹⁰ Prova disto foi a atitude de José Antonio face ao convite para integração da FE de las JONS no *Bloque Nacional*, que esbarrou com a rejeição de José Antonio, por consideravá-lo incompatível com os objetivos revolucionários da Falange.⁹¹ Em consequência, o financiamento da RE à Falange terminou.

Ledesma havia justificado a fusão com base em dois motivos: “[...] la imposibilidad de crecimiento jonsista y la esperanza de poder modificar la línea de Falange desde el interior de una nueva organización.”⁹² Face à incapacidade de concretizar esses objetivos, entrou em choque com José Antonio. Este último conseguiu mitigar uma possível cisão interna ao isolar a consequente expulsão de Ledesma, garantindo que o grosso das JONS se mantinha no movimento. Ledesma não só foi expulso, como a sua tentativa de

⁸⁷ PAYNE, Stanley G. *Fascism in Spain... op. cit...* pp. 126.

⁸⁸ THOMÁS, Joan Maria. *Los fascismos... op. cit...* pp. 106.

⁸⁹ Gallego, *El Evangelio Fascista*, 232-233.

⁹⁰ *Idem*, pp. 239-241.

⁹¹ THOMÁS, Joan Maria. *Los fascismos... op. cit...* pp. 109.

⁹² GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 228.

reorganização de umas JONS independentes falhou. A Falange manteve a influência política e ideológica de Ledesma, enquanto o poder de José Antonio se consolidou e a instabilidade interna foi abafada, conseguindo-se a lealdade da maior parte da JONS.⁹³ Segundo Gallego, Ledesma não foi propriamente mais radical que José Antonio, mas tinha sim uma noção ideológica e estratégica mais concreta do movimento que o seu líder. José Antonio, era, por sua vez, mais pragmático e carismático que Ledesma, se bem que também mais vacilante e incoerente, o que levou Ledesma a denunciar a falta de rumo da FE de las JONS.⁹⁴ As condições, em inícios de 1935, não eram promissoras.

Apesar da estagnação do *movimiento*, José Antonio ascendeu à posição de líder incontestável. O número de militantes cresceu relativamente pouco e a grande maioria destes eram jovens estudantes com uma noção pouco clara do programa do movimento.⁹⁵ Entretanto, até 1936, sucessivas negociações com sindicatos de esquerda falharam e o governo de centro-direita continuou a reprimir a propaganda da FE de las JONS. No entanto, apesar do seu isolamento, a militância e apoio ao movimento voltaram, pouco depois, a crescer. A ação política do *movimiento* foi, a partir daí, marcada pela paradoxal atitude de José Antonio: Enquanto afirmava o carácter defensivo dos atos violentos de falangistas e, por vezes, clamava contra a ação violenta, defendeu também a revolta armada contra a República, exaltando a ação dos militares.

A instabilidade política aumentou e o *Bloque Nacional* caiu, desencadeando novas eleições. Face à nova ameaça de uma coligação de esquerda, a FE de las JONS aproximou-se da restante direita e estabeleceu negociações para a criação de uma nova coligação. As negociações falharam, mas o *movimiento* deixou, no entanto, claro que apoiariam os militares caso a esquerda vencesse as eleições e estes se revoltassem, como fizeram.⁹⁶ Apesar da retórica do partido, o líder falangista vacilou quanto à inevitabilidade da guerra civil, pelo menos até à sua eclosão, em contraste com a maior parte dos falangistas.⁹⁷ Ao contrário de Ledesma, que encarava a possibilidade de uma guerra civil como algo desejável e inevitável, José Antonio cingiu-se à retórica revolucionária, em

⁹³ PAYNE, Stanley G. *Fascism in Spain... op. cit...* pp. 134-136.

⁹⁴ GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 253-254.; *Idem*, pp. 249-250; *Idem*, pp. 272.

⁹⁵ PAYNE, Stanley G. *Fascism in Spain... op. cit...* pp. 166.

⁹⁶ PAYNE, Stanley G. *Fascism in Spain... op. cit...* pp. 180-183.

⁹⁷ *Idem*, pp 187.

detrimento da sua concretização política, variando entre momentos de radicalismo violento e outros de maior moderação.⁹⁸

A vitória da Frente Popular de esquerda nas eleições de fevereiro de 1936 acelerou o vórtice de radicalização, tensão e violência política no país. À violência política nas ruas, o novo governo respondeu com a amnistia de presos políticos e a prisão em massa de membros da extrema-direita. As ações violentas dos milicianos falangistas aceleraram a desestabilização da ordem pública e granjearam reconhecimento no seio de uma direita crescentemente radicalizada e recetiva aos valores fascistas, o que levou ao aumento das adesões. Segundo Payne: “There is no question [...] that the now clandestine Falange had become a lethal and murderous organization, more purely oriented toward violence at this point than any other in Spain.”⁹⁹

José Antonio, ele próprio radicalizado, focou-se na busca por oficiais do exército dispostos a provocar uma insurreição. Era outra posição que o distinguiu de Ledesma, que defendia uma revolução através da mobilização das massas populares.¹⁰⁰ José Antonio chegou a contactar Franco, tendo como condição uma posição de liderança no eventual golpe, mas este foi evasivo e hesitante. Não conseguindo apoio suficiente, a Falange viu-se forçada a aceitar um golpe planeado à sua margem – o golpe de 17 de julho de 1936, que iniciou a Guerra Civil Espanhola. A FE de las JONS apoiou-o mantendo, no entanto, autonomia face às demais forças militares e paramilitares envolvidas.

Paradoxalmente, o *movimiento* que havia acabado de alcançar o objetivo fundamental de se transformar num partido fascista de massas,¹⁰¹ viu-se rapidamente decapitado da sua liderança, vítima de novas vagas de encarceramento de direitistas nas zonas controladas pela República. José Antonio foi enviado para a prisão Modelo, em Madrid. Ironicamente, a FE de las JONS não havia conseguido nem um deputado nas mesmas eleições em que se elegeu a Frente Popular, meses antes do início da guerra civil. Entretanto, a capacidade de liderança de José Antonio a partir da prisão foi erodindo. O líder falangista pareceu, nos seus últimos meses de vida, demonstrar-se avesso à guerra,

⁹⁸ GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 273-275.

⁹⁹ PAYNE, Stanley G. *Fascism in Spain... op. cit...* pp. 190.

¹⁰⁰ GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 276.

¹⁰¹ *Idem*, pp. 296.

apesar do contributo que o seu movimento e ele próprio haviam dado para a sua eclosão e de constar nos seus objetivos políticos revolucionários.¹⁰²

O líder que sucedeu a José Antonio, Manuel Hedilla, careceu do carisma e da capacidade de liderança do seu antecessor, apesar de ter consciência das necessidades mais prementes do *movimiento*.¹⁰³ Em novembro de 1936, após a sua transferência para a prisão de Alicante, José Antonio foi executado, junto com milhares de falangistas presos, vítimas dos principais massacres na zona republicana, cujo principal exemplo foi o de Paracuellos del Jarama. Em contrapartida, os falangistas participaram nos piores atos de violência e terror sistemáticos na zona nacionalista. Segundo Payne, apesar das suas contradições internas, é inevitável, tendo em conta o seu pensamento, caracterizar José Antonio como um fascista convicto cujo pensamento e ação política contribuíram diretamente para a guerra civil.¹⁰⁴

Após a implementação do *mando único* de Franco na zona nacionalista, em setembro de 1936, a FE de las JONS não só continuou a sua transformação num partido de massas, como conseguiu também a proliferação dos seus órgãos de propaganda. Através deles se apresentaram, por um lado, clarificações programáticas da ideologia falangista e, por outro, se expressou o apreço pelo nazismo e o fascismo italiano. Algumas publicações falangistas mais radicais quebraram a associação *joseantoniana* entre tradicionalismo e nacional-sindicalismo, apresentando um discurso demagógico exclusivamente fascista que levou à censura de algumas das suas publicações.¹⁰⁵

Poucos meses depois, em abril de 1937, após conseguir a divisão interna da Falange e a lealdade total das restantes forças políticas de direita – as JAP da CEDA e os carlistas –, Franco conseguiu destruir a autonomia da Falange e, afastando Hedilla e os seus lealistas mais próximos, implementou a fusão da Falange com a *Comunión*. A base do programa do que se passaria a denominar Falange Española Tradicionalista y de las JONS (FET JONS) assentou nos vinte e sete pontos da FE de las JONS, pelo que o carácter fascista do novo movimento manteve-se praticamente intocado. Franco tentou posteriormente dissociar o regime do seu carácter fascista, no entanto, tal não o impediu

¹⁰² PAYNE, Stanley G. *Fascism in Spain... op. cit...* pp. 212-215.

¹⁰³ THOMÁS, Joan Maria. *Los fascismos... op. cit...* pp. 124; PAYNE, Stanley G. *Fascism in Spain... op. cit...* pp. 249-252.

¹⁰⁴ *Idem*, pp. 235; BEEVOR, Anthony. *A Guerra Civil de Espanha*. Lisboa: Bertrand, 2022, pp. 96.

¹⁰⁵ PAYNE, Stanley G. *Fascism in Spain... op. cit...* pp. 252-254.

de construir uma máquina de terror semelhante à nazi, que se manteve até finais da década de 1940.¹⁰⁶ Como José Antonio, o *generalíssimo* compreendeu a importância de evitar o erro de Miguel Primo de Rivera, conferindo ao regime uma substância ideológica sólida e coesa, alicerçada na associação do tradicionalismo ao fascismo, mantendo este último a preponderância na síntese ideológica.¹⁰⁷ Na prática, no entanto, a submissão de todo o regime a Franco retirou capacidades ao Estado totalitário e fez o regime transformar-se, anos depois, num autoritarismo conservador e católico, se bem que altamente repressivo e fascizado.¹⁰⁸

Neste contexto, a Falange tornou-se o partido mais beneficiado pelo golpe de 18 de julho e pela guerra civil, garantindo a sua hegemonia no futuro cenário político.¹⁰⁹ Por outras palavras, a Falange concretizou o objetivo de garantir o estabelecimento de um regime que adotasse pelo menos a maior parte do seu programa político nacional-sindicalista, ou seja, fascista. A Falange conseguiu, assim, tornar-se a representante oficial da “cruzada” nacionalista, contra a *Antipatria*, e implantar no franquismo um forte cunho fascista.¹¹⁰

2.2. O caso do Nacional-Sindicalismo português

Em Portugal o fascismo disseminou-se praticamente ao mesmo tempo que em Espanha. No entanto, demorou mais para que surgisse um movimento plenamente fascista. Segundo António Costa Pinto, “[...] o Nacional-Sindicalismo foi o ponto de unificação tardio de uma corrente fascista constituída a partir da ampla mas dividida família da direita radical portuguesa do Pós-Guerra. [...] O fascismo português foi profundamente influenciado, política e ideologicamente, pelo Integralismo Lusitano.”¹¹¹

¹⁰⁶ PAYNE, Stanley G. *Fascism in Spain... op. cit...* pp. 270-272; PRESTON, Paul. *A People Betrayed: A History of Corruption, Political Incompetence and Social Unrest in Modern Spain, 1874-2018*. Londres: William Collins, 2020., pp. 524-573.

¹⁰⁷ PAYNE, Stanley G. *Fascism in Spain... op. cit...* pp. 240; CUEVAS, Pedro Carlos González. *El pensamiento político... op. cit...* pp. 27; PRIORELLI, Giorgia. *Italian Fascism... op. cit...* pp. 9-10.

¹⁰⁸ *Idem*, pp. 53-54.

¹⁰⁹ GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 456-462.

¹¹⁰ *Idem*, pp. 464-467; PRIORELLI, Giorgia. *Italian Fascism... op. cit...* pp. 56.

¹¹¹ PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis... op. cit...* pp. 21-22.

Devemos começar, então, pela análise desse movimento cimeiro da direita portuguesa de inícios do Século XX. O Integralismo Lusitano (IL) foi um movimento político monárquico autoritário centrado no debate ideológico anti-liberal, antirepublicano, nacionalista, autoritário e tradicionalista. Os seus membros não eram, no entanto, todos da mesma cor política. Além de monárquicos defensores de uma perspectiva anti-liberal, inspirada na corrente miguelista que remontava à primeira metade do séc. XIX, existiam republicanos nacionalistas – como um dos principais ideólogos do movimento, António Sardinha, que se “converteu” depois ao monarquismo e ao catolicismo.¹¹²

Costa Pinto destacou a influência que o movimento *Action Française* exerceu sobre a ideologia dos integralistas. Este surgiu em França, no contexto da crise intelectual de finais do séc. XIX e inícios do séc. XX e influenciou vários outros, como a *Comunión Tradicionalista Carlista* em Espanha. O objetivo de Charles Maurras, filósofo e seu fundador, era construir uma nova tendência na direita nacionalista francesa que associasse a rejeição do iluminismo (anti-liberalismo, anti-individualismo, anti-racionalismo, anti-semitismo, etc.) à defesa do tradicionalismo monárquico, do organicismo corporativista e do nacionalismo autoritário.¹¹³ O IL adotou esta perspectiva, inclusive o anti-semitismo.¹¹⁴ Ainda segundo Sternhell,

“The Maurrassian movement at that time was a radical, combative young movement, sufficiently close to a certain form of national socialism to attempt a genuinely fascist synthesis. First of all, the left-wing Maurrassians deliberately laid stress on the element they had in common with the extreme left-wing socialists: a hatred of democracy and liberalism. To the integral nationalists, democracy was antinational; to the revolutionary syndicalists, it was antisocial. To both, it had no legitimacy, it was contrary to nature – it symbolized evil. Consequently, from 1900 onward, one finds in Action Française circles a "socialist-monarchist" or "monarchist-socialist" ideology.”¹¹⁵

Os maurrasianos tentaram ganhar apoiantes nas massas proletárias até ao início da I Guerra Mundial, através desse apelo comum à rejeição do liberalismo e a promoção de um revolucionarismo reacionário. Em particular, tentaram disputar esse campo com o nacional-sindicalismo florescente, tendo ambos os movimentos se influenciado.¹¹⁶ Os

¹¹² PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis... op. cit...* pp. 23-24.

¹¹³ STERNHELL, Zeev. *Neither right nor left: fascist ideology in France*. Princeton: Princeton University Press, 1986, pp. 44-46

¹¹⁴ MEDINA, João. António Sardinha, anti-semita. *A Cidade – Revista Cultural de Portalegre*. Julho-dezembro 1988. nº 2, pp. 45-122.

¹¹⁵ STERNHELL, Zeev. *Neither right nor left... op. cit...* pp. 60.

¹¹⁶ *Idem*, pp. 62.

fundadores do IL tiveram contacto com a *Action Française* ainda na universidade de Coimbra, onde se politizaram após a Implantação da República portuguesa, em 1910. Os integralistas associaram a república ao liberalismo e repudiaram-nos, defendendo um monarquismo corporativo, autoritário e orgânico. Alguns integralistas participaram nas incursões monárquicas de 1911 e 1912, devido às quais se exilaram em França e na Bélgica, onde tiveram maior contacto com o ultranacionalismo e o maurrasianismo.¹¹⁷

A atuação política do IL iniciou-se apenas em 1917, com a aproximação ao sidonismo. No entanto, face à tentativa de Sidónio Pais de criar um novo partido do regime, os integralistas mantiveram a sua independência. Surgiu ainda nesse ano o órgão de propaganda do movimento, o diário *A Monarquia*.¹¹⁸ Após o fim do regime sidonista, o movimento voltou a focar-se no ativismo e conspiração pró-monárquicos. As suas estruturas políticas implantaram-se principalmente no interior centro e norte, tendo tido fraca presença nas cidades, o que não impediu o IL de fundar as Juntas Escolares nos centros urbanos, lideradas por jovens estudantes que enalteceram Mussolini e Miguel Primo de Rivera. O seu carácter elitista afastou o integralismo das massas, apesar de surgir no seu seio um núcleo fascizado que o defendeu. Apesar do insucesso da sua implantação entre as massas, o integralismo foi-se infiltrando nas forças militares, em particular entre os jovens da academia militar. Após a queda do seu regime, grande parte dos militares sidonistas aproximaram-se da extrema-direita, frustrados com o insucesso dos golpes pró-monárquicos de 1918 e 1919.¹¹⁹

Desde 1922 que o IL foi enfraquecendo continuamente, tendo para tal contribuído a morte de António Sardinha, bem como o golpe militar de 18 de maio de 1926. Como afirmou Costa Pinto, “Muito embora com um papel importante na primeira fase da Ditadura Militar, a nova situação política determinou novas clivagens na já diluída esfera de influência integralista. A opção fascista colocou-se a grande parte do setor juvenil e dos simpatizantes militares.”¹²⁰ Foi saído desse núcleo fascizado que se destacou uma jovem figura, Francisco Rolão Preto. Escritor e académico de Coimbra, juntou-se ao movimento como secretário da revista *Alma Portuguesa*, na Bélgica, em 1913, altura em que fazia parte da comunidade monárquica portuguesa emigrada.¹²¹ Durante esse período

¹¹⁷ PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis... op. cit...* pp. 25-26.

¹¹⁸ *Idem*, pp. 31.

¹¹⁹ *Idem*, pp. 36.

¹²⁰ PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis... op. cit...* pp. 36.

¹²¹ *Idem*, pp. 37.

contactou com o próprio Charles Maurras. Desde a experiência sidonista que Rolão Preto se destacou por se demonstrar combativo e propugnar a ação política. O seu enfoque na questão social fê-lo tornar-se apoiante do corporativismo maurrasiano, em contraposição ao socialismo marxista, que considerava ser uma excrecência do liberalismo. Enquanto monárquico integralista, destacou-se pela sua produção escrita em vários jornais do IL, onde foi presença assídua.

A sua filiação ao maurrasianismo desfez-se na década de 1920, período durante o qual se aproximou de Georges Valois.¹²² Durante a Primeira Guerra Mundial teve também contacto com as teorias de Georges Sorel, tornando-se este outra figura de referência para si. Valois afastou-se do maurrasianismo originário e fundou um movimento fascista em França, o *Faisceau*, em 1925. Como Rolão Preto anos mais tarde, este opôs-se ao maurrasianismo por considerar que faltava ao *Accion Francaise* o ímpeto revolucionário que encontrou no fascismo, e fundou o primeiro movimento político com um programa nacional-socialista em França.¹²³ Rolão Preto contactou também com os nacional-sindicalistas italianos. Devido a estas influências, “[...] Preto manter-se-á sempre na esfera cultural deste neonacionalismo latino, profundamente marcado pela ideologia imperial e civilizacional dos povos herdeiros da latinidade, obreiros da descoberta do mundo, «colonizadores e guerreiros».”¹²⁴ Por outro lado, a guerra confirmou, para Rolão Preto, a falência do liberalismo e do internacionalismo marxista, em contraposição com o nacionalismo autoritário, orgânico e corporativo que, durante a década de 1920, promoveu no seio do IL. Foi um dos ativistas integralistas que mais tentou fomentar a criação de sindicatos integralistas esperando, no entanto, uma diminuta base de apoio no operariado português.¹²⁵

O apelar a um movimento de massas e o carácter inovador e revolucionário do nacional-sindicalismo levaram Rolão Preto a aderir a esta ideologia. Depois de uma fase de maior contacto com nacionalistas italianos como Enrico Corradini (cuja referência, como para Mussolini, era Gabriele D’Annunzio), Rolão Preto aproximou-se do movimento fascista e apreciou a ação violenta dos *fasci di combattimento*.¹²⁶ A partir de 1922, integrando já a Junta Central do IL, passou a defender a fascização do sindicalismo

¹²² PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis... op. cit...* pp. 38.

¹²³ STERNHELL, Zeev. *Neither right nor left... op. cit...* pp. 98-100; *Idem*, pp. 104.

¹²⁴ PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis... op. cit...* pp. 41.

¹²⁵ *Idem*, pp. 45.

¹²⁶ *Idem*, pp. 50.

integralista. Apesar de reconhecer que não havia ainda condições para a criação de semelhante movimento em Portugal e não pretendendo a sua importação, começou a suscitar apreensão da parte dos seus colegas mais conservadores e tradicionalistas.¹²⁷

Entretanto, durante a década de 1920, sucederam-se outros movimentos fascistas em Portugal. Em primeiro lugar, surgiu a *Cruzada Nuno Álvares Pereira*, em 1918. De seguida, surgiu o *Nacionalismo Lusitano*, criado em 1923. O líder deste segundo, João de Castro Osório, tentou que Rolão Preto aderisse ao seu movimento, mas sem sucesso. Este foi um movimento efémero que se dissolveu com o insucesso do golpe de Estado de 18 de abril de 1925, tendo-se destacado por ter sido o movimento mais próximo do fascismo italiano naquele período.¹²⁸ Reuniu nacionalistas de vários quadrantes, como o general Gomes da Costa, bem como muitos tenentes que participaram no golpe de 1926, e outros jovens integralistas, como os futuros nacionais-sindicalistas Pequito Rebelo e Castro Fernandes.¹²⁹

O golpe de Estado de 28 de maio de 1926 mudou o cenário político português, derrubando a débil República e instalando um regime militar autoritário. Além da *Cruzada Nun'Alvares* (*Cruzada*), outros movimentos apoiaram o golpe, incluindo o próprio IL, tendo assim beneficiado do apoio da direita fascizada.¹³⁰ Próximo do general Gomes da Costa, que sucedeu a Mendes Cabeçadas na presidência da República e na presidência do Conselho de Ministros, Rolão Preto incentivou uma atitude mais agressiva e radical por parte do novo regime e fundou o jornal *A Revolução*, efémero órgão ligado à extrema-direita fascizada. Meses depois, Gomes da Costa foi afastado dos seus cargos por generais conservadores e, em consequência disso, a direita fascista acabou por ficar definitivamente de fora da solução do regime. Foi o conservadorismo autoritário, católico e corporativo que acabou dominá-lo, tornando-se Salazar, nos anos seguintes, o seu mais poderoso representante. Rolão Preto ainda participou noutro golpe que pretendia a radicalização da revolução, liderado por Filomeno da Câmara (o denominado “golpe dos Fifis”). Este falhou e Rolão Preto afastou-se da ação política, dedicando-se à propaganda nacional-sindicalista no seio de um novo movimento de extrema-direita: a Liga 28 de Maio (Liga).¹³¹ Este movimento agregou a direita radical que pretendia ir além do

¹²⁷ PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis... op. cit...* pp. 53.

¹²⁸ *Idem*, pp. 66.

¹²⁹ *Idem*, pp. 70.

¹³⁰ *Idem*, pp. 75.

¹³¹ *Idem*, pp. 88-89.

autoritarismo conservador, em plena consolidação do regime, em finais de 1927. O partido da nova Ditadura foi abandonado após um plebiscito do general Carmona que o confirmou enquanto presidente da República.¹³² Enquanto Salazar, sob aval de Carmona, se consolidava no poder, a Liga foi crescendo e fascitizando-se, absorvendo a *Cruzada*.

O IL também cresceu, se bem que pouco, durante esta década. A Junta Escolar de Lisboa foi organizada por dois integralistas jovens e fascizados que futuramente iriam incorporar o Nacional-Sindicalismo: António Tinoco e Dutra Faria. Vários integralistas incorporaram também a Liga, que se distinguiu do que se iria tornar o partido único da ditadura salazarista, o União Nacional (UN), em 1932, e do IL, pela sua orientação para a política de massas.¹³³ Cresceu uma tensão interna entre a direção da Liga, apoiante e próxima da Ditadura, e as suas bases locais, hostis à mesma.¹³⁴ Em resposta à sua radicalização, Salazar neutralizou-a através da sua absorção pelo UN. Esta foi a sua tática de eleição para lidar com movimentos de direita que competissem com o partido único, criado para enquadrar as diferentes tendências do regime, garantindo a hegemonia do conservadorismo autoritário e corporativo, avesso a qualquer revolucionarismo.¹³⁵ Rolão Preto, entre os anos de 1927 e 1932, organizou parte da oposição fascizada com o objetivo de, enfraquecidos o IL e a Liga, reunir esse setor num novo partido fascista.

O Movimento Nacional-Sindicalista português (MNS) foi criado pelo grupo fundador do jornal *Política* – a Junta Escolar de Lisboa. Além do próprio Rolão Preto, destacaram-se entre os seus fundadores António do Amaral Pyrrait, Dutra Faria, Franz D’Almeida Langhans, aos quais se juntaram pouco tempo depois António Pedro, Barradas de Oliveira, Pereira de Matos, António Tinoco, entre outros jovens integralistas e militantes da Liga.¹³⁶ O ímpeto para a sua fundação surgiu num banquete integralista realizado no Luso, em 1930, no qual Rolão Preto e Alberto de Monsaraz discursaram, exaltando o fascismo.¹³⁷ Foi do IL que partiu o grosso dos militantes do MNS. Rolão Preto refletiu o sentimento da necessidade de uma Revolução Nacional fascista, partilhado pelos membros da Liga 28 de Maio e da juventude do IL: “O Nacional-Sindicalismo é, na verdade, o Integralismo Lusitano que se ultrapassa em todos os seus aspetos formais. É a

¹³² PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis... op. cit...* pp. 88-89.

¹³³ *Idem*, pp. 94

¹³⁴ *Idem*, pp. 96-97.

¹³⁵ PINTO, António Costa. ‘Chaos’ and ‘Order’: Preto, Salazar and Charismatic Appeal in Inter-war Portugal. *Totalitarian Movements and Political Religions*. Junho 2006. Vol. 7, nº 2, pp. 206.

¹³⁶ PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis... op. cit...* pp. 103.

¹³⁷ *Idem*, pp. 104.

Contra-Revolução que para além de si própria se torna Revolução.”¹³⁸ Esta perspetiva foi difundida no jornal *Revolução*, fundado em 1932 por um grupo de estudantes fascistas da Universidade de Lisboa que pretendiam destacar-se na ação de massas, à imagem do nazismo alemão.¹³⁹ Consistiu numa continuação do radicalismo do anterior jornal *A Revolução*, publicado entre 1922 e 1923, que havia juntado as correntes integralistas do sindicalismo contrarrevolucionário e monárquico de George Valois ao nacional-sindicalismo soreliano.¹⁴⁰ Cecília Barreira considerou existir uma continuidade ideológica entre o sindicalismo orgânico propugnado por Rolão Preto em 1922-23 e o do MNS, uma década depois.¹⁴¹ António Pedro e Dutra Faria fundaram também o jornal *Ação Nacional* em 1931. Foram prezados pelas JONS espanholas, devido à sua iniciativa e proximidade ideológica com o fascismo, bem como criticados, por outro lado, por continuarem a apoiar a monarquia e o tradicionalismo.¹⁴² Em 1932 os grupos conseguiram absorver grande parte da juventude integralista.

O grupo do jornal *Revolução* constituiu a estrutura fundadora do MNS, tendo sido acompanhado por grande parte dos integralistas mais jovens, influenciados por Rolão Preto e Alberto Monsaraz, os mais jovens membros da Junta Central integralista. As estruturas locais do MNS também foram construídas por jovens militantes, como no caso do Algarve.¹⁴³ Na fundação do movimento, segundo Costa Pinto, “Rolão Preto encarnou a ponte entre o velho tradicionalismo integralista e um fascismo soreliano dos anos 20, mas a jovem elite nacional do seu movimento foi marcada pelas dimensões mais «modernas» do fascismo.”¹⁴⁴ O MNS começou desde cedo a destacar-se através do seu ativismo desafiador, crítico do que consideravam a inércia salazarista. O movimento começou a organizar eventos públicos de propaganda à imagem dos fascistas, inclusive desfiles paramilitares e eventos de culto ao líder nacional-sindicalista. A sua notoriedade provocou a reação quer de forças de esquerda antifascistas, quer da direita menos

¹³⁸ CAZETTA, Felipe. Integralismo Lusitano e Nacional Sindicalismo: movimentos de extrema-direita em contato com ditaduras em Portugal (1913-1932). *Cadernos de História*. Maio 2015. Vol. 16, nº 24, pp. 38. <https://doi.org/10.5752/P.2237-8871.2015v16n24p30>

¹³⁹ PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis... op. cit...* pp. 105.

¹⁴⁰ LEAL, Ernesto Castro. Nacionalismo e Antiliberalismo em Portugal. Uma visão histórico-política (1820-1940). *Historia Crítica*. Abril-junho 2015. nº 56, pp. 119. <https://doi.org/10.7440/historcrit56.2015.05>

¹⁴¹ BARREIRA, Cecília. Sindicalismo e integralismo: o jornal «A Revolução» (1922-1923). *Análise Social*. 1981. Vol. 17, nº 67-68, pp. 827-838.

¹⁴² PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis... op. cit...* pp. 105-106.

¹⁴³ *Idem*, pp. 110-112.

¹⁴⁴ *Idem*, pp. 116.

radical.¹⁴⁵ O auge do movimento sucedeu aquando da organização do banquete comemorativo do primeiro aniversário do jornal *Revolução*. O líder do MNS tornou-se incontestável dentro do movimento e este começou, então, a desafiar as comemorações oficiais do golpe de 28 de maio de 1926, afirmando ser o representante da vanguarda da Revolução Nacional, bem como da sua juventude.¹⁴⁶

Em 1933, no comício de Braga, marcado simbolicamente no dia 28 de maio e num local próximo do quartel de onde saíram as forças do general Gomes da Costa, Rolão Preto ameaçou diretamente o governo de Salazar. Este último estava cada vez mais apreensivo com o MNS, e com razão, tendo em conta a escalada da tensão política e a violência na rua provocada pelos seus militantes.¹⁴⁷ Salazar respondeu à ação revolucionária do movimento recusando a autorização de um outro grande comício em Coimbra.

O crescimento do MNS suscitou as primeiras divisões internas. Como se verificou no caso da FE de las JONS, passou-se a distinguir o pensamento do líder do de um núcleo interno ainda mais radical, que apoiava o nacional-socialismo alemão. No caso da FE de las JONS tal setor interno correspondeu às JONS de Ledesma e, em particular à influência de Onésimo Redondo. No caso do MNS, Costa Pinto indicou, por exemplo, o filonazismo de António Tinoco.¹⁴⁸ A atividade do MNS cingiu-se aos centros urbanos, se bem que o período de existência das suas casas sindicais foi curto, tendo sido proibidas, como o próprio movimento, em 1934. Em Espanha, os sindicatos da FE de las JONS foram também um rotundo insucesso quer nas zonas urbanas, quer nas zonas rurais.¹⁴⁹

A proximidade entre o MNS e os seus congéneres estrangeiros foi-se intensificando. Em particular, o MNS exaltou a chegada de Hitler ao poder, bem como estreitou relações com a FE de las JONS, em Espanha. A sua proximidade chegou ao ponto de Rolão Preto ter sido acolhido pelo líder falangista, durante parte do seu exílio, a partir de 1934. As relações entre fascistas espanhóis e portugueses era anterior à própria fundação do MNS e da FE de las JONS.¹⁵⁰ Em termos programáticos, o MNS também se aproximou bastante

¹⁴⁵ PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis... op. cit...* pp. 128.

¹⁴⁶ *Idem*, pp. 128-129.

¹⁴⁷ *Idem*, pp. 130.

¹⁴⁸ *Idem*, pp. 134.

¹⁴⁹ PAYNE, Stanley G. *Fascism in Spain... op. cit...* pp. 240; CUEVAS, Pedro Carlos González. *El pensamiento político... op. cit...* pp. 122.

¹⁵⁰ PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis... op. cit...* pp. 150-155.

dos seus congéneres europeus, em particular da FE de las JONS, uma vez que partilhou com ela características ideológicas comuns resultantes da sua inserção no cenário da Península Ibérica e dos contactos entre os seus líderes. Nesse sentido, partilharam o reconhecimento do tradicionalismo católico e do ruralismo sobre a identidade dos povos português e espanhol.¹⁵¹

O crescimento do MNS, que ameaçava a ordem social e a hegemonia do UN, levou a uma resposta mais agressiva por parte do regime. Enquanto em Espanha as autoridades republicanas proibiram as publicações falangistas, em Portugal o nacional-sindicalismo sofreu uma repressão e proibição total. Enquanto, em Espanha, a transformação do FE de las JONS em FET JONS fez-se mantendo o essencial do seu programa fascista, o UN absorveu e submeteu totalmente o MNS. Faltando-lhe um programa fascista, um ímpeto revolucionário e o tipo de ação política de massas característica dos movimentos fascistas, este partido teve como função enquadrar e neutralizar as tendências políticas da direita autoritária portuguesa em torno do programa autoritário, conservador, corporativo e católico do regime salazarista.¹⁵² A tensão foi escalando, entre 1932 e 1933, e Rolão Preto começou a participar em conspirações contra o regime. Face ao desafio do grupo *Revolução*, a propaganda do regime respondeu através do jornal católico *Novidades*, condenando o nacional-sindicalismo.¹⁵³ Entretanto, a esquerda foi também denunciando o movimento, enquanto era ela própria reprimida pelo regime.¹⁵⁴

A promulgação da legislação corporativa – o Estatuto do Trabalho Nacional (ETN), de setembro desse ano – permitiu a Salazar fortalecer a vertente social no regime, atraindo nacionais-sindicalistas e neutralizando críticas.¹⁵⁵ Os únicos sindicatos autorizados passaram a ser integrados no sistema corporativo e vários nacional-sindicalistas começaram a aceitar convites para integração no sistema. A aposta do regime na criação do ETN e suas estruturas corporativas revelou-se um sucesso. O MNS, em consequência, sofreu divisões internas e radicalizou-se.¹⁵⁶ A principal cisão deu-se quando um importante núcleo nacional-sindicalista composto por académicos de Coimbra aceitou ao convite de Salazar. José Cabral, líder do grupo, proclamou Salazar chefe único da

¹⁵¹ PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis... op. cit...* pp. 156-158.

¹⁵² *Idem*, pp. 203-205.

¹⁵³ *Idem*, pp. 244.

¹⁵⁴ *Idem*, pp. 247-248.

¹⁵⁵ *Idem*, pp. 253.

¹⁵⁶ *Idem*, pp. 256.

Revolução Nacional.¹⁵⁷ Apesar de lhes ter sido garantida autonomia política dentro do regime, o grupo de José Cabral foi rapidamente neutralizado e os seus membros integrados em funções políticas de instituições do Estado, em particular nos sindicatos e corporações.¹⁵⁸

De forma a acelerar as cisões e o enquadramento dos nacionais-sindicalistas no regime, sobretudo os seus sectores mais jovens, o Estado Novo criou a Ação Escolar Vanguarda (AEV), uma organização paramilitar fascistizada. A AEV foi substituída, dois anos depois, pela menos politizada e mais submissa Mocidade Portuguesa, enquanto outros nacionais-sindicalistas foram incorporados na Legião Portuguesa. A onda de cisionistas continuou a esvaziar o MNS durante finais de 1933 e inícios de 1934. Segundo Fernando Rosas, a agitação dos nacionais-sindicalistas continuou na AEV e na Legião, razão pela qual Salazar se viu obrigado a dissolver a primeira e a efetuar um “saneamento” da segunda. Fatores da ordem das relações internacionais também pressionaram Salazar na repressão.¹⁵⁹ Com o movimento enfraquecido devido à cisão interna, à integração de vários militantes e à censura, Salazar alcançou as condições para a sua dissolução. Finalmente, em 1934, proibiu-se o movimento. Sob pretexto de provocarem escaramuças e confrontos, a PVDE começou a prender nacionais-sindicalistas, chegando as prisões à cúpula do movimento – a Alberto Monsaraz e a Rolão Preto, em julho desse ano.

A 29 de julho de 1934, o MNS foi oficialmente ilegalizado. Não se voltaria a recompor apesar de, depois da sua libertação, Rolão Preto ter participado em conspirações contra o regime. A sua principal tentativa de golpe de Estado, organizada a 10 de setembro de 1935, foi um rotundo falhanço e acabou por o conduzir ao exílio, do qual apenas regressaria no contexto da Guerra Civil Espanhola, tendo entretanto passado pela casa de José Antonio, em Espanha. A guerra civil levou o regime salazarista a aceitar uma maior autonomia da direita portuguesa mais radical, o que levou à criação da Legião Portuguesa, além de ter amplamente apoiado a sublevação nacionalista, em 1936. Seria apenas depois da vitória de Franco, em 1939, que Salazar aumentaria o seu receio em relação às pretensões anexionistas de alguns falangistas espanhóis, aproximando-se da Grã-

¹⁵⁷ PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis... op. cit...* pp. 260.

¹⁵⁸ *Idem*, pp. 266-269.

¹⁵⁹ ROSAS, Fernando. O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo,” *Análise Social*. Inverno 2001. Vol. 35, nº 157, pp. 1048-1049.

Bretanha durante a Segunda Guerra Mundial. Durante a Guerra Civil Espanhola, o apoio de Salazar a Franco contribuiu para o afastamento de cena do MNS.¹⁶⁰

Como foi exposto deste capítulo, os dois fascismos ibéricos distinguiram-se no seu percurso político. Enquanto um cresceu e acabou por influenciar de forma determinante o regime de Franco, o outro acabou por influenciar pouco o regime de Salazar, tendo, pelo contrário, sido por ele neutralizado e dissolvido. Em termos ideológicos, a evolução dos fascismos ibéricos foi semelhante, tendo ambos os movimentos passado por uma transformação, que se iniciou com a importação direta do nacional-sindicalismo soreliano e, em menor medida, o nacional-socialismo alemão e terminou com a adaptação destas visões a uma síntese que associou o fascismo ao tradicionalismo conservador e católico, fundamental em ambas as tradições políticas da direita ibérica. Como afirmou Gallego em relação ao falangismo: “Falange era católica precisamente por su pertenencia a un movimiento general europeo, el fascismo, en el que cada pueblo buscaba el rescate de su tradición, lo cual significaba, en España, la religión católica.”¹⁶¹ O nacional-sindicalismo português também procurou adaptar o fascismo às particularidades do tradicionalismo.¹⁶² Estes movimentos partilharam ideologias particulares resultantes dessa adaptação do nacional-sindicalismo, enquanto se distinguiram nos seus percursos políticos, tendo o da FE de las JONS sido bastante mais consequente que o do MNS.

¹⁶⁰ PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis... op. cit...* pp. 319.

¹⁶¹ GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 471.

¹⁶² MARTINS, Carlos Manuel. *From Hitler to Codreanu: The Ideology of Fascist Leaders*. Oxon: Routledge, 2021, pp. 122-123.

3. A ideologia fascista ibérica comparada

3.1. O Nacional-Sindicalismo

O nacional-sindicalismo distinguiu-se tanto das ideologias de esquerda, como das ideologias de direita. O pensamento soreliano conferiu-lhe a sua essência ideológica. Na sua fase revisionista marxista, Georges Sorel defendeu o revolucionarismo violento, a rebelião moral e ética, a busca por uma metafísica revolucionária, a rejeição da dialética materialista, e do socialismo.¹⁶³ Além disso, ainda durante esta fase, Sorel defendeu a luta de classes como base de uma teoria de ação que se concretizasse através do revolucionarismo sindicalista, alicerçada, por sua vez, na teoria dos mitos.¹⁶⁴ Esta teoria tornou-se o mecanismo central do pensamento de Sorel, assentando na valorização da narrativa mítica, irracional, heróica, revolucionária e mobilizadora:

“El mito es pensamiento y acción, es creador de leyendas, permite ir más allá de un presente detestable, armado de una fe que nada puede destruir. Es por eso que en la concepción de Sorel el mito y racionalidad se oponen. Gracias a esta oposición, el mito constituye una fuerza social [...]. Gracias a la utilización de este elemento irracional – el mito – se llega a la culminación de la polarización social.”¹⁶⁵

Sorel opôs a sua teoria revisionista aos valores iluministas, tendo considerado o liberalismo, o racionalismo, o materialismo e o positivismo valores de uma civilização degenerada e decadente. O seu pessimismo quanto à civilização iluminista e liberal contrapôs-se à sua revolução, assente em transformações éticas e morais radicais. Nesse sentido, a violência era para si não apenas instrumental, mas também benéfica em si mesma, tornando-a objeto de culto.¹⁶⁶ A regeneração – primeiro em termos socioeconómicos e, mais tarde, aplicada à nação, após introduzir o ultranacionalismo orgânico na sua teoria – deveria acontecer através da violência, do culto da guerra e do sacrifício heroico.¹⁶⁷ No seguimento da sua obra *Reflexões sobre a Violência*, publicada em 1908, Sorel desvinculou-se definitivamente do marxismo.¹⁶⁸ Passou a defender um

¹⁶³ STERNHELL, Zeev, SNAJDER, Mario, ASHERI, Maia. *El nacimiento de la ideología fascista*. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2016, pp. 52-54; STERNHELL, Zeev, SNAJDER, Mario, ASHERI, Maia. *El nacimiento... op. cit...* pp. 77-80; *Idem*, pp. 55-56; *Idem*, pp. 59-60.

¹⁶⁴ *Idem*, pp. 72-73.

¹⁶⁵ *Idem*, pp. 84.

¹⁶⁶ *Idem*, pp. 94-96; *Idem*, pp. 99.

¹⁶⁷ PAYNE, Stanley G. *A history of fascism, 1914-45*. Londres: UCL Press, 1995, pp. 113.

¹⁶⁸ PAYNE, Stanley G. *A history of fascism... op. cit...* pp. 111-113.

sindicalismo revolucionário e orgânico compatível, a seu ver, com o mercado e a propriedade privada tradicionais, por oposição à sua visão de um capitalismo liberal degenerado, além de se ter aproximado do ultranacionalismo orgânico e se ter afirmado anti-intelectual e anti-semita.¹⁶⁹ Sorel foi-se aproximando progressivamente do nacionalismo e do maurrasianismo, adaptando-se o seu pensamento para o que alguns classificaram como revolucionário conservador.¹⁷⁰ Ideologicamente, maurrasianos e sorelianos partilharam esse importante legado nacionalista, conservador e revolucionário:

“Sorel y Maurras no se oponen, se complementan, como se complementan Apolo y Dionisio [...] El acuerdo entre el apolinismo maurrasiano y el dionisismo soreliano anuncia el fin irrevocable del reino de Sócrates y Descartes, la derrota del siglo XVIII y la victoria de Pascal. A este «doble movimiento nacionalista y sindicalista», los sorelianos aportan lo que juzgan esencial de las enseñanzas del maestro: «el valor histórico y civilizador de la violencia», esta «cosa muy hermosa, muy noble y muy heroica. A propósito del sindicalismo, por ejemplo, afirman estar convencidos de que «su verdadero valor social se encuentra en su carácter revolucionario, indomable, satánico. En cuanto a la guerra, «esta realidad grandiosa, sublime y terrible, implica «una filosofía de la vida a base de pesimismo heroico» y no puede «llegar a conciliarse con el cubierto optimista que sirve la filosofía del siglo XVIII». Todos los fascistas dirán lo mismo.”¹⁷¹

Foi dessa relação de complementaridade que se criou a síntese entre o sindicalismo revolucionário e o nacionalismo radical e tradicionalista:

“[...] para salvar el sindicalismo y, con él, la civilización, es preciso tomar conciencia de dos grandes verdades. Ante todo, hay que percatarse de que existe un nexo entre el socialismo [...] y el sentido de la «grandeza histórica» alimentado por la cultura clásica, del mismo modo que existe un nexo entre este socialismo y la «apetencia de sublimidad moral» que deja la educación cristiana. De suerte que «no hay contradicción, sino colaboración entre la Tradición y la Revolución». [...] La segunda verdad consiste en acordar toda su significación al «despertar de los valores heroicos que parece ponerse de manifiesto en la joven burguesía». Puesto que «es incontestable que algo ha cambiado en la alma de la burguesía: «el espíritu guerrero y religioso se está imponiendo sobre el espíritu pacifista y humanitario. Este «renacimiento católico, patriótico, clásico» [...] se convierte en realidad [...]. El siglo XVIII, con Rousseau y los enciclopedistas, se hunde en el olvido [...]”¹⁷²

O nacional-sindicalismo soreliano adotou esta complementariedade entre o revolucionarismo e o tradicionalismo católico, o que se refletiu, como se verá adiante, nos movimentos nacional-sindicalistas ibéricos.¹⁷³ Uma década antes da sua criação, foi

¹⁶⁹ PAYNE, Stanley G. *A history of fascism... op. cit...* pp. 110; *Idem*, pp. 125.

¹⁷⁰ *Idem*, pp.116.

¹⁷¹ STERNHELL, Zeev, SNAJDER, Mario, ASHERI, Maia. *El nacimiento... op. cit...* pp. 183.

¹⁷² *Idem*, pp. 180-181.

¹⁷³ *Idem*, pp. 183.

com base no modelo revolucionário nacional-sindicalista que surgiu o totalitarismo fascista em Itália. Os nacional-sindicalistas defenderam uma teoria organicista, autoritária, disciplinada, mobilizadora e enquadradora das massas, segundo a qual deviam capturar violentamente o Estado liberal e substituí-lo por um totalitário que concretizasse a regeneração da Nação. Enquanto os sindicalistas revolucionários transmitiram ao nacional-sindicalismo a necessidade de reformismo social e modernização económica, os ultranacionalistas puseram a revolução ao serviço dos desígnios da Nação.¹⁷⁴

Em Itália, a forte conexão de muitos sindicalistas revolucionários e nacionalistas com os seus homólogos franceses facilitou a disseminação do sorelianismo entre os círculos de sindicalistas revolucionários, na década de 1910. Neste país, o nacional-sindicalismo foi construído durante a I Guerra Mundial.¹⁷⁵ Após anos de tentativas frustradas, os revolucionários italianos declararam a ineficácia da greve geral, e muitos viraram-se para a sua substituição pelos instrumentos do nacional-sindicalismo: a mobilização das massas assente no mito revolucionário e a guerra. Assim, a greve geral assente na lógica da luta de classes foi substituída pela revolução assente na regeneração da nação e no fim da luta de classes, através da submissão ao representante da Nação – o Estado totalitário.¹⁷⁶

Foi entre 1908 e 1914 que se deu a aproximação vital entre o nacionalismo e a cisão soreliana do sindicalismo revolucionário. Os sindicalistas revolucionários italianos adotaram esta ideologia e transmitiram-na ao movimento fascista. Um deles, Enrico Corradini, defendeu que o sindicalismo orgânico complementava o nacionalismo orgânico associando-se a solidariedade económica entre classes ao dever de entrega à nação, submetendo-se as massas aos desígnios nacionais. Corradini partilhou com muitos a visão do darwinismo social aplicado às nações adotada nacional-sindicalismo. A sua consequência lógica foi a defesa do imperialismo, instrumental para a regeneração e fortalecimento da nação. Este facilmente se associou ao belicismo propugnado por, entre outros sindicalistas revolucionários, Arturo Labriola, no contexto da I Guerra Mundial. Guerra e império tornaram-se, nesta visão, essenciais para a regeneração da Nação.¹⁷⁷ Durante a guerra, cresceu uma cisão entre os sindicalistas revolucionários pacifistas e os nacionais-sindicalistas defensores do belicismo como instrumento regenerador da pátria

¹⁷⁴ STERNHELL, Zeev, SNAJDER, Mario, ASHERI, Maia. *El nacimiento... op. cit...* pp. 154.

¹⁷⁵ *Idem*, pp. 295-296.

¹⁷⁶ *Idem*, pp. 238-239; *Idem*, pp. 244.

¹⁷⁷ *Idem*, pp. 245-249.

italiana, sobrepondo a nação à luta de classes, na sua ordem de prioridades.¹⁷⁸ Esta cisão dos sindicalistas revolucionários belicistas e nacionalistas levou-os a romper com o socialismo, momento em que se passaram a afirmar nacionais-sindicalistas.¹⁷⁹ Foi esta ideologia soreliana que os ex-sindicalistas revolucionários (tendo o mais destacado deles sido Mussolini) transmitiram anos depois ao fascismo.¹⁸⁰ Ideologicamente, nacional-sindicalismo e fascismo tornaram-se, assim, uma e a mesma coisa, sendo as nuances consequência da sua adaptação aos nacionalismos particulares de cada país.

3.2. O Nacional-Sindicalismo em Espanha e Portugal

Dos primeiros fascistas de Espanha destacaram-se Ernesto Gímenez Caballero e Ramiro Ledesma Ramos. Enquanto Gímenez Caballero se centrou na teorização e no esteticismo fascista,¹⁸¹ Ledesma foi o primeiro a transportar a ideologia nacional-sindicalista para um movimento genuinamente fascista. Foi co-redator e fundador de um manifesto político e do jornal nacional-sindicalista *Conquista del Estado*, um projeto de intelectuais fascistas criado logo em 1931. José Antonio pertencia ainda ao UMN e pouco elaborou o seu pensamento, situação que se manteve até à fundação da FE, em 1933.¹⁸² A teorização de Gímenez Caballero influenciou ambos os líderes das JONS e da FE. Aquando da criação da FE de la JONS em 1934, com a fusão de ambos os movimentos nacional-sindicalistas, as ideologias dos seus pensadores haviam-se tornado suficientemente compatíveis para se aglutinarem numa única doutrina política. Assim nasceu o primeiro movimento verdadeiramente fascista em Espanha.¹⁸³ As suas distinções e rivalidades foram motivadas pela disputa interna pelo poder e pelo confronto

¹⁷⁸ STERNHELL, Zeev, SNAJDER, Mario, ASHERI, Maia. *El nacimiento... op. cit...* pp. 255-267.

¹⁷⁹ *Idem*, pp. 269-270.

¹⁸⁰ *Idem*, pp. 279-280; STERNHELL, Zeev. How to Think about Fascism and its Ideology. *Constelations*. 2008. Vol. 30, nº 3, pp. 287-288.

¹⁸¹ CUEVAS, Pedro Carlos González. *El pensamiento político de la derecha española en el siglo XX: De la crisis de la Restauración (1898) a la crisis del Estado de partidos*. Madrid: Editorial Tecnos, 2016, pp. 143-146.

¹⁸² GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista: La formación de la cultura política del franquismo (1930-1950)*. Madrid: Editorial Crítica, 2014, pp. 78-81; GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista: La formación de la cultura política del franquismo (1930-1950)*. Madrid: Editorial Crítica, 2014, pp. 78-81; RIVERA, José Antonio Primo de. *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Editado por Agustín del Río Cisneros. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 141-142.

<https://www.rumbos.net/ocja/index.htm>

¹⁸³ GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 227-233.

entre a atitude mais ambígua de José Antonio e a de maior firmeza de Ledesma, uma vez que, ideologicamente, ambos partilhavam o essencial do nacional-sindicalismo.¹⁸⁴

Ledesma apresentou em 1931, no *Conquista del Estado*, a doutrina que transportou para as JONS. Nele, apresentou sucintamente os pontos essenciais do nacional-sindicalismo: a supremacia de um Estado totalitário; uma reforma socioeconómica radical que estabelecesse um regime corporativo; o ênfase na “ação direta” revolucionária e violenta; o darwinismo social aplicado às relações internacionais e aos Estados-Nações; o apelo às juventudes para liderarem uma revolução de massas; a defesa do imperialismo; a destruição do decadente e degenerado liberalismo, em conjunto com a neutralização da ameaça comunista anti-espanhola.¹⁸⁵ À imagem do fascismo italiano, Ledesma defendeu uma política de massas e apelou a uma solução de regime que transcendesse a contenda entre monárquicos e republicanos. Para si, como para outros nacionais-sindicalistas, o principal objetivo não era a implantação de nenhum tipo de regime político específico, desde que se compatibilizasse com a construção de uma “terceira via” fascista: um Estado totalitário anti-liberal e anti-marxista que aplicasse uma redistribuição radical, se bem que preservando a propriedade privada e o mercado, enquadrando toda a sociedade e economia numa estrutura estatal totalitária que concretizasse o extremo organicismo e coletivismo da ideologia nacional-sindicalista.¹⁸⁶ Na declaração apresentada aquando da fundação das JONS, ainda em 1931, Ledesma demonstrou o seu radicalismo ameaçando os partidos marxistas, que considerava responsáveis pelo crime de extermínio de Espanha, de aniquilamento.¹⁸⁷ No seu manifesto político, afirmou que as JONS rejeitavam todo o presente sistema político e contra ele apelaram à ação revolucionária das massas, dominadas pelas juventudes nacionalistas.¹⁸⁸

Em 1933 foi fundada a FE. Os *puntos iniciales* apresentados a 7 de dezembro desse ano na sua revista, a *F. E.*, pouco se distinguiram do manifesto *Conquista del Estado* e do programa das JONS. Divergiram apenas quanto ao estilo, tendo-se centrado o discurso mais na estética da escrita, distinto do estilo direto e agressivo da JONS.¹⁸⁹ Os quatro

¹⁸⁴ GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 228-233.

¹⁸⁵ RAMOS, Ramiro Ledesma. *Ramiro Ledesma Ramos – Antologia*. Editado por Antonio Macipe López. Madrid: Ediciones FE, 1942, pp. 16-18.

¹⁸⁶ RAMOS, Ramiro Ledesma. *Ramiro Ledesma... op. cit...* pp. 33.

¹⁸⁷ *Idem*, pp. 23.

¹⁸⁸ *Idem*, pp. 24-25.

¹⁸⁹ GRECCO, Gabriela de Lima. Plumas fascistas: los escritores de la Falange Española. *Revista de Historia*. 2018. Vol. 1, nº 25, pp. 94-95.

grandes temas dos *puntos* dividiram-se em três problemas a resolver e um objetivo, ou missão política central. Todos foram também apresentados no discurso de fundação que José Antonio deu no Teatro de la Comedia, em Madrid, em 29 de outubro desse ano.

A interação intelectual e política entre os dois futuros líderes da FE JONS iniciou-se com a sua colaboração em revistas de extrema-direita como a *Conquista del Estado*, que impulsionou a criação das JONS, e *El Fascio*, outro jornal fascista que aproximou falangistas e jonsistas.¹⁹⁰ A sua interação intelectual continuou após a fundação de ambos os movimentos e propiciou a sua fusão. Apesar de, em maio de 1934, ter continuado a defender a primazia da ação em detrimento da teoria, o líder jonsista investiu, paradoxalmente, sempre mais na elaboração teórica através da revista oficial, a *J.O.N.S.*, publicada na primavera de 1933.¹⁹¹ José Antonio apresentou a ideologia da FE em vários jornais e revistas de direita, inclusive na revista *J.O.N.S.* A doutrina da FE JONS não provocou nenhuma surpresa. A ideologia criada a partir da síntese doutrinal destes dois movimentos correspondeu ao nacional-sindicalismo que partilhavam.¹⁹² O principal contributo para o seu carácter revolucionário proveio de Ledesma, enquanto José Antonio contribuiu com o ultranacionalismo espanholista, influenciando ambos de forma decisiva a ideologia do movimento.¹⁹³

Em Portugal, vários membros do IL adotaram o maurrasianismo francês durante a década de 1920. Desta forma, além do tradicionalismo estritamente contrarrevolucionário e monárquico que caracterizou o grupo até esta década, surgiu um revolucionarismo tradicionalista que daria lugar, em inícios da década de 1930, ao nacional-sindicalismo. O MNS foi fundado em 1932 por um grupo de jovens integralistas, através de um novo jornal, o *Política*.¹⁹⁴ Foi do maurrasianismo, um “[...] pensamento político reaccionário [...], monárquico tradicionalista, reinventor de um neotradicionalismo corporativo [...],”

¹⁹⁰ GRECCO, Gabriela de Lima. *Plumas fascistas... op. cit...* pp. 94.

¹⁹¹ GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 77-186; RAMOS, Ramiro Ledesma. *Ramiro Ledesma... op. cit...* pp. 36; *Idem*, pp. 39.

¹⁹² PAYNE, Stanley G. *A history of fascism, 1914-45*. Londres: UCL Press, 1995, pp. 134.

¹⁹³ PAYNE, Stanley G. *A history of fascism... op. cit...* pp. 127-129; PAYNE, Stanley G. *A history of fascism... op. cit...* pp. 127-129; BROCA, Salvator de. 1976. *Falange y Filosofia*. Tarragona: Editorial Universitaria Europea, 1976, pp. 85.

¹⁹⁴ CAZETTA, Felipe. Integralismo Lusitano e Nacional Sindicalismo: movimentos de extrema-direita em contato com ditaduras em Portugal (1913-1932). *Cadernos de História*. Maio 2015. Vol. 16, nº 24, pp. 37-39. <https://doi.org/10.5752/P.2237-8871.2015v16n24p30>

que alguns radicais, sobretudo jovens, do IL se aproximaram do nacional-sindicalismo, no pós-Primeira Guerra Mundial.¹⁹⁵

Na primeira metade do século XX o contacto entre as direitas ibéricas portuguesas e espanholas foi intenso. O IL e a sua revista *Integralismo Lusitano* tiveram como correspondente espanhol a *Acción Española* (AE), ambas derivadas da *Accion Française* maurrasiana. Foi nestas revistas que as extremas direitas ibéricas cultivaram a sua proximidade, em particular através de uma conjugação das ideias de hispanidade e do nacionalismo integral.¹⁹⁶ Os integralistas, tal como os membros da AE, defenderam um tradicionalismo radical associado ao ultranacionalismo orgânico. Rolão Preto foi-se destacando ideologicamente, através da sua participação em várias revistas, inclusive na AE. Foi delineando, durante a década de 1920, um nacional-sindicalismo português que o afastou dos seus monarquismo e nacionalismo integralistas iniciais, em direção ao fascismo.

Após a reunião do Luso de dezembro de 1930, os integralistas que se identificavam com o fascismo apresentaram na revista *Política* o seu apreço pelo fascismo e a sua ligação com parte da ideologia integralista do seu movimento.¹⁹⁷ Nessa revista, Rolão Preto defendeu a ditadura e o nacionalismo orgânicos, bem como rejeitou o individualismo e a liberdade, se existissem “[...] contra a nação.” Deixou em aberto a solução de regime:

“[...] A Ditadura que é Ditadura e que assim o confessa e se afirma, é também necessariamente Nacional. Perante ela não há diversidade de credos nem antagonismo de ideias: há bons e maus servidores do interesse nacional – competentes ou inúteis, honrados ou quadrilheiros, homens bons ou canalhas.”¹⁹⁸

Rolão Preto acabou por se afastar definitivamente do IL e fundar o seu movimento fascista, o MNS, em 1932. Em 1933 escreveu uma série de importantes artigos no *AE*, demonstrando a continuação da colaboração entre a direita radical espanhola e a portuguesa. A preferência pelo estilo mussoliniano ficou clara, uma vez que Rolão Preto opôs modelos ditatoriais moderados, com traços de liberalismo, ao fascismo italiano, vigoroso a seu ver, porque rompia com qualquer traço de liberalismo ou marxismo e se

¹⁹⁵ PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis e Salazar: Rolão Preto e o Fascismo em Portugal*. Lisboa: Edições 70, 2015, pp. 113-114.

¹⁹⁶ GARRIDO, Pablo Sánchez. Portugal y Accion Española. Hacia un nacionalismo integral ibérico. *Hispania*. Janeiro-abril 2022. Vol. 82, nº 270, pp. 173-177.

¹⁹⁷ PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis... op. cit...* pp. 103-104.

¹⁹⁸ PRETO, Francisco Rolão. Palavras Claras – Integralismo e integralismos. *Política*. 31 março, 1931, pp. 1-4.

assumia abertamente autoritário, nacionalista e totalitário. A os jovens ex-integralistas também promoveram o fascismo através do segundo jornal *Revolução*, publicado em 1932, onde apresentaram a fundação do MNS e a sua ideologia nacional-sindicalista: o anti-capitalismo e anti-liberalismo, o ultra-nacionalismo organicista, o corporativismo, a mobilização das massas e o revolucionarismo anti-conservador.¹⁹⁹ Após a repressão do MNS por parte do regime salazarista, Rolão Preto aproximou-se ainda mais dos fascistas espanhóis, pelos quais expressou o seu apreço, em particular pelo seu líder José Antonio, de quem se tornou amigo.²⁰⁰

3. 2. 1. A Revolução

A FE de las JONS foi um movimento revolucionário que pretendeu derrubar o sistema político liberal e transformar radicalmente a sociedade e a economia espanholas, através da construção de um Estado totalitário e imperialista. O revolucionarismo foi um tema central das obras dos seus dois principais líderes, tendo-se destacado Ramiro Ledesma neste aspeto ideológico. O seu enfoque na ação revolucionária refletiu-se desde logo pela sua rejeição do termo “ideologia”, em favor do termo “doutrina”: defendeu a doutrina por ser concisa e objetiva, facilitando a ação, cuja importância sobrepôs à teoria. José Antonio destacou-se de Ledesma pela sua valorização do intelectualismo, atributo que o primeiro considerou ter faltado ao prezado regime do seu pai, o general Miguel Primo de Rivera, por oposição à ação direta na qual Ledesma se centrou. Tal não impediu, no entanto, que José Antonio também apresentasse em vários momentos uma retórica revolucionária apologista da ação direta e violenta.²⁰¹

Os nacionais-sindicalistas italianos de 1900 e 1910 destacaram a influência nietzschiana no revolucionarismo nacional-sindicalista. Por exemplo, Angelo O. Olivetti defendeu que a síntese nacionalista e sindicalista já se podia identificar nas filosofias de Nietzsche e Schopenhauer, no sentido da associação entre a vontade de ação e a vontade de poder, além do anti-materialismo presente em ambos. Os nacionais-sindicalistas rejeitaram parte do pensamento de Olivetti, substituindo a sua teoria política elitista por

¹⁹⁹ PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis... op. cit...* pp. 118-126.

²⁰⁰ GARRIDO, Pablo Sánchez. *Portugal... op. cit...* pp. 193.

²⁰¹ BROCA, Salvator de. 1976. *Falange... op. cit...* pp. 85-87.

uma de massas.²⁰² Mussolini foi um dos sindicalistas revolucionários profundamente influenciados por Sorel e Nietzsche.²⁰³ Como todos estes, Ledesma adotou de Nietzsche, através de Sorel, o pessimismo, a imoralidade, o desejo de destruição da sociedade decadente, de sacrifício heróico, o culto da violência e da guerra.²⁰⁴ Além disso, a influência nietzschiana chegou a Ledesma e José Antonio através de Miguel de Unamuno, que também defendeu o irracionalismo voluntarista e enquadrou esses valores nietzschianos numa doutrina de ação.²⁰⁵

Sorel foi, como era de esperar, quem mais influenciou o revolucionarismo dos fascistas. Segundo a sua teoria dos mitos, estes permitiam a mobilização e a solidariedade através da cristalização de sistemas de crenças que assim se tornavam impermeáveis à análise científica. As consequências práticas da busca dos mitos pelos fascistas foram profundas. Na Alemanha, por exemplo, os nazis tentaram fortalecer o seu regime através de uma organização cujo objetivo foi construir os mitos racistas nos quais a ideologia nazi se alicerçou. Com o intuito de justificar a supremacia da raça ariana, os estudos feitos por esta organização – a Ahnenerbe – iniciaram-se com tentativas de comprovar a presença de antigos reinos arianos, através de expedições longínquas. No entanto, entre finais da década de 1930 e o final da Segunda Guerra Mundial, os estudos passaram a abranger a tortura e morte de centenas de pessoas, retiradas do sistema de campos de concentração nazis para serem utilizadas como cobaias, destruídas como simples objetos de experiência científica, bem como vários saques a museus e instituições de vários países invadidos.²⁰⁶ Como comprovou Heather Pringle, a obsessão nazi por encontrar uma narrativa justificativa desta ideologia racista violenta através desta sinistra organização representou num importante exemplo do poder da ideologia fascista para transformar a realidade:

“[...] a função desta organização de elite era produzir mitos. Os seus investigadores mais preeminentes dedicavam-se a distorcer a verdade e a adaptar de forma cuidadosa os vestígios materiais que encontravam de maneira a apoiar as ideias raciais de Adolf Hitler. [...] A liderança nazi chegou a extremos assombrosos para manter a fachada pública de racionalidade, justiça e decência [...]. Para os ajudar nesta tarefa difícil, recrutaram ativamente cientistas e académicos que pudessem conquistar respeito [...]. Himmler transformou

²⁰² STERNHELL, Zeev, SNAJDER, Mario, ASHERI, Maia. *El nacimiento... op. cit...* pp. 180; *Idem*, pp. 250-251.

²⁰³ *Idem*, pp. 304-306.

²⁰⁴ BROCA, Salvator de. 1976. *Falange... op. cit...* pp. 86-87.

²⁰⁵ SIMANCAS, Moisés, MORALEJA, Alfonso. Nietzsche y otras influencias intelectuales en Ledesma Ramos. *Cuaderno Gris*. 2001. Vol. III, nº 5, pp. 252. <http://hdl.handle.net/10486/326>

²⁰⁶ PRINGLE, Heather. *O Delírio Nazi: os académicos de Himmler e o Holocausto*. Lisboa: Casa das Letras, 2022, pp. 271-396.

uma especulação arqueológica num facto comprovado com efeitos assassinos. Cobrira o seu próprio ódio ao outro com o manto respeitável da ciência. Disfarçou o brutal programa nazi de assassinato em grande escala de tradição venerável dos povos germânicos, digna de emulação moderna. Nas mãos de Himmler, o passado distante tornara-se uma arma letal contra os vivos.”²⁰⁷

O imoralismo da ideologia nacional-sindicalista também incluiu um carácter revolucionário, uma vez que o seu objetivo era o derrube e substituição de uma ordem moral decadente por outra baseada num vitalismo heróico e ascético, num espírito de sacrifício associado ao carácter regenerador, no culto da violência e num organicismo extremo. Desta forma, Ledesma utilizou a teoria dos mitos soreliana para construir o seu mito revolucionário, enquanto José António, como veremos adiante, o utilizou para construir um mito centrado na missão do nacionalismo espanholista.²⁰⁸

José Antonio, apesar de não ter acompanhado o grau de violência propugnado por Ledesma,²⁰⁹ concordou com ele em vários pontos fundamentais: partilharam o pessimismo soreliano, adaptado ao catastrofismo. O pessimismo soreliano caracterizou-se por três aspetos centrais:

“First, it was ‘far more a metaphysics of morals than a theory of the world’; it was ‘the conception of a path toward deliverance.’ Second, it was an awareness of objective obstacles ‘to the satisfaction of our imaginations.’ Third—and this was its substance—it was the expression of ‘a profound conviction of our natural weakness’ Only a civilization steeped in pessimism could achieve greatness, for it embodied the great historical forces and the great human virtues: heroism, sacrifice, and asceticism. Pessimism gave birth to the idea of apocalypse and originated the idea of myth.”²¹⁰

Tanto José Antonio como Ramiro Ledesma aplicaram este pessimismo: a ideia central do seu *catastrofismo* consistia na associação de uma Espanha republicana, liberal e marxista à ideia de apocalipse, justificando desta forma a necessidade de uma revolução liderada pelas forças mais leais ao compromisso regenerador do espanholismo: as milícias paramilitares de extrema-direita e o exército espanhol. Na *Carta a un Militar Español*, José Antonio exaltou uma revolução por cumprir, cujo ímpeto havia sido dado pela ditadura do seu pai em 1922.²¹¹ Enquanto deputado, no entanto, prevaleceram no seu

²⁰⁷ PRINGLE, Heather. *O Delírio Nazi... op. cit...* 14-22.

²⁰⁸ SIMANCAS, Moisés, MORALEJA, Alfonso. *Nietzsche... op. cit...* pp. 258-263.

²⁰⁹ RAMOS, Ramiro Ledesma. *Ramiro Ledesma... op. cit...* pp. 23-27; *Idem*, pp. 30-32; *Idem*, pp. 39; *Idem*, pp. 47.

²¹⁰ STERNHELL, Zeev, SNAJDER, Mario, ASHERI, Maia. *El nacimiento... op. cit...* pp. 71.

²¹¹ RIVERA, José Antonio Primo de. *Carta a un militar español*. . In RIVERA, José Antonio Primo de. *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 349-352.

discurso os temas do nacionalismo e da justiça social, em detrimento do revolucionarismo violento.²¹² Não se pode, no entanto, afirmar que o líder falangista os rejeitou terminantemente, pelo contrário. Em 1933, no discurso fundador da FE, José Antonio defendeu a sua necessidade e, ao contrário do que afirmaria no futuro, principalmente após a sua prisão, também apresentou a violência como benéfica e inevitável:

“[...] ¿Quién ha dicho que cuando insultan nuestros sentimientos, antes que reaccionar como hombres, estamos obligados a ser amables? Bien está, sí, la dialéctica como primer instrumento de comunicación. Pero no hay más dialéctica admisible que la dialéctica de los puños y de las pistolas cuando se ofende a la justicia o a la Patria.”²¹³

O radicalismo e a violência faziam sentido na filosofia e na forma de viver distintas que, para os falangistas e os jonsistas, representavam o nacional-sindicalismo:

“[...] nuestro movimiento no estaría del todo entendido si se creyera que es una manera de pensar tan sólo; no es una manera de pensar: es una manera de ser. [...] Esta actitud es el espíritu de servicio y de sacrificio, el sentido ascético y militar de la vida. [...] [T]raemos el espíritu de lucha precisamente por aquello que no nos interesa como señoritos; venimos a luchar porque a muchos de nuestras clases se les impongan sacrificios duros y justos, y venimos a luchar por que un Estado totalitario alcance con sus bienes lo mismo a los poderosos que a los humildes.”²¹⁴

No Pacto de El Escorial, assinado nesse ano de modo a obter o apoio da direita monárquica, José Antonio reiterou a legitimidade da violência na política.²¹⁵ É certo que pouco depois, como várias outras vezes, José Antonio referiu-se apenas à violência defensiva.²¹⁶ A atitude paradoxal de Primo de Rivera continuaria ao longo dos anos. A dias da sublevação rebelde de 18 de junho 1936, escrevendo na prisão durante o auge da radicalização política, o líder falangista defendeu e exaltou uma forma de violência extrema semelhante à propugnada por Ledesma:

“Porque es indecente querer narcotizar a un pueblo con el señuelo de las soluciones pacíficas. YA NO HAY SOLUCIONES PACÍFICAS. La guerra está declarada y ha sido el Gobierno el primero en

²¹² RIVERA, José Antonio Primo de. Juicio sobre la Dictadura y la necesidad de la Revolución Nacional. In RIVERA, José Antonio Primo de. *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 289-292; RIVERA, José Antonio Primo de. Juicio sobre la Dictadura... *op. cit.* pp. 300-301.

²¹³ José Antonio Primo de Rivera, Discurso de la fundación de Falange Española. In RIVERA, José Antonio Primo de. *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 166.

²¹⁴ RIVERA, José Antonio Primo de. Discurso de la fundación... *op. cit.* pp. 166.

²¹⁵ RIVERA, José Antonio Primo de. Los diez puntos del Escorial In RIVERA, José Antonio Primo de. *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 287.

²¹⁶ RIVERA, José Antonio Primo de. Juicio sobre la Dictadura... *op. cit.* pp. 300-301.

proclamarse beligerante. [...] No somos, pues, nosotros quienes han elegido la violencia. Es la ley de guerra la que la impone. Los asesinatos, los incendios, las tropelías, no partieron de nosotros. Ahora, eso sí –y en ello estriba nuestra gloria–, nuestro empuje combatiente, nuestra santa violencia, fue el primer dique con que tropezó la violencia criminal de las hombres de octubre. [...] ¡Bien haya esta violencia, esta guerra, en la que no sólo defendemos la existencia de la Falange, ganada a precio de las mejores vidas, sino la existencia misma de España, asaltada por sus enemigos!”²¹⁷

Meses depois, após os meses iniciais da guerra passarem, desiludido e provavelmente escandalizado com a escala de destruição e morte provocadas pela guerra civil, José Antonio negou ter apelado à violência e apoiado a rebelião. Na verdade, a sua perspetiva representou o culminar mais radical da direita *catastrofista*, que desejou um fim violento para a Segunda República espanhola.²¹⁸ Tal significou que o seu discurso promoveu abertamente o revolucionarismo agressivo e fomentou o crescente ambiente de guerra civil vivido no país. Tal não o impediu, numa última manifestação da sua faceta mais moderada, de enviar uma carta a Diego Martínez Barrio, um político de esquerda influente, no sentido de estabelecer negociações de modo a terminar a guerra civil. Os seus esforços conciliadores de última hora não geraram quaisquer resultados, mas refletiram a ambiguidade e contradições que assolaram a sua atitude: por vezes avesso à revolução e à violência, conciliador e próximo de uma visão tradicionalista; noutros momentos, um revolucionário violento. Como afirmou Anthony Beevor, referindo-se à FE de las JONS no contexto da guerra civil,

“[...] a Falange estava ainda mais enfraquecida pela potencial cisão proveniente à filosofia de José Antonio: as aspirações socialistas tinham sido submersas pelo nacionalismo reacionário. José Antonio podia ser citado pelos «camisas velhas» proletários [...], para mostrar que o aspeto «socialista» do seu movimento era fundamental. Ao mesmo tempo, a ala *señorito* [...], podia apontar outras declarações para mostrar que a recriação da «Espanha tradicional» era a primeira preocupação na mente de José Antonio.”²¹⁹

Apesar de muitos escritores defenderem a prevalência de uma atitude apaziguadora e defensiva por parte do líder da falange,²²⁰ foi o seu lado revolucionário que mais consequências teve, nos eventos que marcaram o período de 1933 a 1936.²²¹

²¹⁷ RIVERA, José Antonio Primo de. Justificación de la violencia. In RIVERA, José Antonio Primo de. *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 695.

²¹⁸ CALLEJA, Eduardo González. Los discursos catastrofistas de los líderes de la derecha y la difusión del mito del « golpe de Estado comunista». *Varia*. 2016. Vol. 13, pp. 1-17.
<https://doi.org/10.4000/argonauta.2412>

²¹⁹ BEEVOR, Anthony. *A Guerra Civil de Espanha*. Lisboa: Brtrand, 2022, pp. 233.

²²⁰ BROCA, Salvator de. 1976. *Falange... op. cit...* pp. 86-87.

²²¹ PAYNE, Stanley G. *A history of fascism... op. cit...* pp. 234-235.

Tanto Ledesma como José Antonio adotaram a teoria soreliana para construir o mito da revolução nacional-sindicalista espanholista. Decidimos aqui distinguir os dois diferentes temas do mito – a revolução e a nação – para melhor compreender de que forma impactaram a ideologia da FE JONS. No caso de Ledesma, a sua ideia de revolução violenta, guiada pelas massas, com particular sentido de sacrifício e heroísmo conferido às juventudes, tornou-se no mito mobilizador. Durante o processo de fusão da FE e das JONS, Ledesma defendeu que a urgência da revolução nacional-sindicalista exigia uma maior definição ideológica e que esta passava, por sua vez, pelo mito mobilizador das massas, sendo a revolução encarada como a forma de resgatar Espanha da sua destruição.²²² Nas palavras do líder jonsista, “[...] el mito de la revolución, del sentido revolucionario, como procedimiento expeditivo y tajante para saltar sobre las causas de su malestar y de su ruina, significará, desde luego, una ruta salvadora.”²²³ Essa revolução devia ser liderada pela juventude, opondo-se na narrativa mobilizadora a sua imagem vitalizante e heróica à dos idosos herdeiros dos regimes políticos decadentes.²²⁴

Em suma, a FE de las JONS afirmou-se essencialmente enquanto partido revolucionário. Foram a doutrina jonsista e o pensamento de Ledesma que mais influenciaram o carácter revolucionário da ideologia nacional-sindicalista da FE de las JONS, apesar de José Antonio e a FE também o terem promovido.²²⁵ Ledesma defendeu, o revolucionarismo de uma forma mais coerente e inflexível, tendo apelado aos fascistas para a urgência da revolução contra a decadência liberal e as ameaças marxista e separatista.²²⁶

Em Portugal, o revolucionarismo já existia no seio do IL – o revolucionarismo conservador e ultranacionalista tradicionalista maurrasiano.²²⁷ O principal objetivo político do IL seria restaurar a monarquia autoritária, orgânica e tradicionalista através de uma revolução que derrubasse o regime republicano. Apesar de não se declarar nacional-sindicalista até à década de 1930, Rolão Preto foi influenciado desde início dos anos 20

²²² GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 274-275.

²²³ RAMOS, Ramiro Ledesma. Examen de nuestra ruta. In RAMOS, Ramiro Ledesma. 1942. *Ramiro Ledesma Ramos – Antología*. Editado por Antonio Macipe López. Madrid: Ediciones FE, 1942, pp. 35.

²²⁴ RIVERA, José Antonio Primo de. Discurso de proclamación de Falange Española de las JONS. In RIVERA, José Antonio Primo de. *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 261.

²²⁵ BROCA, Salvador de. 1976. *Falange... op. cit...* pp. 85-87.

²²⁶ RAMOS, Ramiro Ledesma. Examen... *op. cit...* pp. 35; GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 275.

²²⁷ CAZETTA, Felipe. Integralismo... *op. cit...* pp. 38.

pelo sindicalismo revolucionário soreliano inicial, adotando depois o nacional-sindicalismo. Na sua crítica ao liberalismo e ao marxismo, enalteceu o revolucionarismo ultranacionalista de Enrico Corradini e o “neo-nacionalismo” de Gabriele D’Annunzio.²²⁸ Anunciou a falência total da democracia liberal e do marxismo-leninismo na Rússia. Acusou o marxismo de destruir as nações, quer através da luta de classes, quer através do despotismo tirânico dos líderes comunistas, e a democracia liberal de promover a incompetência e a corrupção, de redundar na má gestão e degeneração da nação.²²⁹

Desde 1920 que Rolão Preto defendeu um monarquismo totalitário, no sentido da aplicação do organicismo não apenas à nação, mas também ao Estado. Numa polémica com Santa Cruz, no jornal *A Época*, em 1922, Rolão Preto aclamou o fascismo, em particular o seu método revolucionário, e previu o seu rotundo sucesso:

“[...] O método de combate do Fascismo, por mais exagerado e violento, por mais ilegal e temeroso que ele tenha sido, é o único método que, nesta hora de fremente batalha entre a Nação e a Anti-Nação, entre o bolchevismo e o Nacionalismo, pode trazer a vitória às *elites* ativas que formam quadrado em torno da bandeira da Pátria [...]. O método é, pois, o único que serve, o único que pode advogar neste momento em que a decisão suprema dos destinos das Nações se aproxima como uma fatalidade a que não se pode fugir.”²³⁰

O autor defendeu o organicismo extremo nacional-sindicalista, uma década antes de José Antonio, declarando a supremacia do coletivo e a anulação do individualismo.²³¹ O indivíduo apenas existia enquadrado nas unidades orgânicas naturais – a família, o sindicato, o município. Estas unidades socioeconómicas orgânicas, por sua vez, deveriam ser tuteladas pelo Estado, algo que oficializou uma década depois, nas diretrizes do MNS.²³² Já neste período Rolão Preto defendia o culto da guerra, da violência e do sacrifício pela nação.²³³ Nos seus “doze princípios da produção”, o futuro líder nacional-sindicalista rejeitou as liberdades democráticas, o individualismo e o livre mercado, declarando a supremacia das unidades orgânicas sociais sobre todos os indivíduos, e da nação sobre todas estas. Todas as unidades socioeconómicas (fossem classes, sindicatos ou indivíduos) deviam, nesse sentido, submeter-se aos desígnios da nação, através de um

²²⁸ PRETO, Francisco Rolão. A Monarquia é a restauração da inteligência. In PRETO, Francisco Rolão. *Rolão Preto – Obras Completas Volume I*. Lisboa: Colibri, 2015, 66-67.

²²⁹ PRETO, Francisco Rolão. A Monarquia... *op. cit.*... pp. 75-94.

²³⁰ PRETO, Francisco Rolão. O fascismo – Artigos ressuscitados de uma antiga polémica. In PRETO, Francisco Rolão. *Rolão Preto – Obras Completas Volume II*. Lisboa: Colibri, 2015, pp. 19.

²³¹ PRETO, Francisco Rolão. A Monarquia... *op. cit.*... pp. 109-110.

²³² *Idem*, pp. 158-160.

²³³ PRETO, Francisco Rolão. A Monarquia... *op. cit.*... pp. 137-139.

corporativismo que, enquadrado no totalitarismo, submetesse a economia aos desígnios da produção nacional.²³⁴

O Estado nacional-sindicalista devia ser construído através da revolução. Rolão Preto terminou a sua obra *Para Além do Comunismo*, escrita em 1932, com uma exaltação da insurreição das nações europeias. As suas ambições revolucionárias em Portugal tornam-se mais claras se se tiver em conta o exemplo da revolução do 28 de Maio.²³⁵ Segundo Rolão Preto, esse golpe militar fora um milagre que havia derrubado uma tirania demagógica. Encontraram-se, a seu ver, plasmados neste golpe muitos aspetos do modelo de revolução fascista: uma juventude que lhe conferiu o carácter vitalizante e adotou o espírito de sacrifício heróico tendo como objetivo de regeneração da nação através da destruição do liberalismo degenerado e a imposição de um regime totalitário ultranacionalista.²³⁶

Rolão Preto demonstrou-se, no entanto, descontente com o rumo da ditadura que havia sido estabelecida na sequência do 28 de Maio. A seu ver, o carácter aristocrático e conservador dos integralistas e do regime salazarista tornaram-nos incompatíveis com o modelo revolucionário nacional-sindicalista, fascista, que Rolão Preto e o MNS defendiam. Este devia ser populista, tendo o líder nacional-sindicalista em mente a mobilização das massas alemãs pelo regime nazi. Cauteloso, Rolão Preto deixou, apesar disso, claro que não pretendia destruir ou travar o resultado da revolução de 28 de maio de 1926 – a ditadura Salazarista – mas sim fascizá-la:

“Movimiento de élites, la Revolución Nacional que el Integralismo Lusitano reclamaba no podía dejar de caracterizarse desde sus comienzos por su fisonomía aristocrática [...]. Su sentido era el de la Revolución, de alto a bajo: creación de cuadros y conquista del Estado. Oliveira Salazar, que es actualmente el Dictador indiscutible de este País, interpreta, en cierto modo, los primeros pasos del Integralismo Lusitano [...] el pueblo ya no cree más en el milagro que de esas urnas pueda salir. Quiere ver y oír al jefe, para seguirle y darle su confianza. Hitler, surge en la plaza pública, dice lo que el pueblo siente, se subleva contra lo que el pueblo se subleva, se arrodilla delante de aquello ante lo cual el pueblo se postra y después, seguido del pueblo, realiza lo que se puede realizar. El es el elegido. He aquí al Jefe. [...] autoritario como todo intelectual, Salazar, consecuentemente, desprecia las inquietudes y los anhelos de las masas. [...]. El movimiento Nacional-Sindicalista encontró aquí toda su oportunidad inmediata. Nacionalistas revolucionarios que tienen como programa la Revolución Nacional de los Trabajadores, las Nacional-

²³⁴ PRETO, Francisco Rolão. *A Monarquia...* op. cit... pp. 112-113.

²³⁵ PRETO, Francisco Rolão. *Para Além do Comunismo*. In PRETO, Francisco Rolão. *Rolão Preto – Obras Completas Volume I*. Lisboa: Colibri, 2015, pp. 210.

²³⁶ PRETO, Francisco Rolão. *El movimiento nacional-sindicalista portugués I. Acción Española*. 16 outubro 1933. Vol. VII, nº 39, pp. 201-202.

Sindicalistas portugueses, que son una élite, se lanzaron a la conquista de las masas para rodear con ellas un día a Salazar y hacer posible una obra común de salvación pública, de otro modo bien difícil.”²³⁷

Em 1933, no jornal *Revolução*, Rolão Preto defendeu a posição de chefe supremo de uma revolução totalitária, enunciando o exemplo de Mussolini em Itália, por oposição a Salazar, que considerava excessivamente pragmático e conservador na sua atitude. Rolão Preto, em contraposição, afirmou que o fascismo em Portugal não só era possível, como não dependia de nenhum pragmatismo e equilíbrio, mas do pulso forte de um chefe autoritário que a liderasse.²³⁸ A sua posição em relação ao Estado Novo e ao próprio ditador era assim bastante crítica, tendo apontado que Salazar não correspondia à figura de líder revolucionário mobilizador. Rejeitando a “[...] posição média, o compromisso entre as correntes máximas da situação [...]” Rolão Preto defendeu a construção de um “[...] bloco [político] sem brecha, de unidade clara, total, dogmática. A revolução não discute ou temporiza. Ou se aceita ou se rejeita.”²³⁹

O revolucionarismo veio acompanhado da exaltação dos sacrifícios necessários ao seu cumprimento. As transformações de carácter cultural, moral e espiritual deviam substituir a moral liberal, positivista e racionalista por uma vitalista, belicista, irracionalista, de sacrifício e entrega constantes ao coletivo. O apelo revolucionário não foi dirigido exclusivamente às juventudes. Também o foi às classes proletárias. As juventudes deveriam construir uma “[...] nova aristocracia espiritual que saiba guiar a Nação [...]”²⁴⁰ e na qual, enquadradas pelo totalitarismo, as massas proletárias pudessem ser beneficiadas com aquela que os fascistas consideravam uma redistribuição justa.²⁴¹ Em inícios de 1934, Rolão Preto afastou-se de quaisquer reservas na condenação ao regime salazarista. Os “doze princípios da produção” refletiram um programa socioeconómico revolucionário que ia tanto contra o regime liberal, como contra o regime salazarista considerado contrarrevolucionário e, portanto, ameaçador para a verdadeira “Revolução Nacional” por si preconizada.²⁴² Além disso, o regime salazarista,

²³⁷ PRETO, Francisco Rolão. El movimiento nacional-sindicalista portugués II. *Acción Española*. 16 janeiro 1934. Vol. VIII, nº 45, pp. 883-886.

²³⁸ PRETO, Francisco Rolão. Salazar – Capacidade política e Tecnicidade – João Franco e Salazar – A ingratidão dos Povos - Como se conduzem os homens. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 3 janeiro 1933. nº 232, pp. 1.

²³⁹ PRETO, Francisco Rolão. Salazar e o problema político. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 11 janeiro 1933. nº 239, pp. 1.

²⁴⁰ DOMINGUES, Garcia. 1933. O espírito de sacrifício da nova geração. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 6 janeiro 1933. nº 235, pp. 2.

²⁴¹ LIMA, Augusto Pires de. *Revolução*. Lisboa: Editora Nacionalista, 1934, pp. 12-17.

²⁴² PRETO, Francisco Rolão. El movimiento nacional-sindicalista portugués IV y último. *Acción Española*. 1 abril 1934. Vol. IX, nº 50, pp. 166-168.

dependente dos interesses da figura de Salazar, ofuscava da centralidade da ideologia, fundamental para os fascistas. Segundo estes, o MNS era “[...] um movimento ideológico porque gira à volta de ideias e *não de palavras nem de homens*.”²⁴³

Rolão Preto acusou Salazar de desperdiçar todas as potencialidades revolucionárias do 28 de Maio, impedindo a fascização da ditadura. O reformismo conservador e tradicionalista foi considerado pelos nacionais-sindicalistas como demasiado moderado e fraco. No entendimento de Rolão Preto, Salazar representava uma posição intermédia e vacilante que, apesar de reconhecer alguns méritos, havia impossibilitado a revolução nacional-sindicalista. Sendo que Salazar se revelava incapaz de corresponder ao ímpeto revolucionário e mobilizador das massas necessário ao combate às ameaças liberal e comunista, o MNS deveria afirmar-se como líder da revolução fascista preconizada pelo seu líder. Esta deveria assentar nas bases do reformismo do Estado Novo, não como fim em si, mas como rampa de lançamento para outros objetivos mais ambiciosos, apenas conquistáveis através de um radicalismo revolucionário ausente no regime salazarista.²⁴⁴

Em abril de 1934, Rolão Preto ainda demonstrava esperanças de que Salazar reconhecesse e adotasse a revolução nacional-sindicalista.²⁴⁵ O seu discurso não se havia alterado desde os importantes comentários à entrevista de Salazar a António Ferro, escritos em janeiro do ano anterior. Rolão Preto admitiu, em meados de 1933, que Salazar não adotara o modelo fascista e que se enquadrava, a seu ver, no modelo de autoritarismo conservador, contrarrevolucionário e tradicionalista.²⁴⁶ O líder nacional-sindicalista não deixou sombra de dúvidas quanto ao tipo de revolução preconizado:

“Erguer a bandeira fascista quando na Itália triunfava claramente o comunismo, quando os patriotas eram atacados a tiro nas ruas e os militares eram insultados por trazerem um uniforme – pareceu a muita gente loucura, desequilíbrio, *caceteirismo* inútil, erro de visão política. Era porém o fascismo quem tinha razão [...]. Gomes da Costa, num ato de suprema audácia, arranca todavia... e vai até ao Terreiro do Paço sem um tiro! Quem poderá dizer pois que este ou aquele caminho é impraticável e esta ou aquela fórmula representa uma impossibilidade?”²⁴⁷

²⁴³ LIMA, Augusto Pires de. *Revolução... op. cit...* pp. 19.

²⁴⁴ PRETO, Francisco Rolão. El movimiento nacional-sindicalista portugués IV... *op. cit...* pp. 169-170.

²⁴⁵ *Idem*, pp. 171-172.

²⁴⁶ PRETO, Francisco Rolão. Salazar e a sua época – Comentário às entrevistas do actual chefe de governo com o jornalista António Ferro. In *Rolão Preto – Obras Completas Volume I*. Lisboa: Colibri, 2015, pp. 219.

²⁴⁷ PRETO, Francisco Rolão. Salazar e a sua época... *op. cit...* pp. 221.

Segundo Rolão Preto, a ausência do carácter de líder forte na figura de Salazar teve como consequências a apatia para com as unidades orgânicas socioeconómicas e a desmobilização das massas, o que impossibilitou o revolucionarismo fascista:

“Para governar, o Ditador das Finanças, feito cônsul, tinha dois caminhos a seguir: ou fazer tábua rasa dos grupos e das forças políticas do país, reduzindo-as ousadamente a um mesmo denominador, que era o seu prestígio de governante, ou então, respeitando as unidades específicas que esses grupos representavam, congregá-los em volta do seu carro de triunfo, estabelecendo com eles uma aliança para os assaltos, para as batalhas de que depende o futuro. Salazar preferiu o primeiro método [...]”²⁴⁸

Frustrado com Salazar, Rolão Preto opôs-lhe o totalitarismo fascista, aspeto ausente no seu discurso até então. O seu apoio à “[...] fórmula totalitária [...]” permite-nos comprovar que o coletivismo extremo aplicado pelo Estado sobre a sociedade, ou seja, o totalitarismo, foram adotados pelo MNS, apesar de Rolão Preto o ter denunciado anos depois.²⁴⁹ O totalitarismo também foi, no entender do líder do MNS, um reflexo do revolucionarismo nacional-sindicalista, uma vez que, nas suas palavras, “[...] ideia de nacional sindicalismo tem isso de extraordinário: é total. Total na expressão das esperanças nacionalistas e sociais da hora que passa, total na segurança com que tende a realizar-se.”²⁵⁰ No mesmo número do jornal, enquadrou-se o MNS na tendência internacional de “[...] renovação, que, ordena, conduz e disciplina os soldados da Revolução Nacionalista em marcha [...], é o cortejo dos grandes chefes na marcha da vitória [...]”²⁵¹ Para reforçar a associação à tendência fascista internacional, realçou-se o papel da estética comum: a farda negra, símbolo da revolução violenta e da guerra pela sua vitória, e da saudação romana, símbolo do “[...] sentido histórico do novo cesarismo [...]”²⁵² Em oposição à apatia e elitismo do regime salazarista, o nacional-sindicalismo português defendeu uma dominação total e mobilização constante da sociedade pelo Estado. Um novo “[...] ambiente moral [...],” deveria corresponder à componente ética da revolução, aplicada através de um “[...] regulamento de consciências individual e coletivo [...],” totalitário.²⁵³ Assim, na linha do nacional-sindicalismo soreliano, o português também foi caracterizado por um sentido ascético e espiritual, ao preconizar uma

²⁴⁸ PRETO, Francisco Rolão. Salazar e a sua época... *op. cit.* pp. 227.

²⁴⁹ *Idem*, pp. 229.

²⁵⁰ PRETO, Francisco Rolão. Em Frente! *Revolução diário nacional-sindicalista da tarde*. 21 janeiro 1933. n.º 266, pp. 1.

²⁵¹ Romanamente! *Revolução diário nacional-sindicalista da tarde*. 21 janeiro 1933. n.º 266, pp. 1.

²⁵² Romanamente!... *op. cit.* pp. 1.

²⁵³ ALMEIDA, A. Pais de. O valor social da revolução. *Revolução diário nacional-sindicalista da tarde*, 19 janeiro 1933, n.º 266, pp. 2.

transformação da cultura e da moral que moldasse o pensamento e a atitude das pessoas. Como afirmou Abílio Pinto de Lemos, a ação era a “[...] poesia [...]” que conferia à revolução o seu valor através da mística transcendental que, de acordo com a teoria dos mitos soreliana, impelia a mobilização das massas, não com base em reivindicações materialistas, mas fundamentalmente com base na transformação dos espíritos e da moral dos povos. Referindo Mussolini, Lemos caracterizou a ação dos fascistas como tendo duas vertentes associadas: por um lado, o culto da violência e da guerra aplicados à política; por outro, a transformação espiritual e moral da sociedade. Estes aspetos juntavam-se para produzir a mobilização total das massas.²⁵⁴ Estes também foram, segundo Emilio Gentile, aspetos definidores do fascismo genérico.²⁵⁵

A repressão salazarista levou à radicalização do movimento contra o Estado Novo. Os cisionistas do MNS acabaram por fundar um jornal nacional-sindicalista alternativo, no qual declararam a sua submissão e lealdade ao regime, enquanto os líderes do MNS se exilaram e o movimento se desintegrou.²⁵⁶ Na segunda metade da década de 1930 foi iniciada uma fase revisionista do pensamento de Rolão Preto. Este continuou a defender grande parte do nacional-sindicalismo original: a necessidade de uma revolução violenta contra o que considerou os reacionarismos e as contrarrevoluções de todas as espécies, cuja ação se centrasse na mobilização das juventudes, e cujo resultado fosse a produção de uma unidade espiritual e política total, organicista e regeneradora da nação. No entanto, a liderança de um chefe forte deveria coexistir com um sistema que fosse minimamente repressivo, descentralizador e anti-totalitário, de forma harmonizada.²⁵⁷

Nesta visão, o chefe único mantinha-se líder incontestável, o que impossibilita concluir que esta visão, de certa forma mais “humanista”, coincidissem com um regime minimamente democrático. No revisionismo de Rolão Preto associaram-se ideias contraditórias que se deveriam opôr, ou anular: por um lado, a defesa de uma liderança revolucionária forte, assente numa elite e num chefe supremo, orientador da construção de um Estado coletivista; por outro, a rejeição do totalitarismo, da censura e da repressão,

²⁵⁴ LEMOS, Abílio Pinto de. A poesia da ação. *Revolução diário nacional-sindicalista da tarde*. 20 janeiro 1933. n.º 267, pp. 1.

²⁵⁵ PAYNE, Stanley G. *A history of fascism, 1914-45*. Londres: UCL Press, 1995, pp. 20-21.

²⁵⁶ Comunicado do Secretariado Geral. 1934. *Revolução Nacional*. 1 março 1934. n.º 1, pp. 3; PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis e Salazar: Rolão Preto e o Fascismo em Portugal*. Lisboa: Edições 70, 2015, pp. 287-292.

²⁵⁷ PRETO, Francisco Rolão. Justiça! In *Rolão Preto – Obras Completas Volume I*. Lisboa: Colibri, 2015, pp. 333-337.

a apologia da descentralização política e da união na diversidade política e religiosa. Uma visão mítica do chefe, o líder autoritário da revolução fascista, associou-se paradoxalmente a uma peculiar ideia de justiça:

“O Chefe não é fim em si mesmo, é um meio da coletividade. Executando o mandato do seu tempo, a sua mais alta missão é acordar as almas, para que um impulso coletivo realize o milagre da mística revolucionária. O Chefe não é pois um temperamento com instintos de burocrata, mas sim uma alma com devoções de apóstolo. O Chefe é um instrumento de força popular, força a que o espírito da Revolução indica o caminho, e cujo poder criador está mais no processo com que interpreta a sua generosidade natural do que naquele em que explora a sua incidental violência agressiva. O Chefe diz à Nação: Esta é a Hora da Unidade espiritual, o ponto onde se cruzam todos os caminhos, ao longo dos quais marcha a inquietação de todos os ideais de justiça; esta é a posição histórica onde é possível realizar a aliança entre todos os portugueses que, através de lutas e duros sacrifícios, conquistaram enfim o direito de se conhecerem e estimarem; esta é, finalmente, a ocasião suprema de fazer a paz dentro da justiça.”²⁵⁸

Este revisionismo encheu-se, portanto, de contradições. No entanto, apesar deste nacional-sindicalismo “humanista”, a Guerra Civil de Espanha e a criação do Eixo Roma-Berlim levou Rolão Preto a aproximar-se dos seus congéneres estrangeiros, em particular da FE de las JONS e do seu líder, José Antonio.²⁵⁹ Acolhido pelo líder falangista em sua casa e tendo seguido o golpe de Estado e Guerra Civil do lado nacionalista, Rolão Preto demonstrou, em 1937, a proximidade teórica com o nacional-sindicalismo espanhol, anulando rapidamente as suas tendências revisionistas anteriores. Exaltou efusivamente a fascistização da direita espanhola, a radicalização do clima político espanhol e o despoletar da revolta nacionalista. Apelidou a rebelião nacionalista de “[...] bendita primavera [...],”²⁶⁰ o que, mais uma vez contraditoriamente, não impediu o líder nacional-sindicalista português de condenar a sua extrema violência, afirmando ter esta sido uma “[...] tragédia alucinante [...],” e um “[...] desastre que atinge em cheio toda a grandeza, toda a livre grandeza da pessoa humana.”²⁶¹ Não só menorizou a ameaça de uma Espanha fascista sobre Portugal, como considerou a vitória de Franco benéfica. Aquilo que o preocupava não era a ameaça de um imperialismo fascista espanhol, mas sim a fraqueza de um Portugal não fascista. Por outras palavras, o problema não era Espanha se fascistizar, mas sim Portugal não a acompanhar nesta tendência.²⁶²

²⁵⁸ PRETO, Francisco Rolão. *Justiça... op. cit...* pp. 340.

²⁵⁹ PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis... op. cit...* pp. 319-326.

²⁶⁰ PRETO, Francisco Rolão. *Revolução Espanhola – Homens, Factos, Ideias. In Rolão Preto – Obras Completas Volume I.* Lisboa: Colibri, 2015, pp. 354.

²⁶¹ PRETO, Francisco Rolão. *Revolução Espanhola... op. cit...* pp. 373.

²⁶² *Idem*, pp. 346-347.

O discurso de Rolão Preto continuou imbuído da influência soreliana, ao mesmo tempo que rejeitou e denunciou Sorel.²⁶³ Numa crítica profunda à sua origem filosófica, Rolão Preto acusou o sorelianismo de ser responsável por provocar vários momentos de violência desnecessária, como a própria Guerra Civil Espanhola. As profundas contradições internas do seu pensamento fizeram o líder do MNS tentar extirpar da sua ideologia uma parte fundamental do próprio nacional-sindicalismo.²⁶⁴ Admitiu, num tom autocrítico, a sua adoção desta ideologia:

“Pois se houvesse alguma coisa a queimar, ó Sorel! Seria a tua obra, quase toda a tua obra... [...] Seria, porém, necessário que houvesse [...] de consciência suficientemente limpa do pecado de teu discípulo para poder, tranquilamente, lançar-lhe fogo. É que todos nós temos responsabilidades na criação do ambiente soreliano; todos nós aplaudimos a sua impiedosa destruição de mitos; todos respirámos, com entusiasmo, a onda de eflúvios dinâmicos que emanava, espontaneamente, dos seus conceitos vitais [...]. O verniz das fórmulas – averigua-se agora – não só encobria aos nossos olhos, inúmeras misérias, como impedia que fossemos, na verdade, mais miseráveis ainda.”²⁶⁵

O seu revisionismo nacional-sindicalista e a sua violenta rejeição do pensamento soreliano demonstraram-se, no entanto, vazios face ao seu apoio à rebelião em Espanha e ao conteúdo do seu pensamento, no qual a essência do sorelianismo se manteve. O seu revisionismo não o impediu de enaltecer a FE de las JONS e violentos militares fascistas como o general Queipo de Llano.²⁶⁶ Rolão Preto, num diálogo ficcional com um centurião de Roma, não rejeitou a estrutura doutrinária e ideológica do fascismo – o imperialismo, a hierarquia, o totalitarismo, o espírito de sacrifício heróico, o vitalismo.²⁶⁷ O cerne da contradição no seu pensamento residiu na impossibilidade de dissociar a violência, que Rolão Preto rejeitou temporariamente, da restante ideologia, uma vez que esta era a consequência lógica dos demais aspetos ideológicos nacionais-sindicalistas que o líder do MNS continuava a defender.

Durante a Guerra Civil de Espanha, Rolão Preto passou parte do tempo na zona nacionalista, onde elaborou a perspetiva dos acontecimentos que iria expôr na sua obra de 1937, *Revolução Espanhola – Homens, Factos, Ideias*. Nesta, apresentou Francisco Franco como um exemplar saudoso da sua visão de chefe forte, líder dedicado e polo

²⁶³ PRETO, Francisco Rolão. *Revolução Espanhola... op. cit...* pp. 371-373.

²⁶⁴ *Idem*, pp. 353-356.

²⁶⁵ *Idem*, pp. 371-372.

²⁶⁶ *Idem*, pp. 397-400.

²⁶⁷ *Idem*, pp. 407-412.

agregador das direitas espanholistas em volta de uma unidade total.²⁶⁸ Exaltando-o, Rolão Preto ignorou as provas que já então imputavam a sua responsabilidade naquilo que se transformaria no mais sistemático e brutal processo de repressão e terror da Guerra Civil.²⁶⁹ A principal homenagem foi dedicada a José Antonio, que Rolão Preto qualificou como “[...] um Apostolado. Amava as Ideias, no verdadeiro sentido desta palavra amar, isto é, devotava-se-lhes totalmente. [...] Jamais se me apagará da memória a figura esbelta, viril, triunfante, de José Antonio Primo de Rivera.”²⁷⁰ Identificou nele a força motriz por detrás da “revolução” nacionalista. Exaltou a sua capacidade de liderança ideológica e espiritual do falangismo. Foi ele que, segundo o líder nacional-sindicalista português, promoveu a “[...] mística revolucionária [...],” tendo a sua ascensão e dinamização política constituído um “[...] milagre, que é indiscutível [...].”²⁷¹ Este milagre consistiu, no seu entender, no impulsionar de uma regeneração espiritual e moral em Espanha adaptada, como em qualquer fascismo, ao ultranacionalismo correspondente (neste caso o espanholista), que se impôs revolucionária e violentamente. Rolão Preto considerou que o objetivo de José Antonio fora organizar a sua própria “[...] *marcha sobre madrid* [...],” à imagem da fascista, projeto naturalmente prezado pelo autor.²⁷² Rolão Preto atribuiu à “revolução” nacionalista um carácter místico que associou à profunda dedicação e fervor com que ambos os lados se digladiaram. Esta mística orgânica da nação espanhola estava associada ao espírito, à transformação da moral, da atitude e das culturas de um país multicultural, foi uma legitimação do espanholismo dos seus congéneres falangistas. O objetivo era, como Rolão Preto defendera em Portugal, uma revolução do espírito que destruísse a moral decadente liberal e impusesse aos outra, assente na síntese dos valores fascistas e espanholistas: o heroísmo, o espírito de sacrifício, o culto da violência e da guerra, o ultranacionalismo organicista e o tradicionalismo católico, dos quais falaremos adiante.²⁷³ O revisionismo “humanista” do líder nacional-sindicalista era totalmente incompatível com o belicismo dos falangistas, no entanto, Rolão Preto nunca os condenou nem tergiversou no seu apoio.

²⁶⁸ PRETO, Francisco Rolão. *Revolução Espanhola... op. cit...* pp. 443-448.

²⁶⁹ PRESTON, Paul. *The Spanish Holocaust: Inquisition and Extermination in Twentieth-Century Spain*. Londres: HarperPress, 2012, pp. 480-573.

²⁷⁰ PRETO, Francisco Rolão. *Revolução Espanhola... op. cit...* pp. 451.

²⁷¹ *Idem*, pp. 452-457.

²⁷² *Idem*, pp. 459.

²⁷³ STERNHELL, Zeev, SNAJDER, Mario, ASHERI, Maia. *El nacimiento... op. cit...* pp. 369-373.

Após a dissolução total do MNS, o líder nacional-sindicalista português continuou a escrever. Em 1939 publicou outra obra, na qual renunciou ao seu revisionismo anterior e se reaproximou do nacional-sindicalismo original, exaltando os sucessos políticos do nazismo e do fascismo.²⁷⁴ A sua defesa da revolução fascista assentou não apenas no elogio de Mussolini e de Hitler, mas também na apologia das suas ideias, correspondentes ao nacional-sindicalismo: uma batalha violenta por uma transformação radical nos campos socioeconómico e das mentalidades, envolvendo a mobilização total das massas guiadas por uma “[...] elite ativa [...],” que – aplicando os princípios ultra-nacionalistas, organicistas e autoritários à política, à economia e à mentalidade –, concretizasse a regeneração da nação e a construção do Estado totalitário. A mística mobilizadora correspondeu à adaptação da teoria dos mitos soreliana:

“El mito es pensamiento y acción, es creador de leyendas, permite al individuo vivir esta leyenda en lugar de vivir la historia, permite ir más allá que un presente detestable, armado de una fe que nada puede destruir. Es por eso que en la concepción de Sorel el mito y racionalidad se oponen. Gracias a esta oposición, el mito constituye una fuerza social: galvanizando a las masas permite superar el obstáculo que constituye la realidad económica y social de principios de siglo. [...] Los mitos sorelianos son «sistemas de imágenes», es decir, construcciones que permiten a los «hombres que participan en los grandes movimientos sociales» representarse «su acción inmediata bajo la forma de imágenes de batallas que aseguran el triunfo de su causa [...]. El mito social soreliano es un «cuadro» del cual sólo se perciben las verdaderas dimensiones cuando las masas se apasionan».”²⁷⁵

Rolão Preto também aplicou ao nacional-sindicalismo português a teoria dos mitos, transmitindo mais uma vez um discurso mobilizador assente nas características comuns a todas as narrativas míticas fascistas ou nacionais-sindicalistas: o sacrifício heróico, o culto da guerra e da violência, o irracionalismo, a regeneração da nação:

“A origem de todas as grandes transformações históricas é sempre um acto de fé, um largo sopro de poesia. A imaginação é mãe fecunda e inesgotável de dinamismos... Assim não são as realidades, não é o condicionalismo das realidades que arrasta e conduz os homens quando eles querem dar um passo em frente – é o seu anseio! E por isso o Duce dá por base ao império este clamor que enche vibrações heróicas a Histórica: Roma! [...] Sob o impulso magnético da Mística não há obra a que se abalancem os homens que não se realize, ainda que tenham de verter, gota a gota, o seu sangue ou hajam de esmagar dentro do peito o seu inquieto coração.”²⁷⁶

²⁷⁴ PRETO, Francisco Rolão. O Fascismo – Artigos ressuscitados de uma antiga polémica. In *Rolão Preto – Obras Completas Volume I*. Lisboa: Colibri, 2015, pp. 3-12.

²⁷⁵ STERNHELL, Zeev, SNAJDER, Mario, ASHERI, Maia. *El nacimiento...* op. cit... pp. 84-85.

²⁷⁶ PRETO, Francisco Rolão. O Fascismo... op. cit... pp. 5.

Foi a sua readesão ao nacional-sindicalismo original que permitiu a Rolão Preto relativizar e negar, justificar e exaltar a violência que os regimes fascistas provocaram.²⁷⁷ Rolão Preto considerou Hitler e Mussolini “[...] intérpretes perfeitos [...]” das suas respetivas nações, “[...] o espelho nítido onde se reflete a alma popular.” Declarando a sua fé e admiração pela obra do nazismo e do fascismo, o líder nacional-sindicalista português acreditou que os totalitarismos fascistas poderiam, no futuro, corresponder aos seus apelos de maior justiça, respeito pela “[...] Personalidade Humana [...]” e liberdade, em conjunto com o seu paradoxal apoio ao elitismo autoritário da liderança da revolução fascista, bem como ao expansionismo imperial.²⁷⁸

3. 2. 2. O Nacionalismo

Tanto o programa da FE JONS como o pensamento político dos seus líderes foram guiados por um espanholismo adaptado à ideologia nacional-sindicalista, ou seja, transformado em ultranacionalismo palingenético e orgânico. Ledesma e José Antonio foram influenciados por vários pensadores espanholistas de gerações anteriores, como Eugenio D’Ors e Ramiro de Maeztu, Miguel de Unamuno e José Ortega y Gasset.²⁷⁹

Segundo Salvador de Brocà, foi o nacionalismo imperialista de Ernesto Gímenez Caballero, considerado um dos primeiros fascistas espanhóis, o que mais influenciou os nacionalismos falangista e jonsista, tendo para este intelectual sido determinante o espanholismo de Ortega y Gasset.²⁸⁰ Considerando-se um “liberal crítico”, este intelectual conservador manteve um diálogo filosófico com Nietzsche, Maurice Barrés e Herbert Spencer, entre outros pensadores que influenciaram o fascismo. Este diálogo conferiu à sua teoria um intelectualismo radical semelhante à síntese nacional-sindicalista: um forte pendur aristocrático que, no entanto, estava associado ao empenho das elites numa política de massas, o enaltecimento da força e do espírito guerreiro medieval; uma

²⁷⁷ PRETO, Francisco Rolão. O Fascismo... *op. cit.* pp. 9-10.

²⁷⁸ *Idem*, pp. 10-11.

²⁷⁹ GRECCO, Gabriela de Lima. Plumas fascistas... *op. cit.* pp. 146-151.

²⁸⁰ BROCÀ, Salvator de. 1976. *Falange...* *op. cit.* pp. 90-91; GALLEGU, Ferran. *El Evangelio Fascista...* *op. cit.* pp. 55-57.

perspetiva cultural segundo a qual a Nação era natural e orgânica.²⁸¹ Gasset entendeu o nacionalismo de uma forma projetiva e dinâmica, ou seja, devendo-se construir no presente e no futuro através da regeneração e unificação da nação orgânica num novo Estado autoritário e imperialista. Tal transformava, nesta perspetiva, o nacionalismo de uma fatalidade, num objetivo – ou destino – político. Além disso, apesar de rejeitar o fascismo e o revolucionarismo,²⁸² Gasset defendeu o coletivismo em detrimento do individualismo. O seu espanholismo consistiu na integração dos regionalismos locais numa mesma “unidade de destino no universal”, definição que, dentro do nacional-sindicalismo espanhol, influenciou particularmente o pensamento de José Antonio. Ao Estado cabia a tarefa de agregar e unificar dos vários nacionalismos regionalistas, o que não significava a sua anulação, mas sim a sua construção dinâmica, subordinada ao projeto político comum de uma Espanha multinacional, mas guiada pelo castelhanismo:

“«La historia de toda nación, y sobre todo de la nación latina, es un vasto sistema de incorporación». Por incorporación entiende Ortega [...] convivencia entre pueblos, articulación de colectividades distintas en una unidad superior, en un todo más amplio.”²⁸³

Este sistema supranacional, coletivo e unificador correspondia não a Espanha enquanto federação, mas sim enquanto Império.²⁸⁴ A conceção de Estado de Ortega y Gasset foi particularmente influenciada por Hegel. Em oposição à noção rousseuniana de Estado legitimado pelas vontades individuais, defendeu que a sua legitimação deveria porvir de uma mobilização coletiva liderada por uma elite de intelectuais.²⁸⁵ Assim como Hegel defendeu que o Estado não dependia das vontades individuais, Ortega y Gasset considerou que o Império Espanhol não dependia da vontade das suas partes – leia-se, dos diversos nacionalismos regionais. Assim, o Estado espanhol não deveria aceder à livre vontade dos regionalismos e poderia recorrer à força contra eles legitimamente.²⁸⁶ A vontade da unidade espanholista totalizante era a única legítima, o que o levou a adotar a noção de comunidade de destino. O destino consistia, para este autor, numa tendência inevitável para a unificação de todos os territórios espanhóis, cujo resultado seria a realização de Espanha enquanto nação e Império. Esta narrativa mítica foi adotada como

²⁸¹ CUEVAS, Pedro Carlos González. *El pensamiento político... op. cit...* pp. 93-94; FREIXEDO, Xacobe Bastida. 1997. La Busqueda del Grial. La Teoría de la Nación en Ortega. *Revista de Estudios Políticos*. Abril-junho 1997. n° 96, pp. 44-45.

²⁸² CUEVAS, Pedro Carlos González. *El pensamiento político... op. cit...* pp. 95-97.

²⁸³ FREIXEDO, Xacobe Bastida. 1997. La Busqueda del Grial... *op. cit...* pp. 46-47.

²⁸⁴ *Idem*, pp. 48

²⁸⁵ BROCA, Salvator de. 1976. *Falange... op. cit...* pp. 206.

²⁸⁶ FREIXEDO, Xacobe Bastida. 1997. La Busqueda del Grial... *op. cit...* pp. 48-49.

missão pelo nacionalismo espanholista: unir todos os espanhóis num destino comum, em oposição ao separatismo autonomista dos nacionalismos regionais, processos que quebravam e ameaçavam essa unidade e o destino comum.²⁸⁷ Segundo Freixedo,

“Aunque para el filósofo madrileño [...] «la nación no es, ante todo, el pasado; no es la historia y la tradición», la alternativa que propone no pasa, ni mucho menos, por el voluntarismo: «Nación es la unidad de nuestro destino y de nuestro porvenir»; «Nación es la obra común que hay que hacer (...) es el afán de los que conviven en un destino histórico; es, pues, el sistema de posibilidad que hay en el presente para construir el porvenir» [...]. La nota fundamental en su definición de nación, y la que posibilita que las especificidades objetivas de las regiones se diluyan en una objetividad más abstracta e ideal instituida por el Estado, es la alusión al Destino.”²⁸⁸

Desta forma, a ideia de destino conduziu à ideia de missão histórica:

“El destino histórico que recae sobre la nación es, en cierta medida, el sustituto de la idea de Providencia en la Teología. Para Ortega, siguiendo aquí una vez más a Hegel, la nación es un organismo histórico portador de una misión superior, una entidad elegida, predestinada para la realización de fines trascendentes.”²⁸⁹

O fim transcendente era o contínuo desenvolvimento desse “[...] organismo histórico [...],” até à sua consolidação, que consistia na sua regeneração. Um nacionalismo espanholista regenerado seria apenas possível através de um Estado imperialista que refletisse o seu organicismo, rejeitasse o legado iluminista e as pretensões separatistas regionais, e implementasse a unificação totalizante dos regionalismos a um projeto político dominado pelo castelhanismo. Este projeto traduziu-se na fórmula “*unidad de destino en lo universal*”, missão política adotada anos depois pelo movimento falangista, que facilmente a adaptou ao projeto político de um Estado fascista. Este tornou-se o pilar central do espanholismo *joseantoniano*.²⁹⁰ À semelhança da aproximação do sindicalismo revolucionário soreliano ao tradicionalismo maurrasiano, José Antonio estabeleceu uma síntese no seu pensamento nacionalista que associou o tradicionalismo católico ao espanholismo adotado de Ortega y Gasset.²⁹¹ Segundo Ferran Gallego,

“[...] José Antonio comprendió que la relación entre Estado y Nación había de formar los puntos de ensamblaje con otras tradiciones de derecha, en la que el fascismo había de actuar como elemento modernizador, pero no de ruptura, en una nación en la que enfrentaba a dos realidades indispensables. Por

²⁸⁷ FREIXEDO, Xacobe Bastida. 1997. *La Busqueda del Grial... op. cit...* pp. 50.

²⁸⁸ *Idem*, pp. 50-51.

²⁸⁹ *Idem*, pp. 53.

²⁹⁰ *Idem*, pp. 50.

²⁹¹ STERNHELL, Zeev. *Neither right nor left: fascist ideology in France*. Princeton: Princeton University Press, 1986, pp. 60-65; GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 266.

un lado, [...] un patriotismo de raíz católica [...]. Por otro, la presencia de los nacionalismos de raíz liberal.”²⁹²

Na formulação *joseantoniana*, como na de Ortega, o destino consistiu no entendimento do projeto político espanholista enquanto processo histórico dinâmico, oposto à liberdade individual e associado à responsabilidade coletiva da regeneração da nação, o que denunciava o sentido organicista e autoritário da perspectiva joseantoniana:

“El nacionalismo no dependía de la voluntad de los españoles, sino de su *destino* asumido libremente, como criaturas portadoras de un libre albedrío que les forzaba a tomar las decisiones transcendentales con la disciplina y la responsabilidad ante la salvación o condenación de un católico de Trento.”²⁹³

Mais uma vez, tal como Ortega y Gasset, José Antonio opôs o nacionalismo rousseauiano, associado à vontade individual, ao liberalismo e aos separatismos regionalistas, um nacionalismo orgânico e transcendental espanholista. Um nacionalismo supranacionalista, ou seja, criador de um universo que transcendia várias nações, mas que também era composto e partilhado por elas.²⁹⁴

No seu *Ensayo sobre el Nacionalismo*, José Antonio defendeu que o indivíduo só possuía direitos que fossem correspondentes aos deveres para com a comunidade na qual se inseria e, portanto, o nacionalismo romântico era pernicioso devido à sua ligação com o individualismo e o nativismo. Produzia um efeito desagregador que impulsionava os confrontos entre comunidades anteriormente unidas. Ao sentimento patriótico separatista, José Antonio opôs um patriotismo organicista espanholista, cujo sentido unitário da agregação e harmonização dos vários nacionalismos locais assentava na missão histórica de cumprir o destino de Espanha como uma nação imperial:

“[...] un pueblo no es nación por ninguna suerte de justificaciones físicas, colores o sabores locales, sino por ser otro en lo universal; es decir: por tener un destino que no es el de las otras naciones. Así, no todo pueblo ni todo agregado de pueblo es una nación, sino sólo aquellos que cumplen un destino histórico diferenciado en lo universal. De aquí que sea superfluo poner en claro si en una nación se dan los requisitos de unidad de geografía, de raza o de lengua; lo importante es esclarecer si existe, en lo universal, la unidad de destino histórico.”²⁹⁵

²⁹² GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 266.

²⁹³ *Idem*, pp. 266.

²⁹⁴ *Idem*, pp. 267.

²⁹⁵ RIVERA, José Antonio Primo de. *Ensayo sobre el Nacionalismo*. In *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 272.

José Antonio exortou à construção de um patriotismo que se tornasse inquestionável, devendo assentar sobretudo em profundas bases espirituais, fruto do que entendeu ser, à imagem da teoria dos mitos soreliana, uma narrativa mobilizadora produzida pela batalha contra os valores iluministas, os quais identificou nos nacionalismos românticos locais:

“Hacer del patriotismo [...] una verdad tan inmovible como las verdades matemáticas. No por ello se quedará el patriotismo en árido producto intelectual. Las posiciones espirituales ganadas así, en lucha heroica contra lo espontáneo, son las que luego se instalan más hondamente en nuestra autenticidad.”²⁹⁶

Ao contrário de Ortega y Gasset, que adotou um liberalismo autoritário e organicista,²⁹⁷ José Antonio repudiou completamente o liberalismo, bem como o marxismo – algo inevitável para um nacional-sindicalista.²⁹⁸ Se o liberalismo era, a seu ver, incompatível com o seu espanholismo devido ao individualismo e ao capitalismo, já o marxismo e os separatismos, mais que incompatíveis, foram considerados uma ameaça objetiva à integridade de Espanha, destruidores da sua unidade. O líder falangista argumentou-o desde o início da sua fascização, em 1933, e o seu radicalismo anti-marxista e anti-separatista aumentou em 1934 – no caso dos separatismos, devido às propostas de autonomia política das regiões basca e catalã que foram debatidas no parlamento, as Cortes, durante todo o ano. No caso do marxismo, a partir da revolta dos mineiros asturianos de outubro de 1934, que provocou uma brutal violência, com destaque para a repressão do exército, sob o comando de Francisco Franco.²⁹⁹ Em 1933, numa carta a Julián Pemartin, José Antonio defendeu a legitimidade da violência.³⁰⁰ Em 9 e 13 de outubro de 1934, apelou à revolta das juventudes e declarou inequivocamente que a ordem governamental era injusta.³⁰¹

Pouco antes deste manifesto, José Antonio havia apresentado um artigo de importante monta na revista *F. E.*, no qual clarificou quais eram as ameaças ao nacionalismo e ao imperialismo falangista, bem como quais as razões da degeneração de Espanha. Explicou que, a seu ver, a essência do espanholismo residia no conceito de *unidad de destino*. Este

²⁹⁶ RIVERA, José Antonio Primo de. Ensayo... *op cit...* pp. 273.

²⁹⁷ BROCA, Salvator de. 1976. *Falange... op. cit...* pp. 206-207.

²⁹⁸ RIVERA, José Antonio Primo de. Crisis del Liberalismo. In *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 145-146.

²⁹⁹ RIVERA, José Antonio Primo de. Resumen del discurso pronunciado en el Teatro Bretón, de Salamanca, el 10 de Febrero de 1935. In *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 407-408.

³⁰⁰ RIVERA, José Antonio Primo de. La violencia y la justicia. In *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 148.

³⁰¹ RIVERA, José Antonio Primo de. La juventud y el 6 de octubre. In *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 338-342.

adquiriu, na perspectiva joseantoniana, um carácter espiritual e mitológico mais vincado, associando-se a uma narrativa da história de Espanha que entendia o país não enquanto Estado, mas enquanto projeto ou missão política. Além da influência orteguiana, o nacionalismo *joseantoniano* agregou as várias tendências da direita espanholista, desde o nacional-sindicalismo *per se*, até ao tradicionalismo católico que também influenciou, se bem que numa menor dimensão, os pensamentos de Ledesma e Redondo.³⁰²

A unidade de destino entendeu-se exclusivamente numa extensão ibérica. A regeneração da nação espanhola consistia, no entender dos falangistas, numa responsabilidade inquestionável à qual o povo espanhol devia obedecer disciplinadamente. Segundo o líder falangista, a melhor forma dos povos de Espanha se emanciparem era ganhando essa consciência coletiva e aceitando a missão política do nacionalismo espanholista com um sentido de entrega total. Segundo esta narrativa, a partilha do projeto espanholista comum e a integração na unidade universal, ao contrário de anular os povos espanhóis, permitia-lhes cumprir-se a si próprios plenamente.³⁰³

Ledesma também desenvolveu um pensamento elaborado sobre o nacionalismo e o seu papel no regime nacional-sindicalista, preconizado também pelas JONS. O seu nacionalismo também foi influenciado tanto por Unamuno e Ortega, como por Hegel, Fichte e, principalmente, pelo nacional-sindicalismo soreliano. O castelhanismo imbuíu a retórica nacionalista das JONS, influência trazida principalmente por Onesimo Redondo, o segundo líder a seguir a Ramiro Ledesma e membro da Junta de Mando da FE de las JONS. Defendido por Ledesma e Redondo antes da criação das JONS, no semanário *Libertad* publicado em 1931, o castelhanismo consistiu num espanholismo cuja essência mítica, política e espiritual residia em Castela, agregando elementos do nacionalismo revolucionário ao ruralismo, ao tradicionalismo, ao catolicismo social.³⁰⁴ Redondo, mais próximo do nacional-socialismo alemão que do fascismo italiano, introduziu também, além da comum repúdia do republicanismo democrático, do marxismo e dos separatismos, o anti-semitismo e o anti-maçonismo, trazendo-os depois para a FE de las JONS.³⁰⁵ Para Redondo, o marxismo e o maçonarismo eram

³⁰² GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 265-271.

³⁰³ RIVERA, José Antonio Primo de. España es irrevocable. In *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 314.

³⁰⁴ GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 109-119.

³⁰⁵ REDONDO, Onésimo. *Onesimo Redondo - Obras Completas I*. Madrid: Publicaciones Españolas, 1954, pp. 125; REDONDO, Onésimo. *Onesimo Redondo... op cit...* pp. 194.

manifestações do judaísmo degenerador, associando assim a síntese nacional-sindicalista à nacional-socialista, algo distante da tolerância que José Antonio demonstrou.³⁰⁶

Como afirmou o líder jonsista, imperava a necessidade de criar um mito coletivo mobilizador das massas em defesa do nacionalismo espanholista e imperialista. Este mito deveria, por sua vez, ser promovido por uma vanguarda intelectual que o concretizasse numa doutrina de ação nacional-sindicalista.³⁰⁷ Na sua obra *¿Fascismo en España?*, o líder jonsista tentou apresentar um conjunto de características definidoras do fascismo genérico. A primeira delas, a seu ver, era o ultranacionalismo, entendido como:

“[...] la vigencia de unos valores nacionales, la existencia de una Patria con suficiente vigor y suficiente capacidad de futuro para arrebatarse en pos de ella el destino espiritual, económico y político del pueblo entero. Se actualiza así, pues, una teoría aristocrática de los pueblos, distinguiendo entre los que son mera convivencia o agregado de gentes, para realizar cada una su propio y personal destino, y los otros, los grandes pueblos creadores, que han hecho la Historia universal, y son hoy, aún, la garantía de que el genio humano sigue su curso.”³⁰⁸

O líder jonsista, que também foi influenciado por Ortega, partilhou a noção mítica de um destino comum e defendeu que o fascismo espanhol dependia da consciência nacional das massas populares, que deveriam aceitar o projeto unificador e imperialista do nacionalismo espanholista. Admitiu que o apoio ao espanholismo nacional-sindicalista se revelava diminuto e, portanto, a revolução fascista dependia da sua dinamização.³⁰⁹ Pior que a ausência do ímpeto das massas, o líder falangista considerou que o nacionalismo espanholista se encontrava em regressão, fruto da decadência provocada pelo liberalismo, marxismo e separatismo, que o haviam afastado a população.³¹⁰

Aludimos anteriormente ao mito da revolução nacional, a instrumentalização da teoria dos mitos soreliana para melhor definição da ideologia e doutrina de ação nacional-sindicalistas. Esta por regra, adaptou-se aos ultranacionalismos específicos de cada país e, no caso da FE de las JONS, dependeu do ultranacionalismo espanholista. A revolução violenta despoletada pelo mito mobilizador consistia na fase inicial da concretização da

³⁰⁶ PAYNE, Stanley G. *A history of fascism...* op. cit... pp. 61-63; RIVERA, José Antonio. Al Volver. In *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 159.

³⁰⁷ RAMOS, Ramiro Ledesma. Examen... op. cit... pp. 35.

³⁰⁸ LANZAS, Roberto [Ramos, Ramiro Ledesma]. 1935. *¿Fascismo en España?*. Madrid: Publicaciones La Conquista del Estado, 1935, pp. 7.

³⁰⁹ LANZAS, Roberto [Ramos, Ramiro Ledesma]. 1935. *¿Fascismo en España?... op cit...* pp. 11.

³¹⁰ *Idem*, pp. 12; RAMOS, Ramiro Ledesma. Breves comentarios al pasado. In *Ramiro Ledesma Ramos – Antología*. Madrid: Ediciones FE, 1942, pp. 50-55; LANZAS, Roberto [Ramos, Ramiro Ledesma]. 1935. *¿Fascismo en España?... op cit...* pp. 12.

“missão” nacional-sindicalista. A compatibilidade entre o nacionalismo espanholista e o nacional-sindicalismo foi, para os líderes falangista e jonsista, possível e necessária.

José Antonio, refletindo, em 1933, sobre a aplicabilidade do fascismo em Espanha, explicou como este procurou sempre a essência nacional dos países. Em Espanha, tal implicava a compatibilidade com o tradicionalismo católico, o que os líderes nacional-sindicalistas defenderam:

“Ahora bien, y esta es la cuestión: ¿por qué habla del Imperio romano Mussolini? Habla del Imperio romano porque quiere encontrar en él la vena tradicional del espíritu de Italia. Luego el fascismo es "esencialmente tradicionalista". En Italia busca la tradición del Imperio. En España buscará la tradición de nuestro Imperio. Porque lo que hay de universal en el fascismo es esta revitalización de los pueblos todos; esta actitud de excavación enérgica en sus propias entrañas. Con espíritu fascista los italianos han encontrado a Italia. Los españoles, con el mismo espíritu, encontraremos a España. El fascismo es como una inyección que tuviera la virtud de resucitar: la inyección podría ser la misma para todos, pero cada cual resucitaría como fue.”³¹¹

Ledesma também afirmou convictamente que a tradição espanhola era não só compatível, como também totalitária na sua essência e, portanto, completamente enquadrável no nacional-sindicalismo. Pretendendo ressuscitar a visão mítica imperial e tradicionalista de Espanha, Ledesma defendeu a necessidade de recorrer não só à violência, mas também ao extermínio de todos os grupos desagregadores da unidade espanholista – nomeadamente, os separatistas e os marxistas. Onésimo Redondo defendeu um tradicionalismo mais influenciado pelo nazismo, com um acentuado carácter racista, anti-maçónico e anti-semita.³¹² Foi consistente a defesa, pelos fascistas espanhóis, da adoção dessa essência do nacionalismo espanholista. Na sua visão, o tradicionalismo e o catolicismo não foram definidores do Estado a construir, mas constituíam a essência da nação espanhola. Desta forma, os líderes jonsistas distinguiram-se de José Antonio por verem mais no totalitarismo o culminar do seu projeto político, enquanto o líder falangista considerou que o culminar deveria ser a regeneração da nação espanhola, tendo a sua essência tradicionalista católica prevalência sobre o totalitarismo, sendo este último de carácter mais instrumental nesse processo.³¹³

³¹¹ RIVERA, José Antonio. Al Volver. In *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 160.

³¹² RAMOS, Ramiro Ledesma. Examen... *op. cit.*... pp. 35; GALLEGU, Ferran. *El Evangelio Fascista...* *op. cit.*... pp. 177-178; REDONDO, Onésimo. Las publicaciones infrahumanas. In *Onesimo Redondo - Obras Completas I*. Madrid: Publicaciones Españolas, 1954, pp. 60-61.

³¹³ GALLEGU, Ferran. *El Evangelio Fascista...* *op. cit.*... pp. 96-101; *Idem*, pp. 110-112.

Não obstante, como referido anteriormente, aquando da fusão da FE e da JONS os seus projetos nacionalistas provaram-se bastante compatíveis. As visões do nacionalismo espanholista enquanto mito mobilizador, na forma de missão política e destino histórico, foram associadas numa mesma síntese ideológica:

“Lo que se afirmaba en la doctrina no era la primacía de la existencia, como habían afirmado el socialismo y el liberalismo, sino la del la esencia. [...] Era vivir en la ascesis religiosa del patriotismo. Era crear un ritual de imitación de los mejores. No se trataba de particularizar el estilo, sino de universalizarlo [...]. A ese concepto trascendental de la Patria, en la que los individuos se realizaban como creyentes en un destino superior solo alcanzable mediante su integración en un destino, había de corresponder la aportación falangista a la doctrina de la nación que las JONS elaboraban de un modo mucho más sobrio y vinculando la ambición imperial a la voluntad de forjar una disciplina en la que las masas pudieran incorporarse a la organización productiva de la nación y al reforzamiento del Estado totalitario. Sánchez Mazas defendía el establecimiento de un punto ideológico central: «el mito de la nación y el mito del Imperio. La unidad de destino, como misión nacional en el mundo tiene esta disyuntiva: imperar o languidecer». La libertad solo podía entenderse como acto de servicio, de entrega al género humano a través del cumplimiento de las razones católicas de la nación y del Imperio. La tarea era «rehacer» España, volver a una tradición actualizada. La idea de Imperio recuperaba, de este modo, la solución a la diversidad española que ya habían ideado los teóricos de *La Conquista del Estado*, aunque dotando a la unidad nacional de unos elementos místicos católicos de los Ramiro Ledesma había escapado, planteando la razón imperial como equivalente al nuevo Estado corporativo y totalitario. Unidad nacional, recuperación de la tradición, concepto clásico de la patria, disciplina del individuo realizado a través de la empresa imperial de un destino común, primacía del estilo como forma de ser sobre el proyecto político equiparable a las otras opciones ideológicas.”³¹⁴

Segundo Roger Griffin, o ultranacionalismo palingenético consiste numa forma de nacionalismo radical que assenta na ideia de renascimento da nação, através da recuperação da sua essência e da destruição dos fatores degeneradores. Sendo mitificada, no sentido da teoria de mitos soreliano, a regeneração da nação conecta-se a uma dimensão psicológica e simbólica, de limpeza e renovação através da violência. Por outro lado, Griffin identificou nele o organicismo extremo: os fascistas personificaram a nação, entendendo-a como um organismo vivo, sendo os indivíduos tratados como células do mesmo. Por fim, o ultranacionalismo fascista não se confunde com o conceito de Estado-nação e pode adquirir um carácter transnacional.³¹⁵

Todos os elementos anteriormente mencionados são identificáveis nos fascismos espanhol e português. Apesar do organicismo e personificação da Nação não terem sido

³¹⁴ GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 224-226.

³¹⁵ GRIFFIN, Roger. 2018. *Fascism*. Cambridge: Polity Press, 2018, pp. 45-52.

características exclusivas do ultranacionalismo palingenético falangista, tendo surgido primeiro nos espanholismos das gerações de 1898 e de 1914, os nacionais-sindicalistas acabaram por os enquadrar num fascismo espanhol, radicalizando-os e extirpando do espanholismo o seu carácter liberal.³¹⁶ O ultranacionalismo palingenético espanholista transformou-se na base que uniu os demais elementos da ideologia fascista espanhola – o revolucionarismo, o imperialismo, autoritarismo, o tradicionalismo e o totalitarismo – na síntese comum referida acima. Desta forma, acabou por se tornar também o principal elemento definidor do fascismo espanhol, conferindo-lhe o seu carácter único e distintivo dos demais fascismos estrangeiros.³¹⁷

Em Portugal, o nacional-sindicalismo preconizou um ultranacionalismo palingenético proveniente do radicalismo fascizante da ala do IL que fundou o MNS. O nacionalismo integralista foi influenciado por várias tendências da direita francesa, em particular pelo maurrasianismo. António Sardinha, destacado fundador integralista, envolveu-se no debate ocorrido em França que envolveu tradicionalistas maurrasianos, sindicalistas revolucionários e nacionalistas, o qual produziria vários importantes movimentos de extrema direita, desde a *Accion Française* até ao *Faisceau* de Georges Valois e à construção do nacional-sindicalismo de Georges Sorel.³¹⁸ Em *O Valor da Raça*, obra escrita em 1915, Sardinha destacou os contributos dos sindicalistas revolucionários sorelianos Édouard Berth e Maurice Barrés, bem como o próprio contributo da teoria dos mitos soreliana. Exaltando-a, Sardinha defendeu que esta se aplicava à narrativa histórica portuguesa. O mito da esperança do desenvolvimento da nação mobilizou, no seu entender, as massas do reino português, no período dos Descobrimentos, empenhadas com base na vontade coletiva:

“A Esperança é ainda o mesmo sonho activo extraindo da derrota a afirmação duma vida que não se rende, o grito duma força que persiste e confia na hora que lhe ha de chegar. Não é um musulmanismo em delirios de febre, nem uma sensibilidade histórica, perdendo-se em fantasias de impossível. O mito, ensina Georges Sorel, é uma criação da vontade colectiva, em que se condensam as tendencias mais fortes duma época ou dum povo. Não se irmane com a utopia, que não passa dum excesso de imaginação perdendo-se no vago do capricho pessoal. Pois a Esperança guarda dentro dela o profundo génio que concebe os mitos.”³¹⁹

³¹⁶ CAMPOS, Ismael Saz. Las culturas de los nacionalismos franquistas. *Ayer*. 2008. n.º 71, pp. 156-159; GALLEGU, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 57-60.

³¹⁷ CAMPOS, Ismael Saz. Las culturas... *op. cit...* pp. 168.

³¹⁸ STERNHELL, Zeev. *Neither right nor left... op. cit...* pp. 1-118.

³¹⁹ SARDINHA, Antonio. *O Valor da Raça*. Lisboa: Almeida, Miranda & Sousa, 1915, pp. 60.

Ao que acrescentou:

“Georges Sorel achou a significação social dos mitos, que considera como imagens de reparação actuando energeticamente nas massas por força da finalidade que lhes confere. A Esperança é assim, na verdade. Elevando-nos aos lances inacreditáveis de valentia e sacrificio com que se prelima Quatrocentos, é ela que nos ajuda a suportar os naufragios da desfeita, graças ao destino imortal que de novo nos inspira. Está por estudar psicologicamente a hora espessa da opressão. Com o florescimento do messianismo, é o «meio-vital» da Nacionalidade que se recupera. Os Concelhos vão pronunciar na guerra que se avizinha a palavra que decide e nos redime.”³²⁰

A teoria que Sardinha elaborou consistiu, segundo António Costa Pinto, num nacionalismo rático, anti-liberal e tradicionalista, que exaltou o período medieval e considerou o Iluminismo como um período de decadência, culminando na implantação de uma monarquia liberal que destruiu o autoritarismo, o tradicionalismo e organicismo defendidos pelo integralismo. Tal narrativa foi influenciada por uma série de correntes ideológicas, das quais Costa Pinto destacou o maurrasianismo, que diferia das demais correntes conservadoras, tradicionalistas e nacionalistas pelo seu maior radicalismo reacionário e ultranacionalista.³²¹ Esse radicalismo havia facilitado, em França, a associação do maurrasianismo ao nacional-sindicalismo através do *Cercle Proudhon*, liderado por Sorel, no qual se tentou uma síntese entre o ultranacionalismo e um socialismo revisionista, além da sua proximidade devido ao mútuo anti-marxismo.³²²

O desenvolvimento do discurso integralista num sentido menos ruralista ou tradicionalista e mais revolucionário foi consequência da sua aproximação ao poder, que sucedeu a partir de 1918, com a sua proximidade à ditadura sidonista. À defesa da monarquia orgânica e autoritária acrescentou-se um programa mais centrado nas questões sociais, assente no sindicalismo orgânico, com o qual Rolão Preto e vários outros jovens integralistas, futuros nacionais-sindicalistas, inovaram. Estas constituíram o que Costa Pinto denominou as “[...] alterações fascizantes [...]” à ideologia integralista. O ultranacionalismo desta ideologia, no entanto, manteve o seu registo de radical organicismo, tradicionalista e corporativista, anti-iluminista e anti-capitalista. Maurras e Sorel influenciaram-no particularmente nos seus aspetos tradicionalista, reacionário, revolucionário e corporativista. Em 1914, António Sérgio criticou o movimento cultural saudosista, rejeitando a perspetiva integralista segundo a qual o passado se transportava

³²⁰ SARDINHA, Antonio. *O Valor da Raça... op. cit...* pp. 118.

³²¹ PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis... op. cit...* pp. 27-28.

³²² STERNHELL, Zeev. *Neither right nor left... op. cit...* pp. 10-11.

para o presente numa tarefa de salvação e regeneração da nação futura. Numa perspetiva contrária, Sérgio defendeu que “Não são as energias do passado que suscitam as do presente, mas as energias do presente que ressuscitam as do passado. (...) é do Presente- Locomotiva que toda a força dimanou. A carcaça do passado vem sempre a reboque.”³²³

António Sardinha denunciou assim a radicalização da direita e as contradições do seu discurso, em inícios da década de 1920. Segundo Rui Ferreira Cascão,

“[...] talvez impressionado pelos acontecimentos recentes, nomeadamente a marcha das tropas de Mussolini sobre Roma (Outubro de 1922), reconhecia que a aspiração nacionalista continha um "encanto bárbaro", porquanto reflectia uma força de agressividade "primitiva". Em condições apropriadas, o nacionalismo, enquanto modelo exclusivo de conduta colectiva, poderia até ser um poderoso agente de perturbação e de anarquia. É que o nacionalismo (instinto profundo de Vitalidade, mas também elemento muito instável) deveria ser purificado pelas regras morais que só o Tradicionalismo [...] lhe pode fornecer. Deste modo, o nacionalismo se tornaria uma estrutura "consistente e duradoura"; assim se consumaria a conciliação entre o Nacionalismo e o Universalismo.”³²⁴

À semelhança do ultranacionalismo espanholista, o ultranacionalismo integralista assentou também no catolicismo e no imperialismo. Esta narrativa histórica argumentava que, como defendeu Sardinha, a História de Portugal fora determinada pelas características antropológicas, biológicas (“rácicas”) do povo português, bem como pelas características geográficas do seu território. Tal significava que, ao contrário das teses românticas de Alexandre Herculano e Oliveira Martins, a grandeza da nação não era fruto do acaso ou da ação de grandes líderes, mas sim das características da “raça”. Consistiu numa tentativa de cientificar uma suposta superioridade do povo português, em oposição a uma diferenciação acidental e relativa dos povos. Ainda segundo Sardinha, a decadência provocada pelo período do Iluminismo e das Descobertas ameaçou a integridade e soberania portuguesa, suscitando questões como a do Iberismo e da “intervenção” de Espanha em Portugal, por consequência da decadência e da instabilidade da República.³²⁵ Apesar de criticar os Descobrimentos, Sardinha identificou no império aspetos que contribuíram para a afirmação do nacionalismo português.³²⁶ Considerou a fusão ibérica uma ameaça da maçonaria internacional associada, pelos integralistas como por grande parte da extrema direita, ao liberalismo.³²⁷ Sardinha respondeu a esta ameaça

³²³ CASCÃO, Rui de Ascensão Ferreira. As correntes nacionalistas da segunda década do século XX.” *Revista de História das Ideias*. 1992. Vol. 14, pp. 334.

³²⁴ CASCÃO, Rui de Ascensão Ferreira. As correntes... *op. cit.* pp. 335.

³²⁵ *Idem*, 336-337.

³²⁶ SARDINHA, Antonio. *O Valor da Raça...* *op. cit.* pp. 46.

³²⁷ *Idem*, pp. 13-30.

de perda da soberania nacional, no contexto da Primeira Guerra Mundial, procurando uma mobilização espiritual e mítica semelhantes às da doutrina nacional-sindicalista, e apelando às juventudes para que, num espírito de sacrifício heróico, tomassem nas suas mãos a tarefa de defesa e afirmação da nação.³²⁸ Este nacionalismo português deveria afirmar-se através da destruição do regime republicano, de toda a herança iluminista e da construção de um regime corporativo e monárquico autoritário.

Rolão Preto estabeleceu o seu entendimento quanto ao nacionalismo pouco depois, em 1920, tendo as suas obras posteriores se focado principalmente nos temas socioeconómicos da revolução nacional-sindicalista. Apresentou um entendimento soreliano do nacionalismo que se caracterizou pelo seu extremo organicismo, pelo enfoque na solidariedade e harmonização das classes, em oposição à luta de classes, no seu enquadramento disciplinado e no sentido de sacrifício coletivo pela regeneração e desenvolvimento da Nação:

“De novo o critério útil restaura a verdade dos velhos postulados da histórica conceção orgânica das sociedades nacionalistas: o dever que solidariza as classes e os indivíduos na comum aspiração [a] que uma linha de fronteiras dá corpo e significação próprias; a ideia do sacrifício necessário que disciplina os espíritos tornando-os parte integrantes e funcionais do organismo nação [...]. Só o nacionalismo como doutrina social compreende e ordena o instinto egoísta do homem, não considerando o indivíduo como fim da organização social, mas sim como função da nação, e que a a prosperidade e a riqueza particular são uma direta sequência da riqueza e da prosperidade da nação. Só ainda o nacionalismo dá aos interesses individuais o significado duradouro e perdurável através do tempo consubstanciando-o com o interesse nacional [...]. Em função do agregado nacional, o homem é, na conceção orgânica do nacionalismo integral, o beneficiário direto do interesse comum; o seu bem é o bem da nação e, da mesma maneira, o bem da nação é o seu próprio bem [...]. Enfim, só o nacionalismo provado mais uma vez no sacrifício formidável dos milhões de mortos da conflagração europeia, que ora se apaga, representa, em realidade, a base segura em que o Estado se pode apoiar [...].”³²⁹

Como se demonstra neste trecho, o extremo organicismo fez os nacionais-sindicalistas confundirem o Estado com a Nação e a verem esta última, à semelhança dos fascistas espanhóis, como um órgão fora do qual não se reconhecia o indivíduo. Este componente do coletivo nacional era dominado pelo Estado e só nesse contexto lhe eram reconhecidos direitos e deveres. Esta visão de Rolão Preto consistiu em mais um exemplo da personalização da nação comum aos ultranacionalismos organicistas, entendida como um organismo autónomo que anulava o individualismo e as liberdades individuais. Fora

³²⁸ SARDINHA, Antonio. *O Valor da Raça... op. cit...* pp. 72-75.

³²⁹ PRETO, Francisco Rolão. *A Monarquia... op. cit...* pp. 48-49.

da nação e do Estado totalitário que a representava, o indivíduo não existia. A instrumentalização do Estado totalitário enquanto representante da nação permitir-lhe-ia “[...] determina[r] a cada um dos seus órgãos o papel da sua própria função, e assim pode[r] manter a supremacia absoluta dos seus fins superiores [...].”³³⁰

O nacionalismo do MNS português foi, segundo Manuel Murias, profundamente influenciado pelo tradicionalismo e integralismo do IL.³³¹ António Sardinha absorveu e modelou o nacionalismo português de acordo com o maurrasianismo e com o conservadorismo cristão francês, entendendo-o numa perspetiva orgânica, autoritária e tradicionalista, incluindo nele um carácter místico proveniente do período medieval, período no qual este líder integralista encontrou a essência nacionalista portuguesa.³³² Na sua obra surgiram, por um lado, o anti-capitalismo e o anti-liberalismo e, por outro, a exaltação da comunidade medieval e a identificação da nação portuguesa com um coletivismo orgânico associado a esse período histórico.³³³ Sardinha defendeu na sequência disto a construção de um regime monárquico autoritário e organicista cujos fundamentos assentassem na tradição, e na narrativa histórica da nação e da “raça” portuguesa.³³⁴

O MNS defendeu um nacionalismo renovador. A renovação do país e da Nação fazia-se de acordo com uma lógica de retorno a um processo histórico que todos os nacionalistas portugueses de então consideravam fundamental para a afirmação do país: as Descobertas. Pretenderam associar o fervor nacionalista à ambição política, concretizando o projeto de afirmação de Portugal como uma grande potência imperial, à imagem do que havia sido no passado, em oposição à decadência do liberalismo.³³⁵ Assim, à semelhança de praticamente toda a direita portuguesa da época e dos congéneres espanhóis, o líder nacional-sindicalista português defendeu o imperialismo. Rolão Preto entendia que a metrópole devia aprofundar o seu investimento no Ultramar, fortalecendo as relações entre Lisboa e as colónias através da “[...] missão civilizadora [...],” e da extração das suas riquezas. Este imperialismo, apesar de nutrir dos laivos

³³⁰ PRETO, Francisco Rolão. *A Monarquia...* op. cit... pp. 49.

³³¹ MURIAS, Manuel. Antonio Sardinha, mestre do entusiasmo. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 10 janeiro 1933. nº 238, pp. 1.

³³² PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis...* op. cit... pp. 27; SARDINHA, Antonio. *O Valor da Raça...* op. cit... pp. VI-VII.

³³³ *Idem*, pp. X-XVIII.

³³⁴ *Idem*, pp. XIX-XXII.

³³⁵ CABRAL, Vasco. Portugal país pequeno! *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*, nº 273 (27 janeiro 1933), pp. 1; CABRAL, Vasco. Portugal... op. cit... pp. 8.

racistas comuns ao nazismo, distinguiu-se deste na escala da obsessão virulenta racista e biológica, o que não impediu a exaltação do nazismo, mesmo antes de Hitler chegar ao poder.³³⁶ Quando o líder nazi foi eleito, os nacionais-sindicalistas portugueses regozijaram-se.³³⁷ Aclamaram Hitler como representante da regeneração da nação alemã. Foi apelidado de “[...] novo César [...], um homem que ergue na praça pública a sua voz messiânica, a sua voz onde se proclamam as verdades salvadoras da Alemanha.” Rolão Preto exaltou o sucesso do movimento nazi, enalteceu o seu radicalismo e o sentido de sacrifício das massas (em particular da juventude) alemãs contra o sistema político liberal.³³⁸

Nesta fase inicial da década de 1930, o ultranacionalismo do MNS conteve, portanto, os dois elementos centrais da perspectiva fascista/nacional-sindicalista quanto ao nacionalismo. Incluiu um carácter palingenético, uma vez que teve como objetivo a renovação e regeneração da nação através da destruição do decadentismo liberal e do marxismo, seguida da construção de um novo sistema de valores que fortalecesse a unidade espiritual da nação. Além disso, caracterizou-se pelo extremo organicismo, expresso através da personalização da nação e da submissão do indivíduo ao coletivo. António Tinoco afirmou que o sindicalismo do MNS não era fascista porque orgânico, enquanto o sindicalismo fascista era apenas, a seu ver, revolucionário.³³⁹ Na verdade, o fascismo distinguiu-se do sindicalismo revolucionário precisamente devido ao seu carácter orgânico, ou seja, ao seu extremo organicismo. Segundo Zeev Sternhell,

“In the form that it emerged at the turn of the century and developed in the 1920s and 1930s, fascist ideology represented a synthesis of organic, tribal nationalism with the anti materialist revision of Marxism [...]. Fascism [...] claimed that it could confer a comparable harmony on the social fabric without in any way touching the social and economic reality. In order to bring this about it was sufficient to regard society not as an aggregate of individuals or a juxtaposition of antagonistic groups, but as a single entity whose

³³⁶ PRETO, Francisco Rolão. Nacional-Sindicalismo. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 10 janeiro 1933. n.º 238, pp. 2; A marcha do nacionalismo. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 28 janeiro. n.º 274.

³³⁷ Hitler no poder! *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 30 janeiro 1933. n.º 275, pp. 1.

³³⁸ PRETO, Francisco Rolão. Hitler. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 1 fevereiro 1933. n.º 276, pp. 1; PRETO, Francisco Rolão. Hitler... *op. cit...* pp. 8; FARIA, Dutra. Hitler. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 1 fevereiro 1933. n.º 276, pp. 3; Palavras de Hitler. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 2 fevereiro 1933. n.º 277, pp. 1.

³³⁹ FARIA, Dutra. Os Camisas Azuis. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 2 fevereiro 1933. n.º 277, pp. 5.

organic, biological and cultural unity, destroyed by the Enlightenment and modernization or at least strongly endangered by it, could and should be restored.”³⁴⁰

Desta forma, o raciocínio de Tinoco, um importante nacional-sindicalista português, revelou-se também contraditório sendo que, na verdade, comprovou a aproximação do fascismo ao MNS português, e não o contrário. O sindicalismo dos fascistas portugueses era orgânico conforme o seu ultranacionalismo. Toda a visão socioeconómica e política do nacional-sindicalismo tendia para o coletivismo, e não qualquer coletivismo, mas sim um intrinsecamente autoritário. António Tinoco defendeu a incompatibilidade do nacionalismo orgânico com a democracia: “[...] se há democracia não há orgânica [...]. O nacionalismo preconiza o governo da Nação organizada, enquadrados os seus membros nos respetivos grupos sociais e económicos [...]”³⁴¹ A democracia era incompatível com um sistema socioeconómico revolucionário, autoritário e coletivista, assente na mobilização e disciplina das massas e no qual o indivíduo se submetia aos desígnios do Estado que, por representar a nação, a dominava na sua totalidade.³⁴²

Nestes anos, a radicalização de Rolão Preto fê-lo afastar-se dos aspetos conservadores do integralismo, uma vez que a nação e a revolução se tornaram, na sua perspetiva, indissociáveis. Apesar de esta associação se ter manifestado desde cedo no seu pensamento, o líder nacional-sindicalista reforçou-a ao longo dos anos. Em 1936, após ter radicalizado as suas posições, sido reprimido e forçado ao exílio, Rolão Preto publicou uma obra onde, entre outros aspetos, condenou o reacionarismo, a contrarrevolução e o conservadorismo, características associadas ao regime do qual se tornou crescentemente crítico. Além de os condenar, acusou-os de traição:

“Traição como espírito de inércia, travão destruidor de todos os impulsos generosos e criadores da Revolução; traição como elemento reaccionário, cavalo de tróia dentro dos muros da cidade nova; traição como mandatários da «Prudência» e da «Sabedoria» - fórmulas destinadas a garantir a própria «posição» dessas ressurreições e que, evitando o triunfo de reivindicações profundas, se tornam assim a maneira segura de amesquinhar, reduzir, tornar impotente o esforço da revolta.”³⁴³

³⁴⁰ STERNHELL, Zeev. How to Think about Fascism and its Ideology. *Constelations*. 2008. Vol. 30, nº 3, pp. 282-286.

³⁴¹ TINOCO, António Lepierre. 1933. Os Camisas Azuis. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 2 fevereiro 1933. nº 277, pp. 5.

³⁴² TINOCO, António Lepierre. 1933. Aos Trabalhadores. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 4 fevereiro 1933. nº 279.

³⁴³ PRETO, Francisco Rolão. *Justiça... op. cit...* pp. 248.

Eram, em seu ver, traições dos “mortos”, de quem havia anteriormente defendido a contrarrevolução opondo-se às juventudes revolucionárias que pretendiam a regeneração da Nação. No entanto, paradoxalmente, no processo desta radicalização, Rolão Preto passou a criticar o totalitarismo e a associá-lo à própria contrarrevolução. Foi desta forma que o líder nacional-sindicalista explicou os excessos e a violência dos regimes comunista soviético, como dos regimes fascistas, dos quais se tornou parcial e momentaneamente crítico. Passou assim, paradoxalmente, a diferenciar a regeneração da nação e a revolução total, no sentido da mobilização em massa de toda a sociedade, do Estado totalitário e da autoridade absoluta.³⁴⁴ Defendeu que nos regimes totalitários,

“Homem, Nação, Família, Sindicato, Corporação – todas as fórmulas a que o espírito revolucionário dá uma interpretação renovadora e forte – não tardam em perder, ao contacto do condicionalismo contra-revolucionário, todo o seu sentido e toda a sua fecundidade.”³⁴⁵

Mantendo o seu apoio ao nacionalismo coletivista e organicista, não pondo em causa o que considerou a derrota do individualismo, Rolão Preto desviou-se, neste período, do princípio fundamental do nacional-sindicalismo de que a Nação era um fim em si mesmo, e adotou uma visão menos personalizada do nacionalismo, pondo como valor superior e fim da sua revolução a realização da pessoa humana através dos órgãos coletivistas e organicistas, num sentido contraditoriamente humanista. Neste sentido, não os rejeitou em si mesmos, mas condenou a sua divinização, quer no comunismo, quer no fascismo:

“Resumindo: o grupo social, seja qual for a sua força e a sua duração – tribo, sindicato ou nação – nunca constitui um fim de si próprio, mas sim o meio necessário para que a Pessoa Humana possa atingir o seu destino sobre a Terra. Civilização quer dizer personalidade humana.”³⁴⁶

O liberalismo continuou a ser, na sua visão, a razão da decadência e do surgimento dos autoritarismos que passou, momentaneamente, a condenar. O individualismo havia provocado uma imposição da “autonomia” dos indivíduos mais poderosos, minoritários, sobre a maioria, anulando a possibilidade de liberdade para estes segundos e os sentidos de justiça e de bem comum.³⁴⁷

Numa espécie de nacional-sindicalismo de rosto humano, Rolão Preto passou a defender instituições orgânicas e coletivistas que se construíssem ao serviço das pessoas.

³⁴⁴ PRETO, Francisco Rolão. *Justiça... op. cit...* pp. 247-254.

³⁴⁵ *Idem*, pp. 248.

³⁴⁶ *Idem*, pp. 259.

³⁴⁷ *Idem*, pp. 260-265.

O seu organicismo revisto entendia serem compatíveis as ideias do homem submetido ao coletivo nacional e a defesa da sua liberdade, assente num compromisso entre os deveres do mesmo para com a sociedade e dos desta para com ele.³⁴⁸ Apesar das contradições desta teoria, Rolão Preto seguiu até ao limite as suas consequências lógicas, passando a defender um regime descentralizador que ao mesmo tempo rejeitasse a censura e incluísse uma forma de sufrágio orgânico, enquanto por outro lado aceitou o corporativismo e o autoritarismo. Consistiu numa teoria nacional-sindicalista revisionista cujo carácter totalitário, disciplinador e violento do Estado foi condenado e rejeitado, mas na qual todos os aspetos organicistas e coletivistas, assim como todo o anti-liberalismo, anti-capitalismo e anti-marxismo, se mantinham e eram defendidos.³⁴⁹

Neste discurso a tónica incidu sobre as questões socioeconómicas da revolução e do regime político, pelo que o nacionalismo não foi aprofundado com a centralidade dos discursos nacionais-sindicalistas espanhóis. Rolão Preto passou a considerar que a liberdade do povo português era essencial para garantir a legitimidade e dignidade da nação, desde que expressa de uma forma orgânica. Além disso, continuou a defender que a legitimidade da nação e a sua soberania dependiam também do reforço do exército, bem como da criação de órgãos de mobilização das massas, através da “[...] formação de uma mocidade sadia, desportista, tendo o culto das virtudes cívicas – coragem, lealdade, brio – e tendo a consciência dos seus deveres para com a coletividade e para consigo própria.” Tal significava que a sua teorização, em particular quanto ao nacionalismo, continuava fundamentalmente influenciada pelo organicismo nacional-sindicalista. O seu nacionalismo manteve-se coletivista e imperialista, defendendo o líder nacional-sindicalista a manutenção e investimento nas colónias ultramarinas, focando-se nos seus pilares fundamentais: a dominação colonial e o missionarismo.³⁵⁰

As contradições no pensamento de Rolão Preto tornaram-se mais aparentes quando escreveu, em 1937, sobre a Guerra Civil Espanhola, ao exaltar uma revolução através da qual se construiu um Estado totalitário cuja violência sistemática impossibilitava, por uma questão de coerência, a sua associação ao revisionismo nacional-sindicalista do líder do MNS. Pouco tempo depois, a sua rejeição do totalitarismo e do culto à violência foram anuladas. No entanto, Rolão Preto defendeu nesta fase que da Espanha nacionalista se

³⁴⁸ PRETO, Francisco Rolão. *Justiça... op. cit...* pp. 281.

³⁴⁹ *Idem*, pp. 286; *Idem*, pp. 308; *Idem*, pp. 316-322.

³⁵⁰ *Idem*, pp. 326-331.

ergueria uma nova civilização personalista, cristã e imperial, negando a violência dos rebeldes nacionalistas.³⁵¹ Aderiu também à lógica de oposição entre a “Nação” (que consistia no ultranacionalismo espanholista partilhado por falangistas e carlistas) e a “anti-Nação” (que consistia no conjunto dos republicanos). Quanto ao nacionalismo, considerou que a revolução representava uma diversidade de nacionalismos unidos num mesmo espírito espanholista e imperialista, cuja diversidade (na teoria) se podia associar ao personalismo e à libertação dos espanhóis enquanto “pessoas humanas”.³⁵²

Em 1939, já o líder nacional-sindicalista português havia regressado ao nacional-sindicalismo original, soreliano. Republicou artigos que havia escrito em 1922, quando ainda era um integralista filo-fascista, e nos quais, a propósito de uma polémica, elaborou as suas considerações em relação ao fascismo. A base da ideologia fascista para Rolão Preto, nestes anos, era o seu “[...] pensamento e ação nacionalistas.”³⁵³ Era impossível, a seu ver, considerar o fascismo um “bolchevismo branco”, como Santa Cruz (que criticava nos seus artigos) havia indicado, uma vez que o objetivo final do fascismo era a regeneração da nação, conforme a perspectiva fascista do ultranacionalismo palingenético e orgânico. Na batalha contra os internacionalismos decadentes liberal e marxista, o fascismo pretendia representar e proteger a nação da mais radical forma. Nesse sentido, Rolão Preto defendeu que o “[...] método de combate do Fascismo [...],” consistia na única maneira de salvar a nação e de a opôr com suficiente força às forças da “[...] Anti-Nação [...]”.³⁵⁴ Desta forma o líder nacional-sindicalista português assumiu o nacionalismo como sendo a base da orientação de uma ação fascista que já aceitava ser violenta, em consonância com o nacional-sindicalismo original.³⁵⁵

3. 2. 3. A relação Partido-Estado

Como podemos ver, o fascismo consistiu numa síntese de várias tendências ideológicas de finais do século XIX e inícios do século XX. Vários autores concordaram que os elementos essenciais dessa síntese foram o ultranacionalismo palingenético

³⁵¹ PRETO, Francisco Rolão. *Revolução Espanhola... op. cit...* pp. 423-426.

³⁵² PRETO, Francisco Rolão. *Justiça... op. cit...* pp. 424.

³⁵³ PRETO, Francisco Rolão. *O Fascismo... op. cit...* pp. 13.

³⁵⁴ *Idem*, pp. 19.

³⁵⁵ *Idem*, pp. 14.

associado ao tradicionalismo; o darwinismo social associado ao racismo e imperialismo; o sindicalismo revolucionário e o corporativismo associados a um totalitarismo modernizante, reformista e redistribuidor, ao mesmo tempo que autoritário, hierárquico e capitalista, no sentido da defesa da propriedade privada. A missão fascista consistiu em concretizar essa síntese ideológica e doutrinal numa nova civilização assente nos principais objetivos do fascismo: a regeneração da nação, o império e o Estado totalitário.³⁵⁶

Para tal, era necessário aos fascistas apresentarem uma teoria que fosse além da revolução. Os sonhos nacionalistas e imperialistas dos fascistas obrigavam à construção de um novo Estado que deveria ser a égide do império além de representante da nação, o que explicava parte da necessidade do seu carácter totalitário, de modo a enquadrar, mobilizar e dominar as massas, traduzindo-se isto no domínio total deste sobre a sociedade, a cultura e a economia.³⁵⁷ Segundo Mussolini, o Estado, a Nação e o povo deveriam unir-se num só, reflexo do organicismo extremo da ideologia nacional-sindicalista. Não era o Estado em si que deveria concretizar esta fusão, mas sim o movimento ou partido fascista, entendido como o elo fundamental entre os três aspetos. Recaía nele a responsabilidade de levar a cabo a conquista do Estado e a construção de um totalitarismo controlado pelo partido.

Em Espanha, a vontade de conquistar o Estado precedeu a criação dos partidos fascistas que tentariam, anos depois, concretizá-la. Em 1931, um grupo de nacional-sindicalistas liderados por Gímenez Caballero e Ledesma Ramos apresentaram um manifesto no jornal *La Conquista del Estado*, no qual defenderam um pan-estatismo totalitário. Segundo eles, o Estado deveria ser designado construtor de uma nova realidade nacional que procedesse à regeneração de Espanha enquanto nação e império.³⁵⁸ O carácter totalitário do Estado nacional-sindicalista e a função de um partido de vanguarda que o dominasse foi explicitada nos anos seguintes, nos órgãos de propaganda da JONS e da FE. Segundo Gallego, Ledesma foi dos primeiros a apresentar uma defesa consistente e assertiva do totalitarismo:

³⁵⁶ MELLÓN, Joan Antón. Nostalgia del futuro. La visión del mundo del fascismo clásico en sus textos. In *El fascismo clásico (1919-1945) y sus epígonos. Nuevas aportaciones teóricas*. Madrid: Editorial Tecnos, 2012, pp. 71-77; PAYNE, Stanley G. *A history of fascism...* op. cit... pp. 1-14.

³⁵⁷ MELLÓN, Joan Antón. Nostalgia del futuro... op. cit... pp. 78-84;

³⁵⁸ GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista...* op. cit... pp. 78-80; *Idem*; Nuestro manifiesto político. *La Conquista del Estado*. 13 março 1931. nº1, pp. 11-2. <https://www.filosofia.org/hem/193/lce/lce011b.htm>

“Junto a la defensa de la unidad de España y una nacionalización de las masas que pronto se orientó hacia el ruralismo, el discurso de Ledesma y sus compañeros consistía en la propuesta de un nuevo Estado que superara el régimen liberal. El totalitarismo, como se ha visto, no era una mera técnica de gobierno absoluto, sino un moderno paradigma de control social sobre el que se elaboraba el proyecto político del fascismo, destinado a aunar todos los segmentos de la contrarrevolución.”³⁵⁹

Ledesma defendeu a ação direta e a política de massas como consequência lógica da necessidade de domínio e mobilização totais da população.³⁶⁰ Para o líder jonsista a revolução deveria construir um Estado que defendesse a narrativa histórica imperialista espanhola, apontando estes (de forma completamente errónea) que fora em Espanha que havia sido criado o primeiro Estado-Nação, pelos reis católicos, tendo considerado o seu projeto espanholista. Para os jonsistas, a concretização da regeneração da pátria traduzia-se na construção de um Estado que adotasse essa narrativa e valores.³⁶¹ O modelo totalitário que falangistas e jonsistas defenderam, antes e depois da fusão na FE de las JONS, permitia, na sua perspectiva, concretizar um projeto político que conciliava o tradicionalismo e o ultranacionalismo com uma forma de Estado moderno que conseguisse não só impôr o organicismo sobre a sociedade, mas também controlá-la totalmente:

“Una vez conseguida la agrupación en torno a una empresa común, España podría cumplir su designio universal, que no era el cumplimiento del imperio, sino el resultado de su obtención previa en la creación de un vínculo indisoluble entre todos los españoles, la nación reorganizada por un Estado totalitario.”³⁶²

Este Estado totalitário devia ser construído através da revolução nacional liderada por uma vanguarda, uma elite dirigente que mobilizasse as massas, outro aspeto essencial da ideologia nacional-sindicalista. As mesmas bases totalitárias que fundamentaram a conceção fascista do Estado foram, desta forma, adotadas pelos nacionais-sindicalistas espanhóis.³⁶³

Tanto para Ledesma como para José Antonio o Estado liberal representou, apesar de não ser o seu pior inimigo, o culminar da decadência iluminista. Ledesma criticou, em

³⁵⁹ GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 106.

³⁶⁰ RAMOS, Ramiro Ledesma. *El Movimiento Español J.O.N.S., quiere:.* In *J O N S – Antología*. Barcelona: Editora Nacional, 1939, pp. 10.

³⁶¹ RAMOS, Ramiro Ledesma. *Nuestra Revolución*. In *J O N S – Antología*. Barcelona: Editora Nacional, 1939, pp. 16.

³⁶² GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 96.

³⁶³ BRAVO, Francisco. *Aclaraciones y Pronosticos sobre el jonsismo*. In *J O N S – Antología*. Madrid: Editora Nacional, 1939, pp. 121; STERNHELL, Zeev, SNAJDER, Mario, ASHERI, Maia. *El nacimiento... op. cit...* pp. 352-355.

1933, o Estado liberal, acusando-o de ter provocado um divórcio entre as instituições políticas e as instituições orgânicas (a família, o município, os sindicatos/grêmios/corporações), de ter desresponsabilizado o indivíduo e mesmo de ter suscitado o surgimento do maior inimigo dos nacionais-sindicalistas – o marxismo e o socialismo. Frente à decadência liberal, Ledesma defendeu a aniquilação do individualismo e o triunfo dos coletivismos em disputa entre si – o marxismo e o nacional-sindicalismo/fascismo. Nesta perspectiva, o Estado também refletiu a lógica organicista, entendido como um sistema cujos componentes, os indivíduos, não eram reconhecidos enquanto tal, mas sim apenas enquadrados no conjunto das massas dominadas.³⁶⁴

A defesa do totalitarismo, quer estatal quer económico e cultural, foi reiterada por Ledesma sistematicamente, ao longo dos anos, até à sua morte, em 1936. Em agosto de 1934, por exemplo, defendeu que era um destino totalitário o do nacional-sindicalismo espanhol, no sentido em que não devia apenas ser o Estado totalitário, mas também o era a própria tradição espanholista e, por consequência, o devia também ser a missão política da FE de las JONS.³⁶⁵

Enquanto a unidade nacional, o sentido nacionalista da comunidade espanhola, predominou no pensamento joseantoniano, foi o totalitarismo que dominou o pensamento ledemista. Se na visão de José Antonio o Estado era considerado instrumento da nação, Ledesma defendeu que era o próprio Estado totalitário que gerava a unidade da nação espanhola.³⁶⁶ Por outras palavras, para Ledesma o Estado totalitário era mais um fim que um instrumento. Segundo o líder jonsista, a unidade total de Espanha implicava não apenas a destruição do regime político liberal e democrático, mas também o extermínio e proibição dos marxismos e dos separatismos, considerados pelos jonsistas e pelos falangistas os seus maiores inimigos, uma vez que representavam a ameaça mais poderosa e mais direta ao nacional-sindicalismo.³⁶⁷

Na primavera de 1933 foi criado o precursor da Falange Española, o Movimiento Español Sindicalista (MES), cujos estatutos defendiam o fascismo não apenas enquanto

³⁶⁴ LANZAS, Roberto [pseud.]. El individuo ha muerto. In *JONS – Antología*. Madrid: Editora Nacional, 1939, pp. 51-53.

³⁶⁵ La violencia política y las insurrecciones. In *JONS – Antología*. Madrid: Editora Nacional, 1939, pp. 38.

³⁶⁶ GALLEGU, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 186.

³⁶⁷ LANZAS, Roberto [pseud.]. Los problemas de la revolución nacionalsindicalista. In *JONS – Antología*. Madrid: Editora Nacional, 1939, pp. 33-35; RAMOS, Ramiro Ledesma. *Ramiro Ledesma... op. cit...* pp. 23.

ideologia, mas principalmente enquanto “[...] «nuevo modo de ser español».” Este movimento também defendeu que cabia ao totalitarismo representar o imperialismo, o corporativismo e o ultranacionalismo espanholista. O seu discurso não destoou do pensamento de José Antonio que, como realçou Gallego, defendeu que o carácter universal do fascismo o permitia adaptar-se ao espanholismo, ao Estado, à cultura e à sociedade espanholas.³⁶⁸ Nos seus *Puntos Iniciales*, apresentados em dezembro de 1933, a FE, cuja ideologia se centrou no nacionalismo espanholista, defendeu que o tipo de Estado espanhol a construir deveria estar submisso à missão espanholista falangista assente no conceito de *unidad de destino*, por oposição ao Estado liberal e ao comunismo.³⁶⁹ Nesse sentido, o falangismo também defendeu o enquadramento das unidades orgânicas pelo totalitarismo:

“[...] el nuevo Estado habrá de reconocer la integridad de la familia como unidad social; la autonomía del municipio como unidad territorial, y el sindicato, el gremio, la corporación, como bases auténticas de la organización total del Estado.”³⁷⁰

Para José Antonio, “[...] La patria es una totalidad histórica [...], el Estado habrá de ser instrumento al servicio de aquella Unidad [...]”³⁷¹ Apesar de ter sido muitas vezes eufemístico quanto ao totalitarismo, e de noutras vezes o ter rejeitado, a sua reiterada defesa também abundou no seu discurso, tendo sido mais consistente que a sua rejeição. É importante recordar a carta que escreveu a Juan Ignacio Luna de Tena, em março desse mesmo ano, na qual referiu orgulhar-se por defender um “[...] princípio nacional totalitario integrador [...]”³⁷² Noutro exemplo, José Antonio defendeu, no famoso discurso do Teatro de la Comedia de outubro de 1933, um Estado totalitário.³⁷³ Em dezembro, num discurso no parlamento, após ter sido eleito deputado, o líder falangista elaborou sobre o conceito de Estado que defendia, criticando os ataques contra o que os demais deputados consideravam um pernicioso panteísmo Estatal. Nessa sessão das Cortes, José Antonio defendeu que o Estado totalitário por si preconizado era o oposto da divinização do Estado, uma vez que para si, o Estado não era um fim absoluto, mas sim

³⁶⁸ GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 210-211; RIVERA, José Antonio. *Al Volver... op. cit...* pp. 159-160.

³⁶⁹ Falange Española... *op. cit...* pp. 6-7.

³⁷⁰ *Idem*, pp.

³⁷¹ RIVERA, José Antonio Primo de. Orientaciones hacia un nuevo Estado. In *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 142.

³⁷² RIVERA, José Antonio Primo de. Carta a Juan Ignacio Luna de Tena. In *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 147.

³⁷³ RIVERA, José Antonio Primo de. Discurso de la fundación... *op. cit...* pp. 166.

um instrumento do qual dependia a missão de regeneração da pátria concretizada em projeto político imperialista e espanholista: a *unidad de destino en lo universal*.³⁷⁴

Cerca de meio ano depois, em novembro de 1934, apelou aos militares para defenderem ativamente, pela via golpista, o nacionalismo associado ao Estado totalitário. Dias depois, numa entrevista na revista *Blanco y Negro*, reiterou a posição tomada no Teatro de la Comedia em outubro de 1933 e a norma programática da Falange, publicada no mesmo mês, confirmou-o oficialmente.³⁷⁵ Em 1935, após a fusão da FE e das JONS, José Antonio tentou, em várias instâncias, aparentar alguma distância do panteísmo estatal e apresentar como que um meio termo entre o totalitarismo e o individualismo. A sua argumentação baseou-se, no entanto, na submissão de ambos – o Estado e o indivíduo – à missão política falangista, à *unidad de destino en lo universal*:

“El Estado se encastilla en su soberanía: el individuo, en la suya; los dos luchan por su derecho a hacer lo que les venga en gana. El pleito no tiene solución. Pero hay una salida justa y fecunda para esta pugna si se plantea sobre bases diferentes. Desaparece ese antagonismo destructor en cuanto se concibe el problema del individuo frente al Estado, no como una competencia de poderes y derechos, sino como un cumplimiento de fines de destinos. La Patria es una unidad de destino en lo universal, y el individuo, el portador de una misión peculiar en la armonía del Estado. No caben así disputas de ningún género; el Estado no puede ser traidor a su tarea, ni el individuo puede dejar de colaborar con la suya en el orden perfecto de la vida de su nación.”³⁷⁶

Apesar do tom conciliador, esta perspetiva acabava por redundar na supremacia do Estado sobre o indivíduo, uma vez que o líder falangista admitia que competiria ao Estado representar os desígnios nacionais. Na sua ótica, o indivíduo ver-se-ia mais protegido e autónomo enquanto “[...] cumpridor de una función, y no por medio de los partidos políticos.” O indivíduo e todas as instituições socioeconómicas seriam enquadrados e subordinados ao Estado e à estrutura corporativa, o que continuava a assemelhar-se em tudo ao nacional-sindicalismo original.³⁷⁷ Apesar de, durante o ano de 1935, terem surgido vários outros momentos de semelhantes ambiguidades no discurso *joseantoniano*

³⁷⁴ RIVERA, José Antonio Primo de. Sobre el concepto de Estado. In *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 190.

³⁷⁵ RIVERA, José Antonio Primo de. Un hombre, un partido. In *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 364; RIVERA, José Antonio Primo de. Carta a un militar... *op. cit.*... pp. 352; RIVERA, José Antonio Primo de. Norma programática de Falange. In *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 359.

³⁷⁶ RIVERA, José Antonio Primo de. Estado, individuo y libertad. In *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 442.

³⁷⁷ STERNHELL, Zeev, SNAJDER, Mario, ASHERI, Maia. *El nacimiento...* *op. cit.*... pp. 352-355.

quanto ao totalitarismo,³⁷⁸ este voltou a referi-lo explicitamente como exemplo a seguir, em dezembro. Num artigo dirigido aos professores de Espanha, José Antonio apelou a estes aderissem à sua missão, devendo “[...] atender a un punto de vista totalitario: salvar la integridad moral y material de España, sin desglosar intereses de ningún sector determinado.”³⁷⁹ José Antonio continuou a caracterizar o seu movimento como totalitário até escassos meses antes da sua morte. Em junho de 1936, apelou à atenção dos falangistas contra uma caricatura descrita como o “madrugador”, o oportunista que ingressava no partido por interesse pessoal e sem verdadeiro apego à doutrina ou à missão da FE de las JONS.³⁸⁰

Podemos, assim, concluir que até ao início da Guerra Civil Espanhola ambos os principais líderes da FE de las JONS defenderam um Estado totalitário. Como referido anteriormente, a suposta oposição de um Ledesma radical a um José Antonio conservador não consistiu numa verdadeira distinção ideológica entre ambos, mas sim no contraste entre uma maior claridade estratégica e teórica por parte do primeiro, em oposição à ambiguidade na atitude e no discurso *joseantoniano*.³⁸¹ Parte desta última deveu-se ao seu comportamento, caracterizado por um maior pragmatismo e várias contradições internas – opondo-se constantemente uma faceta moderada, cordial e dialogante a uma assertiva, inflexível e violenta – que com a sua ideologia.³⁸² Em suma, a fórmula partilhada pelos nacionais-sindicalistas espanhóis quanto ao Estado que pretendiam construir coincidiu com as bases ideológicas do Estado nacional-sindicalista original, soreliano e mussoliniano, ou seja, com o Estado fascista, totalitário e imperialista.

No caso do MNS português, de início a questão do regime ou do Estado não se colocou como uma prioridade na ideologia do movimento. Rolão Preto afirmou, numa entrevista em inícios de 1933 que, por um lado, o MNS não pretendia derrubar o governo da ditadura salazarista e reconhecia nele o autoritarismo necessário para garantir a proteção do interesse nacional. Apesar disso, e crescentemente com o passar do tempo, o líder nacional-sindicalista português defendeu que, sendo o seu objetivo revolucionário

³⁷⁸ RIVERA, José Antonio Primo de. España y la barbarie. In *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 418.

³⁷⁹ RIVERA, José Antonio Primo de. A los maestros españoles. In *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 608.

³⁸⁰ RIVERA, José Antonio Primo de. Vista a la derecha. In *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 699.

³⁸¹ GALLEGU, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 253.

³⁸² PAYNE, Stanley G. *A history of fascism... op. cit...* pp. 116; *Idem*, pp. 122.

“[...] transformar totalmente o meio social português [...],” o MNS exigia reformas mais profundas que as que o regime salazarista implementou. Fundamentalmente, questionado sobre as possíveis diferenças entre o nazismo, o fascismo e o MNS, Rolão Preto afirmou durante o seu período revisionista que os dois primeiros se distinguiam do movimento português por este procurar uma harmonização mais profunda entre o ultranacionalismo organicista e a “[...] dignidade moral de homens livres de vivos seres espirituais.”³⁸³ Como se viu anteriormente, era natural que os movimentos fascistas adaptassem o modelo fascista genérico à sua variante de nacional-sindicalismo local, com os seus nacionalismo e tradicionalismo particulares, o que impunha necessariamente diferenças entre si. Rolão Preto, tal como Primo de Rivera, pretendeu conferir ao humano e à sua espiritualidade um valor que derivou da influência cristã e chocou com a violência e diferentes valorizações espirituais do homem que eram incompatíveis com o catolicismo, identificadas por eles no fascismo italiano e no nazismo.³⁸⁴ Esta influência fê-los rejeitarem o panteísmo estatal e, por vezes mas sempre temporariamente, o totalitarismo, principalmente a partir da segunda metade da década de 1930.

Em 1933, Rolão Preto não rejeitava o totalitarismo, mas admitiu que pretendia encontrar uma alternativa à violência dessa forma de Estado, mantendo, ponto assente, o autoritarismo e o extremo organicismo nas instituições que se construíssem, razão pela qual considerou o organicismo estado-novista insuficiente. Nesse ano chegou mesmo a escrever que “[...] Só as fórmulas totalitárias conseguem apaixonar os povos, pois a esperança não pode ter limites sem que despedace as asas...”³⁸⁵

3. 2. 4. O Sindicalismo e o Corporativismo

A ideologia nacional-sindicalista incluiu uma componente social e redistributiva bastante importante. Tendo-se desenvolvido a partir do revisionismo sindicalista revolucionário, era natural que, para os nacionais-sindicalistas, as questões económicas fossem de extrema importância. O nacional-sindicalismo italiano distinguiu-se do

³⁸³ PRETO, Francisco Rolão. Nacional-Sindicalismo... *op. cit.*... pp. 2.

³⁸⁴ *Idem*; RIVERA, José Antonio Primo de. Conferencia pronunciada en Zaragoza en el cinema Alhambra, en el curso organizado por el Ateneo, sobre el tema “El Nuevo Orden. In *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 411.

³⁸⁵ PRETO, Francisco Rolão. Salazar e o problema político... *op. cit.*... pp. 8.

restante sindicalismo revolucionário através da subordinação dos princípios socioeconómicos aos princípios éticos revolucionários que concretizassem a regeneração da nação.³⁸⁶ No entanto, apesar dos precursores dos fascistas se terem focado numa revolução de cariz moral e ético, as suas reivindicações de cariz socioeconómico mantiveram-se instrumentais para a concretização do projeto político fascista.

Em 1919, quando o movimento fascista adotou o nacional-sindicalismo, os fascistas e os sindicalistas passaram a partilhar as mesmas estratégias para solucionar as questões socioeconómicas que assolavam Itália no pós-guerra: o anti-bolchevismo e o anti-capitalismo em favor de uma “terceira via” revolucionária, totalitária e corporativista. Nesta visão exposta, por exemplo, no Programa de Ação apresentado por Sergio Panunzio ou, pouco tempo depois, na Carta de Carnaro, proclamada por Gabriele D’Annunzio, o nacional-sindicalismo defendeu uma solução que ordenasse as classes sociais em corporações controladas pelo Estado. Esta estratégia permitia, em teoria, transcender o socialismo e o capitalismo liberal, ultrapassando-os através de um reformismo modernizador. O corporativismo fascista pretendeu enquadrar trabalhadores e patrões numa solução produtivista na qual se viam submetidos ao Estado totalitário, garantidor da submissão da sociedade e economia aos desígnios da nação. Era, segundo o nacional-sindicalismo, enquadrados neste sistema organicista que os indivíduos adquiriam o seu valor humano. Fora do Estado, o indivíduo deixava de existir e, fora da corporação, o trabalhador deixava de ver reconhecidos os seus direitos.³⁸⁷ O movimento fascista, no entanto, desiludiu muitos dos nacionais-sindicalistas de influência socialista e sindicalista revolucionária, devido à progressiva adoção de um carácter contrarrevolucionário e conservador, apesar de não ter impedido a política de massas revolucionária que defendiam. Alguns, como os ex-sindicalistas revolucionários Arturo Labriola e Alceste de Ambris, decidiram afastar-se e acabaram no exílio. No entanto, a maioria dos nacionais-sindicalistas manteve-se no movimento e apoiaram-no fervorosamente.³⁸⁸

Contra a lógica marxista da luta de classes, os nacionais-sindicalistas italianos defenderam o que consideraram ser a verdadeira forma de justiça social: uma redistribuição cuidada da riqueza nacional, assente na concertação e negociação das classes, submetidas à égide dos desígnios económicos nacionais. Todas as classes deviam

³⁸⁶ STERNHELL, Zeev, SNAJDER, Mario, ASHERI, Maia. *El nacimiento... op. cit...* pp. 269-270.

³⁸⁷ MUSSOLINI, Benito. *El Fascismo*. Madrid: Libreria de San Martín, 1934, pp. 26-27.

³⁸⁸ STERNHELL, Zeev, SNAJDER, Mario, ASHERI, Maia. *El nacimiento... op. cit...* pp. 279-292.

enquadrar-se na estrutura corporativa do Estado. O patronato era protegido, com a contrapartida da obrigação de redistribuir parte substancial sua riqueza, sob orientação do Estado. Este tornava-se, nesta ideologia, o orientador do fim da luta de classes, não através da vitória de qualquer classe sobre as outras, mas sim através da sua conciliação, devendo todas contribuir, de forma harmoniosa, para concretizar os desígnios da nação, o que significava, por outras palavras, submeterem-se todas igualmente ao Estado. Desta forma, o corporativismo e o sindicalismo tornaram-se instrumentos do totalitarismo fascista. A partir de 1920, a “direita” fascista, que defendia uma revolução que sobrepujasse a regeneração moral e ética da nação às reivindicações socioeconómicas, que se tornaram secundárias, venceu, dentro do movimento, a visão da “esquerda” fascista – aqueles que, como Labriola, De Ambris ou Enrico Leone, davam preponderância aos aspetos socioeconómicos.³⁸⁹ O próprio Mussolini, na sua fase de sindicalista revolucionário, defendeu a subordinação do nacionalismo às causas revolucionárias socialistas, e a importância do desenvolvimento socioeconómico manteve-se central na sua ideologia até ao final da Primeira Guerra Mundial. Defendeu uma modernização que permitisse à Itália ascender ao nível de grande potência internacional, fazendo coincidir o interesse da nação com o do proletariado. No entanto, entre 1917 e 1918, Mussolini inverteu as prioridades, subordinando a reforma socioeconómica ao ultranacionalismo.³⁹⁰

Este tornou-se o pensamento fascista em relação à economia. Em Espanha, tanto Ledesma como José Antonio demonstraram-se capazes de captar, com as suas reivindicações redistributivas e o seu sentido de justiça social revolucionária, membros da esquerda desiludidos.³⁹¹ O discurso de proclamação da FE de las JONS, proferido no Teatro Calderón de Valladolid a 4 de março de 1934, foi também um momento de afirmação do carácter corporativo da revolução nacional-sindicalista. Segundo José Antonio, realçando o pensamento ledemista, a revolução nacional-sindicalista ficaria incompleta sem a justiça social. Contra o socialismo, que acusaram de ser uma vingança tão injusta quanto o capitalismo burguês, os nacionais-sindicalistas defenderam um corporativismo modernizador e revolucionário.³⁹² Em 1935, noutro discurso em Madrid, José Antonio, que pouco se centrou nele, afirmou que o corporativismo falangista, à

³⁸⁹ STERNHELL, Zeev, SNAJDER, Mario, ASHERI, Maia. *El nacimiento... op. cit...* pp. 293-294.

³⁹⁰ *Idem*, pp. 334-335.

³⁹¹ GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 189; PAYNE, Stanley G. *A history of fascism... op. cit...* pp. 151.

³⁹² RIVERA, José Antonio Primo de. Discurso de la fundación... *op. cit...* pp. 258-261.

imagem do mussoliniano, deveria ser um ponto de partida e não um fim em si mesmo. Tal significava uma revolução que, por um lado, anulava o capitalismo liberal através da redistribuição da riqueza nacional orientada pelo Estado, anulando o que considerava ser o carácter destrutivo que este havia exercido sobre a propriedade privada tradicional, e, por outro lado, uma harmonização das classes que orientasse os setores económicos segundo o desenvolvimento da nação num sentido modernizador e imperialista.³⁹³

No projeto jonsista, mesmo após a cisão de Ledesma da FE de las JONS, a redistribuição da riqueza e a justiça social estavam, em termos de prioridades, pelo menos no mesmo nível que o ultranacionalismo: “La solución obrera no era de clase, sino nacional y, por tanto, el sindicalismo sería base e instrumento de un Estado totalitario. «La existencia de España tiene que basarse en dos cultos: el culto a lo nacional, a la Patria, y el culto social, al pueblo».”³⁹⁴ Em junho de 1933 este movimento condenou os privilégios e o egoísmo, advogando o empoderamento das massas populares através do Estado totalitário, permitindo colocar o destino nacional nas mãos do representante da pátria, e retirando às elites o seu poder sobre o regime político.³⁹⁵ Em novembro desse mesmo ano, José Antonio condenou, como fez várias outras vezes, a Reforma Agrária implementada nesse período (por um governo de esquerda), acusando-a de ser insuficiente. Aceitando as premissas marxistas consequentes da industrialização – a acumulação de capital, a proletarização das classes trabalhadoras e a mecanização do trabalho que conduziu ao desemprego – José Antonio vaticinou, como os demais fascistas, o declínio do capitalismo liberal, cuja decomposição havia, a seu ver, produzido o comunismo e o anarquismo. Face a isto, o líder falangista defendeu uma revolução profunda, que alcançasse os indivíduos e que não redundasse no panteísmo estatal. Apesar disso, ao elaborar sobre a revolução socioeconómica falangista, José Antonio acabou por descrever um organicismo extremo e totalitário:

“Lo que pasa es que entonces el individuo tendrá el mismo destino que el Estado, que el Estado tendrá dos metas bien claras: lo que nosotros dijimos siempre: una, hacia afuera, afirmar a la patria; otra, hacia adentro, hacer más felices, más humanos, más participantes en la vida humana a un mayor número de hombres. Y el día en que el individuo y el Estado, integrados en una armonía total, vueltos a una armonía

³⁹³ RIVERA, José Antonio Primo de. Ante una encrucijada en la historia política y económica del mundo. In *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 451-458.

³⁹⁴ GALLEGO, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 313.

³⁹⁵ Nuestra Revolución. In *Escritos políticos – JONS, 1933-1934*. Madrid: Trinidad Ledesma, 1985, pp. 20.

total, tengan un solo fin, un solo destino, una sola suerte que correr, entonces sí que podrá ser fuerte el Estado sin ser tiránico, porque sólo empleará su fortaleza para el bien y la felicidad de sus súbditos.”³⁹⁶

A incongruência deste discurso do líder falangista residiu na descrição da harmonização total entre Estado e indivíduo. Esta harmonia coletivista foi considerada como um fator essencial dos fascismos e seria apenas compatível com o organicismo extremo concretizado no totalitarismo Estatal.³⁹⁷ Apesar de ter anteriormente rejeitado o corporativismo autoritário e o panteísmo Estatal, a descrição *joseantoniana* da vertente socioeconómica do projeto político falangista coincidiu em tudo com a visão fascista de totalitarismo.³⁹⁸ José Antonio podia discordar de Mussolini quanto ao valor (sobretudo espiritual) do indivíduo. No entanto, concordou com ele em tudo o mais, sendo que mesmo a relativização do indivíduo foi aceite, até certo ponto, tanto por José Antonio como, de uma forma mais absoluta, por Ledesma.

Ambas as JONS e a FE se destacaram pelo seu acentuado carácter reivindicativo quanto à justiça social, defendendo ambas a necessidade de amplas reformas socioeconómicas, sempre sobre a égide do Estado e no quadro de um regime corporativo. As JONS salientaram, no entanto, que o regime corporativista era entendido enquanto instrumento para concretizar, na esfera socioeconómica, a nação e o Estado totalitário. A síntese ideológica jonsista apresentou o corporativismo como um dos vários elementos necessários para conseguir erigir um Estado totalitário que refletisse a nação e conseguisse, dessa forma, concretizar a missão, o destino histórico da narrativa espanholista: a sua regeneração e desenvolvimento.³⁹⁹

Em suma, o nacional-sindicalismo Espanhol concordou que deveria responder às necessidades do momento não só com uma revolução política, mas também com uma revolução socioeconómica, que incluía uma importante componente redistributiva, reformista e modernizadora, mais proeminente no discurso jonsista, conciliada, por sua vez, com uma componente contrarrevolucionária de revalorização da propriedade tradicional, contra a desumanização causada pelo capitalismo liberal e pelo socialismo.

³⁹⁶ RIVERA, José Antonio Primo de. Discurso pronunciado en Cádiz el día 12 de noviembre de 1933,” em *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976, pp. 171-172.

³⁹⁷ GENTILE, Emilio. Fascism, Totalitarianism and Political Religion: Definitions and Critical Reflections on Criticism of an Interpretation. *Totalitarian Movements and Political Religions*. Inverno 2017. Vol. 5, nº 3, pp. 355.

³⁹⁸ MUSSOLINI, Benito. *El Fascismo*. Madrid: Librería de San Martín, 1934, pp. 94.

³⁹⁹ Hacia el sindicalismo nacional de las JONS. In *Escritos políticos – JONS, 1933-1934*. Madrid: Trinidad Ledesma, 1985, pp. 54.

Como nos anteriores sub-temas, a ideologia nacional-sindicalista consistiu numa ampla síntese:

“la síntesis era indispensable: el primer partido fascista con relevancia, el que se mantendría hasta el proceso político y militar culminado en la unificación de 1937. Síntesis entre el clasicismo elitista de Falange y las actitudes románticas populistas presentes en las JONS. Síntesis entre los conceptos de nación, imperio y tradición que en ambos partidos podían tener una pluralidad ya les afectaba por separado, y que solo podría ir resolviéndose en una militancia conjunta. Síntesis para llegar a un mismo concepto de la violencia, indispensable en la formulación de la estrategia fascista frente a la República. Síntesis, sobre todo, en el tema fundamental: que la organización fascista aparecía como resultado y formando parte del proceso de movilización y radicalización de las derechas, es decir, de la fascistización que iba a caracterizar su dinámica en los próximos años.”⁴⁰⁰

Em Portugal, o futuro líder nacional-sindicalista português havia deixado clara a sua adesão, ainda enquanto integralista, em 1922, ao sindicalismo orgânico e corporativista, através do qual o Estado pudesse dominar toda a economia, de modo a orientar a produção nacional segundo os interesses da nação.⁴⁰¹ Rolão Preto deixou, em 1932, definida a orientação ideológica quanto à organização socioeconómica do MNS. O coletivismo corporativista foi por ele defendido, contra o liberalismo e comunismo.⁴⁰² Se o comunismo havia levado a um regime tirânico que redundou na fome e na precariedade, o liberalismo era considerado nocivo devido à forma como a desorganização dos trabalhadores e dos patrões havia, a seu ver, criado a situação de pobreza, fome e más condições de vida e de trabalho. A sua visão assentou na organização da economia através do enquadramento dos trabalhadores e dos patrões em sindicatos e corporações disciplinadores e hierarquizados.⁴⁰³ Como Rolão Preto resumiu, o sindicalismo orgânico consistia, a seu ver, na junção do corporativismo tradicionalista e conservador com um sindicalismo que o compatibilizasse com a modernização da economia, através da submissão de toda a sociedade ao Estado totalitário, orientador dos desígnios da nação.⁴⁰⁴ Os sindicatos deveriam ver reconhecida uma personalidade jurídica própria, apesar de na prática serem dominados pelas corporações que, por sua vez, consistiam num braço do

⁴⁰⁰ GALLEGU, Ferran. *El Evangelio Fascista... op. cit...* pp. 232-233.

⁴⁰¹ PRETO, Francisco Rolão. *O Fascismo... op. cit...* pp. 33.

⁴⁰² PRETO, Francisco Rolão. *Balizas – Diretrizes – Alma!* In *Rolão Preto – Obras Completas*. Lisboa: Colibri, 2015, pp. 149.

⁴⁰³ PYRRAIT, António do Amaral. 1933. *O Sindicato. Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 4 janeiro 1933. n.º 233, pp. 1.

⁴⁰⁴ PRETO, Francisco Rolão. *Balizas: Manual do Sindicalismo Orgânico*. Lisboa: Oficinas Gráficas, pp. 9-13.

Estado, completando o círculo de controlo totalitário.⁴⁰⁵ Rolão Preto enfatizou que o sindicalismo orgânico se distinguiu do sindicalismo revolucionário devido ao seu modelo de reformismo, através de um sistema socioeconómico assente nos valores da disciplina e da hierarquia, enquanto que a igualdade deveria ser garantida pela corporação.⁴⁰⁶ Apesar dos compromissos de redistribuição da riqueza e melhoria das condições de vida das classes baixas, o líder nacional-sindicalista concordou com Salazar na proteção das classes médias. A compatibilidade deste objetivo com o mais revolucionário, enfatizando a situação do proletariado e campesinato, residia na junção de duas tendências que promovessem o consumo e o desenvolvimento económico: “[...] convém [...] não só ir *desproletarizando as massas operárias*, mas também impedir que se vão *proletarizando as classes médias*.”⁴⁰⁷

O único aspeto que, segundo o líder nacional-sindicalista português, o afastava do totalitarismo consistia na construção de uma consciência coletiva do sentido de vida sindical. A adoção do sindicalismo orgânico pela população deveria suscitar nela uma predisposição para a aceitação deste regime socioeconómico corporativo. Tal não implicava, necessariamente, o afastamento real da dominação total do Estado sobre a sociedade e a economia, mas sim a construção de uma cultura e ambiente social que permitisse a aceitação generalizada destes regimes.⁴⁰⁸

A teoria económica do MNS também se baseou no conceito de usualismo, apresentado no jornal *Revolução* em janeiro de 1933. Este consistiu num meio termo que conjugava o suposto respeito pela propriedade privada tradicional a um coletivismo que desse espaço à sua proteção, garantida, paradoxalmente, pelo Estado forte. Por outro lado, o usualismo defendia que, apesar da propriedade dever ser legítima e protegida, esta deveria estar restringida por duas razões: por um lado, de forma a evitar os abusos do capitalismo e do individualismo; por outro, seguindo a lógica coletivista, devido à responsabilidade e dever para com a nação. Desta forma, apesar de admitir a propriedade privada, o nacional-sindicalismo, adotando o usualismo, defendia a necessidade de a restringir e submeter aos desígnios coletivistas da nação e do Estado que a representava.

⁴⁰⁵ PRETO, Francisco Rolão. *Balizas...* op. cit... pp. 15-22.

⁴⁰⁶ *Idem*, 20-21.

⁴⁰⁷ PRETO, Francisco Rolão. Salazar e o problema económico. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 9 janeiro 1933. nº 237, pp. 8.

⁴⁰⁸ PRETO, Francisco Rolão. A vida sindical. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 6 fevereiro 1933. nº 280, pp. 1.

O Estado, desta forma, acabava por ter poderes absolutos sobre a propriedade e o capital privados, estando estes, em última instância, submetidos a uma lógica coletivista.⁴⁰⁹

3. 2. 5. Os movimentos comparados

Uma vez analisados os movimentos nacionais-sindicalistas espanhol e português, podemos então concluir com uma comparação ideológica entre ambos.

Em primeiro lugar, ambos se revelaram revolucionários, quer no sentido político, quer no sentido socioeconómico e cultural. A visão nacional-sindicalista pretendeu destruir as fundações dos sistemas políticos e socioeconómicos das sociedades portuguesa e espanhola. A esta destruição seguir-se-ia a construção de uma nova sociedade, uma refundação que se estenderia desde uma nova realidade socioeconómica até uma nova moral e mentalidade, orientadas pelo coletivismo e ultranacionalismo organicista. A necessidade de abarcar, influenciar ou determinar todos os aspetos da vida revelou o carácter totalitário destas ideologias. Apesar de revisionismos e críticas, o totalitarismo esteve sempre presente na visão dos nacionais-sindicalistas, através do extremo organicismo com que encararam a realidade, tendo o corporativismo representado a face da dominação totalitária do Estado sobre a economia e a sociedade. Por fim, tanto o revolucionarismo, como o totalitarismo político e o corporativismo estiveram subordinados à centralidade do ultranacionalismo palingenético: o fim último do projeto nacional-sindicalista foi, em ambos estes casos como nos demais, a regeneração da nação, entendida numa perspetiva organicista extrema. A nação devia ser o fim último de todas as transformações provocadas por estes movimentos. Tanto os líderes nacionais-sindicalistas espanhóis como os portugueses se juntaram na adoção e defesa da nação, cuja regeneração foi entendida como mais que um objetivo político, um destino a cumprir, segundo a narrativa mítica soreliana. Desta forma se pode concluir que os nacionais-sindicalismos ibéricos corresponderam ideologicamente às suas raízes ideológicas, que, recordemos, foram as mesmas que do fascismo italiano e, em grande parte, do nazismo.

⁴⁰⁹ PACHECO, J. Preto. Usualismo. *Revolução diário académico nacionalista da tarde*. 26 janeiro 1933. n° 272, pp. 3.

Em síntese, todos os elementos da ideologia nacional-sindicalista, correspondente à ideologia fascista, foram adotados e consistentemente defendidos pelos líderes da FE de las JONS e do MNS. Analisámos e comprovámos que as suas raízes ideológicas residiram na influência de vários movimentos intelectuais anti-iluministas da época. A ideologia que preconizaram distinguiu-se apenas em aspetos de carácter secundário, correspondentes à atitude e à assertividade dos seus líderes. O efémero revisionismo de Rolão Preto e a atitude ambígua de José Antonio não foram suficientes, como vimos, para transformar a sua ideologia noutra que não correspondesse ao fascismo.

Conclusão

Após a realização de uma análise comparativa das ideologias dos dois principais movimentos fascistas/nacionais-sindicalistas ibéricos, chegou agora o momento de nos debruçarmos sobre as respostas às questões colocadas na introdução e desenvolvidas ao longo dos três capítulos desta dissertação. Pretendemos rever sumariamente o percurso e apresentar as conclusões que retirámos da análise efetuada.

Na primeira parte do primeiro capítulo tentámos responder às questões relativas à importância do estudo da ideologia e explicar o seu enquadramento nos estudos do fascismo, ou seja, qual a sua importância para a compreensão do fascismo genérico. Descrevemos a forma como a sua análise e reconhecimento evoluíram, passando a historiografia do menosprezo da ideologia à sua valorização, acabando por considerá-la um dos principais elementos caracterizadores do fascismo, determinantes na sua história. Apresentámos o “Estado da Arte” da história do fascismo, descrevendo a transformação e crescimento dos estudos desta ideologia, no contexto das abordagens sistémicas à História do fascismo. As abordagens que rejeitaram a existência de uma ideologia coerente ou que argumentaram que o pensamento fascista não exerceu influência sobre as ações dos fascistas, carecendo assim de importância histórica, foram descomprovadas por um novo conjunto de estudos que não só descobriu a coerência e importância histórica da ideologia fascista, como também a contextualizou num processo mais amplo de mudança de mentalidades e de pensamentos, considerado uma crise intelectual que se estendeu desde finais do século XIX, ao longo das três primeiras décadas do século XX. O fascismo surgiu, primeiro, como ideologia – nomeadamente na forma do nacional-sindicalismo soreliano. Essa ideologia impulsionou a ação dos nacionais-sindicalistas que fundaram o movimento fascista e o levaram à construção do Estado totalitário liderado por Mussolini, tendo o seu sucesso impulsionado outros movimentos fascistas no estrangeiro.

Tendo esclarecido a importância da ideologia na compreensão do fascismo como um todo e o crescimento das abordagens que o tiveram em conta, procedemos, na segunda parte deste capítulo, à análise das origens e da formação dessa mesma ideologia. Esta foi produto do debate suscitado pela crise intelectual de finais do século XIX e inícios do século XX, da qual cresceu uma miríade de movimentos anti-iluministas, revolucionários,

nacionalistas e violentos, entre os quais o nacional-sindicalismo soreliano. Sorel construiu uma ideologia que se destacou por se ter tornado na principal síntese política destas tendências políticas. Quando adotado pelo movimento fascista italiano, o nacional-sindicalismo passou-se também a denominar fascismo, termo que ganhou maior projeção devido ao seu sucesso, na forma de um regime político novo, em Itália. No fundo, como comprovámos nesta dissertação, os termos fascismo e nacional-sindicalismo foram utilizados para designar a mesma ideologia. Efetuámos uma apresentação dos principais elementos que a caracterizaram e concluímos que os fascismos, enquanto movimentos e partidos, não apenas sucederam à criação desta ideologia como dependeram da potência da sua teoria ao impulsionar a ação dos fascistas, na concretização prática dos seus movimentos e das suas revoluções. Podemos assim com este capítulo responder a algumas das questões centrais colocadas na introdução. O fascismo incluiu um corpo ideológico coerente – aliás, a sua formação teórica ou ideológica precedeu e impulsionou a sua construção política. Começou por se formar ideologicamente (nacional-sindicalismo soreliano), antes de se ter concretizado em projetos políticos. O seu nível de coerência não foi menor que o das demais ideologias da época, correspondeu a um verdadeiro anseio por uma alternativa ao liberalismo e ao marxismo e foi alicerçado num amplo debate intelectual internacional.

No segundo capítulo analisámos de forma sumária os movimentos fascistas ibéricos, tendo em conta o contexto histórico em que se inseriram e a sua associação à propagação da ideologia nacional-sindicalista, quer na sua forma soreliana, quer na forma do fascismo italiano. Com base neste capítulo estamos em condições de responder a outras questões centrais apresentadas na introdução. Os movimentos fascistas ibéricos foram fundados nos primeiros anos da década de 1930, no entanto, os primeiros fascistas portugueses e espanhóis já se tinham fascistizado a partir da década anterior. Tendo ambos rapidamente adotado a ideologia nacional-sindicalista, assumiram-se desde cedo como fascistas e colocaram-se ao lado de Hitler e Mussolini. Enquanto o ambiente político espanhol se tornou crescentemente propício para o florescimento do fascismo, em Portugal este foi rapidamente reprimido e cooptado pelo Estado Novo, que viu nele uma ameaça. Desta forma, enquanto em Portugal o fascismo foi praticamente neutralizado pelo regime autoritário conservador, em Espanha este transformou-se num partido de massas, teve um papel ativo de relevo na insurreição nacionalista e veio a influenciar fundamentalmente a

ideologia do regime franquista. Os seus percursos políticos foram, assim, bastante distintos.

Tendo refletido sobre os antecedentes, a formação e o percurso político dos movimentos fascistas ibéricos, a sua ideologia foi por nós analisada com maior profundidade no terceiro e último capítulo. Iniciámo-lo com um breve resumo da criação e definição da ideologia nacional-sindicalista. De seguida, no segundo subcapítulo, definimos sucintamente as ideologias nacionais-sindicalistas espanhola e portuguesa e realçámos os contactos e proximidade entre ambos os movimentos ibéricos. Estes dois primeiros passos foram necessários para contextualizar a análise aprofundada e dividida por temas que se seguiu, bem como para responder a outra das questões colocada na introdução: as ideologias da FE de las JONS e do MNS corresponderam ao nacional-sindicalismo original e, portanto, à ideologia fascista. Com o objetivo de o comprovar, dividimos o segundo subcapítulo (O Nacional-Sindicalismo em Espanha e Portugal) de acordo com temas correspondentes àqueles que consideramos essenciais para a definição da ideologia nacional-sindicalista: a Revolução; o Nacionalismo; a relação Partido-Estado; o Sindicalismo e o Corporativismo. Em cada um destes pontos, escrutinámos o pensamento dos líderes nacionais-sindicalistas portugueses e espanhóis, bem como os órgãos de propaganda dos seus movimentos, de maneira a comprovar o carácter fascista das suas ideologias tema por tema, reforçando o método comparativo essas conclusões.

Neste capítulo descrevemos a forma como as ideologias destes movimentos se compatibilizaram com a ideologia fascista. Mantendo algumas particularidades distintivas que não foram suficientes para anular essa identidade comum, neste capítulo descrevemos como os nacionais-sindicalismos ibéricos se enquadram no modelo ideológico fascista. Ambos os movimentos se revelaram revolucionários, tanto na teoria como na prática, tendo-se acentuado o seu sentido revolucionário violento e destrutivo à medida que se foram radicalizando, durante a década de 1930. Ambas as suas ideologias assentaram em ultranacionalismos palingenéticos muito próximos, tendo sido influenciados por semelhantes correntes de direita, em particular pelo tradicionalismo católico, que se revelou compatível com a parte menos conservadora da ideologia. As ameaças que ambos identificaram e as ideologias e movimentos aos quais se opuseram também correspondeu com os dos primeiros fascistas: o liberalismo, considerado decadente e degenerado; os marxismos, destruidores da nação. No caso de Espanha, acrescentou-se a estas ameaças tradicionais dos nacionais-sindicalistas os separatismos

locais. Na relação Partido-Estado tanto a FE de las JONS como o MNS defenderam a mesma doutrina de conquista do Estado, como se denominou o manifesto fascista espanhol que antecedeu a criação das JONS. Esta conquista deveria destruir todas as ameaças à nação e, sobre os seus escombros, construir um Estado totalitário que garantisse o projeto último da regeneração da nação. Apesar dos líderes nacionais-sindicalistas espanhóis e portugueses tivessem vacilado no seu apoio ao totalitarismo, acabaram por o defender sistematicamente até à dissolução do MNS, no caso português, e à cooptação da FE de las JONS por Franco, em Espanha. Quanto aos temas socioeconómicos das ideologias destes movimentos, o seu sindicalismo revolucionário e corporativismo também refletiram o nacional-sindicalismo soreliano, bem como a ideologia fascista italiana. O corporativismo serviu de cúpula totalitária ao sindicalismo, devendo este ser revolucionário, mas, ao mesmo tempo, submetido ao Estado. Tal lógica teórica revelou-se compatível devido ao papel condutor deste Estado capturado pelo movimento fascista, na orientação da revolução e da regeneração nacional. Verificámos como ambos os líderes nacionais-sindicalistas português e espanhol foram assolados contradições que afetaram a sua atitude e os fizeram, por vezes, tergiversar na sua entrega total a esta ideologia. Ambos, no entanto, acabaram sempre por reafirmar a sua lealdade à mesma, no caso de José Antonio, até à sua morte, em 1936, no caso de Rolão Preto, até à Segunda Guerra Mundial. Desta forma podemos também concluir que o fascismo enquanto ideologia influenciou grandemente o fascismo enquanto ação – a atitude dos nacionais-sindicalistas espanhóis e portugueses.

No final do terceiro capítulo sumariámos estes dados e associámos-os às conclusões de âmbito mais geral. De acordo com a análise comparativa efetuada anteriormente, podemos concluir que não só ambos os movimentos se assemelharam entre si – residindo as suas diferenças nas inevitáveis particularidades dos seus ultranacionalismos específicos –, como as suas ideologias corresponderam, em todos os seus aspetos essenciais, à ideologia nacional-sindicalista original e, portanto, à ideologia fascista. Esta dissertação beneficiou do amplo conjunto de bibliografia e fontes relativos à História da FE de las JONS e, em particular, à sua ideologia. No entanto, como referido na introdução, o mesmo não se verificou no caso do MNS, pelo que esta investigação sofreu de algumas limitações importantes. A abrangência e a relação do tema da história da ideologia fascista com várias outras áreas da História contemporânea também implicaram limitações, uma vez que não conseguimos explorar, no limite de páginas exigido, todos

os aspetos políticos, sociais e económicos associados à história da ideologia fascista. Apesar disso, consideramos que esta dissertação conseguiu reunir a informação necessária relativamente aos temas abordados, tendo as fontes e bibliografia utilizados sido suficientes para comprovar os argumentos apresentados. Finalmente, além de tudo isto, consideramos que esta dissertação alcançou o modesto objetivo de contribuir para a história do fascismo, através da tentativa de definição da sua vertente ideológica, bem como para o estudo dos movimentos fascistas ibéricos.

Fontes e Bibliografia

Fontes

AGUADO, Emiliano, 1942. *Ramiro Ledesma en la Crisis de España*. Madrid: Editora Nacional.

ALMEIDA, A. Pais de. 1933. O valor social da revolução. *Revolução diário nacional-sindicalista da tarde*, 19 janeiro 1933, nº 266, pp. 2.

A marcha do nacionalismo. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 28 janeiro. nº 274.

APARICIO, Juan. 1939. *JONS – Antologia*. Barcelona: Editora Nacional.

ASCENSÃO, Leão Ramos. 1943. *O integralismo lusitano*. Lisboa: Edições Gama.

ASCENSÃO, Leão Ramos. 1926. *O fascismo, o anti-fascismo e a monarquia hereditária*. Coimbra: Imprensa Académica.

BALLESTER, Gonzalo Torrente. 1940. *José Antonio Primo de Rivera (Antologia)*. Madrid: Ediciones FE, 1940.

BARBOSA, José Plácido Machado. 1940. *Para Além da Revolução... A Revolução*. Porto: Aliança, 1940.

CABRAL, Vasco. Portugal país pequeno! *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*, nº 273 (27 janeiro 1933), pp. 1.

CAMPOS, Fernando. 1931. *A genealogia do pensamento nacionalista*. Lisboa: Pap. José Fernandes Júnior, 1931.

CISNEROS, Agustín del Río. 1971. *El Pensamiento de José Antonio*. Madrid: Ediciones del Movimiento, 1971.

Comunicado do Secretariado Geral. 1934. *Revolução Nacional*. 1 março 1934. nº 1, pp. 3.

DOMINGUES, Garcia. 1933. O espírito de sacrifício da nova geração. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 6 janeiro 1933. nº 235, pp. 2.

Falange Española: puntos iniciales. *F. E.* 7 dezembro 1933. nº 1, pp. 6-7.
<https://www.filosofia.org/hem/193/fes/fe0106.htm>

FARIA, Dutra. 1933. Hitler. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 1 fevereiro 1933. nº 276, pp. 3.

FARIA, Dutra. Os Camisas Azuis. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 2 fevereiro 1933. nº 277, pp. 5.

FERNANDES, António de Castro. 1938. *O corporativismo fascista*. Lisboa: Editorial Império, 1938.

Hitler no poder! *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 30 janeiro 1933. nº 275, pp. 1.

LANZAS, Roberto [Ramos, Ramiro Ledesma]. 1935. *¿Fascismo en España?*. Madrid: Publicaciones La Conquista del Estado, 1935.

LIMA, Augusto Pires de. 1934. *Revolução*. Lisboa: Editora Nacionalista, 1934.

LEÃO, F. da Cunha. 1929. O Integralismo Lusitano. *Política*. 30 setembro 1929. Vol. 7. http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Politica_OrgaodaJunta/N007/N007_master/Politica_N007.pdf

LEMOES, Abílio Pinto de. A poesia da ação. *Revolução diário nacional-sindicalista da tarde*. 20 janeiro 1933. nº 267, pp. 1.

MONCADA, Luís Cabral de. 1992. *Memórias: ao longo de uma vida (pessoas, factos, ideias) 1888-1974*. Lisboa, Editorial Verbo, 1992.

MURIAS, Manuel. 1933. Antonio Sardinha, mestre do entusiasmo. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 10 janeiro 1933. nº 238, pp. 1.

MUSSOLINI, Benito. 1934. *El Fascismo*. Madrid: Libreria de San Martín, 1934.

Nuestro manifiesto político. 1931. *La Conquista del Estado*. 13 março 1931. no 1. <https://www.filosofia.org/hem/193/lce/lce011b.htm>

PACHECO, J. Preto. 1933. Usualismo. *Revolução diário académico nacionalista da tarde*. 26 janeiro 1933. n° 272, pp. 3.

Palavras de Hitler. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 2 fevereiro 1933. n° 277, pp. 1.

PEMARTÍN, Julián. 1941. *Teoría de Falange*. Madrid: Editora Nacional, 1941.

PRETO, Francisco Rolão. 1933. A vida sindical. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 6 fevereiro 1933. n° 280, pp. 1.

PRETO, Francisco Rolão. 1931. Palavras Claras – Integralismo e integralismos. *Política*. 31 março, 1931, pp. 1-4.

PRETO, Francisco Rolão. *Balizas: Manual do Sindicalismo Orgânico*. Lisboa: Oficinas Gráficas.

PRETO, Francisco Rolão. 1933. El movimiento nacional-sindicalista português I. *Acción Española*. 16 outubro 1933. Vol. VII, n° 39, pp. 199-204.

PRETO, Francisco Rolão. 1934. El movimiento nacional-sindicalista português II. *Acción Española*. 16 janeiro 1934. Vol. VIII, n° 45, pp. 881-888.

PRETO, Francisco Rolão. 1934. El movimiento nacional-sindicalista português III. *Acción Española*. 1 fevereiro 1934. Vol. VIII, n° 46, pp. 986-993.

PRETO, Francisco Rolão. 1934. El movimiento nacional-sindicalista português IV y último. *Acción Española*. 1 abril 1934. Vol. IX, n° 50, pp. 166-172.

PRETO, Francisco Rolão. 1933. Em Frente! *Revolução diário nacional-sindicalista da tarde*. 21 janeiro 1933. n° 266, pp. 1.

PRETO, Francisco Rolão. 1933. Hitler. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 1 fevereiro 1933. n° 276, pp. 1.

PRETO, Francisco Rolão. 1933. Nacional-Sindicalismo. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 10 janeiro 1933. n° 238, pp. 2.

PRETO, Francisco Rolão. 1933. Salazar – Capacidade política e Técnica – João Franco e Salazar – A ingratidão dos Povos - Como se conduzem os homens. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 3 janeiro 1933. n° 232, pp. 1.

PRETO, Francisco Rolão. 1933. Salazar e o problema económico. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 9 janeiro 1933. nº 237, pp. 1.

PRETO, Francisco Rolão. 1933. Salazar e o problema político. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 11 janeiro 1933. nº 239, pp. 1.

PRETO, Francisco Rolão. 2015. *Rolão Preto – Obras Completas Volume 1*. Editado por José de Melo Alexandrino. Lisboa: Colibri, 2015.

PRETO, Francisco Rolão. 2015. *Rolão Preto – Obras Completas Volume 2*. Editado por José de Melo Alexandrino. Lisboa: Colibri, 2015.

PRETO, Francisco Rolão. *Nacional Sindicalismo*. Lisboa: Sociedade Gráfica Lda.

PYRRAIT, António do Amaral. 1933. A Corporação. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 7 janeiro 1933. nº 236, pp. 1.

PYRRAIT, António do Amaral. 1933. O Sindicato. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 4 janeiro 1933. nº 233, pp. 5.

RAMOS, Ramiro Ledesma. 1942. *Ramiro Ledesma Ramos – Antologia*. Editado por Antonio Macipe López. Madrid: Ediciones FE, 1942.

RAMOS, Ramiro Ledesma. 1985. *Escritos Políticos – La Conquista del Estado, 1931*. Madrid: Tipografía Ledesma Ramos, 1985.

RAMOS, Ramiro Ledesma. 1985. *Escritos Políticos – JONS, 1933-1934*. Madrid: Trinidad Ledesma Ramos, 1985.

REDONDO, Onésimo. 1954. *Onesimo Redondo - Obras Completas I*. Madrid: Publicaciones Españolas, 1954.

RIVERA, José Antonio Primo de. 1933. “Falange Española: puntos iniciales.” *F. E.*, 7 de dezembro, 1933. <https://www.filosofia.org/hem/193/fes/fe0106.htm>

RIVERA, José Antonio Primo de. 1976. *José Antonio Primo de Rivera. Obras Completas. Discursos y Escritos*. Editado por Agustín del Río Cisneros. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1976. <https://www.rumbos.net/ocja/index.htm>

Romanamente! *Revolução diário nacional-sindicalista da tarde*. 21 janeiro 1933. nº 266, pp. 1.

SARDINHA, Antonio. *O Valor da Raça*. Lisboa: Almeida, Miranda & Sousa, 1915.

SUPICO, José Luiz. 1930. *Doutrina Nacional Sindicalista*. Lisboa: Nacionalista, 1930.

TINOCO, António Lepierre. 1933. *Revolução nacional dos trabalhadores*. Lisboa: Edições UP, 1933.

TINOCO, António Lepierre. 1933. Os Camisas Azuis. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 2 fevereiro 1933. nº 277, pp. 5.

TINOCO, António Lepierre. 1933. Aos Trabalhadores. *Revolução, diário nacional-sindicalista da tarde*. 4 fevereiro 1933. nº 279.

Bibliografia

BARREIRA, Cecília. 1981. Sindicalismo e integralismo: o jornal «A Revolução» (1922-1923). *Análise Social*. 1981. Vol. 17, nº 67-68, pp. 827-838.

BEEVOR, Anthony. 2022. *A Guerra Civil de Espanha*. Lisboa: Bertrand, 2022.

BLINKHORN, Martin. 2008. *Carlism and Crisis in Spain, 1931-1939*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

BLINKHORN, Martin. 1988. *Democracy and Civil War in Spain 1931-1939*. Oxon: Routledge, 1988.

BLINKHORN, Martin. 2013. *Fascism and the Right in Europe, 1919-1945*. Oxon: Routledge, 2013.

BROCA, Salvator de. 1976. *Falange y Filosofia*. Tarragona: Editorial Universitaria Europea, 1976.

CAMPOS, Ismael Saz. 1999. El primer franquismo. *Ayer*. 1999. nº 36, p. 201-222.

CAMPOS, Ismael Saz. 2003. *España contra España: Los nacionalismos franquistas*. Madrid: Marcial Pons, 2003.

CAMPOS, Ismael Saz. Las culturas de los nacionalismos franquistas. *Ayer*. 2008. nº 71, pp. 153-174.

CALLEJA, Eduardo González. 2012. La prensa carlista y falangista durante la Segunda República y la Guerra Civil (1931-1937). *El Argonauta Español*. 2012. nº 9. <https://doi.org/10.4000/argonauta.819>

CALLEJA, Eduardo González. 2016. Los discursos catastrofistas de los líderes de la derecha y la difusión del mito del « golpe de Estado comunista». *Varia*. 2016. Vol. 13, pp. 1-17. <https://doi.org/10.4000/argonauta.2412>

CASTELO-BRANCO, Miguel. 2001. *Homem Cristo Filho, do Anarquismo ao Fascismo*. Lisboa: Nova Arrancada, 2001.

CASCÃO, Rui de Ascensão Ferreira. 1992. As correntes nacionalistas da segunda década do século XX.” *Revista de História das Ideias*. 1992. Vol. 14, pp. 325-345.

CAZETTA, Felipe. 2017. Do Integralismo Lusitano ao Nacional Sindicalismo: Tensões e Conflitos. *Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*. Outono 2017. Vol. 9, nº 3, pp. 483-500. <https://doi.org/10.15175/1984-2503-20179306>

CAZETTA, Felipe. 2015. Integralismo Lusitano e Nacional Sindicalismo: movimentos de extrema-direita em contato com ditaduras em Portugal (1913-1932). *Cadernos de História*. Maio 2015. Vol. 16, nº 24, pp. 30-50. <https://doi.org/10.5752/P.2237-8871.2015v16n24p30>

CUEVAS, Pedro Carlos González. 2016. *El pensamiento político de la derecha española en el siglo XX: De la crisis de la Restauración (1898) a la crisis del Estado de partidos*. Madrid: Editorial Tecnos, 2016.

FERREIRA, Nuno Simão. Alberto de Monsaraz e a Vaga dos Nacionalismos e dos Radicalismos Político-autoritários Europeus do Pós-Primeira Guerra Mundial: um rumo até ao fascismo. *Lusíada*. 2007. Vol. 2, nº 4, pp. 269-337.

FINCHELSTEIN, Federico. 2019. *Do Fascismo ao Populismo na História*. Lisboa: Edições 70, 2019.

FORLENZA, Rosario, THOMASSEN, Bjorn. 2011. From Myth to Reality and Back Again: The Fascist and Post-Fascist Reading of Garibaldi and the Risorgimento. *Bulletin of Italian Politics*. 2011. Vol. 3, n° 2, pp. 263-281.

FREIXEDO, Xacobe Bastida. 1997. La Busqueda del Grial. La Teoria de la Nación en Ortega. *Revista de Estudios Políticos*. Abril-junho 1997. n° 96, pp. 43-76.

GALLEGO, Ferran. 2014. *El Evangelio Fascista: La formacion de la cultura política del franquismo (1930-1950)*. Madrid: Editorial Crítica, 2014.

GALLEGO, Ferran. 2012. Fascistization and fascism: Spanish dynamics in a European process. *International Journal of Iberian Studies*. Setembro 2012. Vol. 25, n° 3, pp. 159-181. https://doi.org/10.1386/ijis.25.3.159_1

GARRIDO, Pablo Sánchez. 2022. Portugal y Accion Española. Hacia un nacionalismo integral ibérico. *Hispania*. Janeiro-abril 2022. Vol. 82, n° 270, pp. 171-200.

GENTILE, Emilio. 2004. *Fascismo: historia e interpretación*. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

GENTILE, Emilio. 2017. Fascism, Totalitarianism and Political Religion: Definitions and Critical Reflections on Criticism of an Interpretation. *Totalitarian Movements and Political Religions*. Inverno 2017. Vol. 5, n° 3, pp. 326-275.

GENTILE, Emilio. 2003. *The struggle for modernity: nationalism, futurism, and fascism*. Westport: Praeger Publishers, 2003.

GRECCO, Gabriela de Lima. 2018. Plumas fascistas: los escritores de la Falange Española. *Revista de Historia*. 2018. Vol. 1, n° 25, pp. 87-107.

GRIFFIN, Roger. 2018. *Fascism*. Cambridge: Polity Press, 2018.

GRIFFIN, Roger. 1993. *The Nature of Fascism*. Oxon: Routledge, 1993.

JULIÁ, Santos. 2015. *Historias de las dos Españas*. Madrid: Taurus, 2015.

KALLIS, Aristotle A. 2000. The 'Regime-Model' of Fascism: a Typology. *European History Quarterly*. Janeiro 2000. Vol. 30, n° 1, pp. 77-104.

LEAL, Ernesto Castro. 2015. Nacionalismo e Antiliberalismo em Portugal. Uma visão histórico-política (1820-1940). *Historia Critica*. Abril-junho 2015. n° 56, pp. 113-135. <https://doi.org/10.7440/histcrit56.2015.05>

- MANN, Michael. 2011. *Fascistas*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- MARÍN, Ángel-Luis Sánchez. 2004. *José Antonio Primo de Rivera: La teoría y la realidad*. LibrosEnRed, 2004.
- MARTINHO, Francisco Palomares. 2017. World War One and Authoritarian Thought in the Lusophone World. *E-Journal of Portuguese History*. 2017. Vol. 15, nº 1, pp. 55-70.
- MARTINS, Carlos Manuel. 2021. *From Hitler to Codreanu: The Ideology of Fascist Leaders*. Oxon: Routledge, 2021.
- MARTINS, Carlos Manuel. 2022. *Fascismos: Para Além de Hitler e Mussolini*. Porto Salvo: Desassosego, 2022.
- MARTINS, Fernando. 2004. Elites e Poder – Integralismo Lusitano e Política Nacional. In BAIÔA, Manuel (ed.). *Elites e Poder: A crise do sistema liberal em Portugal e Espanha (1918-1931)*. Évora: Publicações do Cidehus, 2004. pp. 271-302. <http://books.openedition.org/cidehus/3807>
- MATOREL, Miguel, JULIÁ, Santos. 2019. *Manual de historia política y social de España (1808-2011)*. Madrid: RBA Ediciones, 2019.
- MATTOSO, José. 2019. *A Escrita da História*. Lisboa: Temas e Debates, 2019.
- MEDINA, João. 1977. Salazar e os Fascistas, Salazarismo e Nacional-Sindicalismo, a História de um Conflito (1932-1935). Lisboa: Bertrand, 1977.
- MEDINA, João. 1988. António Sardilha, anti-semita. *A Cidade – Revista Cultural de Portalegre*. Julho-dezembro 1988. nº 2, pp. 45-122.
- MELLÓN, Joan Antón et al. 2012. *El fascismo clásico (1919-1945) y sus epígonos: Nuevas aportaciones teóricas*. Madrid: Tecnos, 2012.
- MOSSE, George L. 1966. Introduction: the Genesis of Fascism. *Journal of Contemporary History*. Janeiro 1966. Vol. 1, nº 1, pp. 14-26.
- OLIVEIRA, A. Paulo Dias. 2012. Leão Ramos Ascensão e o Integralismo Lusitano.” *Cultura*. 2012. Vol. 29, pp. 237-262. <https://doi.org/10.4000/cultura.1154>
- PAYNE, Stanley G. 1995. *A history of fascism, 1914-45*. Londres: UCL Press, 1995.

- PAYNE, Stanley G. 2014. *El fascismo*. Madrid: Alianza Editorial, 2014.
- PAYNE, Stanley G. 1999. *Fascism in Spain, 1923-1977*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1999.
- PAXTON, Robert O. 2004. *The Anatomy of Fascism*. Londres: Penguin Books, 2004.
- PEÑALBA, Mercedes. 2009. *Falange española: historia de un fracaso (1933-1945)*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 2009.
- PECHARROMÁN, Julio Gil. 2002. *Historia de la Segunda República Española (1931-1936)*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2002.
- PECHARROMÁN, Julio Gil. 1996. *José Antonio Primo de Rivera, Retrato de un Visionario*. Temas de Hoy Ediciones, 1996.
- PECHARROMÁN, Julio Gil. 2019. *La estirpe del camaleón: Una historia política de la derecha en España 1937-2004*. Madrid: Taurus, 2019.
- PECHARROMÁN, Julio Gil. 2017. Un Partido para acabar con los partidos: el fascismo español, 1931-1936. *Bulletin d'Histoire Contemporaine de l'Espagne*. 2017. Vol. 51, pp. 69-84. <http://journals.openedition.org/bhce/673>
- PINTO, António Costa. 2015. *Os Camisas Azuis e Salazar: Rolão Preto e o Fascismo em Portugal*. Lisboa: Edições 70, 2015.
- PINTO, António Costa. 2006. 'Chaos' and 'Order': Preto, Salazar and Charismatic Appeal in Inter-war Portugal. *Totalitarian Movements and Political Religions*. Junho 2006. Vol. 7, nº 2, pp. 203-214.
- PUGA, Eduardo Álvarez. 1969. *Historia de la Falange*. Barcelona: Gráficas Saturno, 1969.
- PRESTON, Paul. 2020. *A Guerra Civil de Espanha*. Lisboa: Edições 70, 2020.
- PRESTON, Paul. 2020. *A People Betrayed: A History of Corruption, Political Incompetence and Social Unrest in Modern Spain, 1874-2018*. Londres: William Collins, 2020.
- PRESTON, Paul. 2012. *The Spanish Holocaust: Inquisition and Extermination in Twentieth-Century Spain*. Londres: HarperPress, 2012.

PRINGLE, Heather. 2022. *O Delírio Nazi: os académicos de Himmler e o Holocausto*. Lisboa: Casa das Letras, 2022.

PRIORELLI, Giorgia. 2020. *Italian Fascism and Spanish Fascism in Comparison: Constructing the Nation*. Cham: Springer Nature, 2020.

REY, Fernando del, (ed.). 2011. *Palabras como puños: la intransigencia política en la Segunda República española*. Madrid: Tecnos, 2011.

ROSAS, Fernando. 2019. *Salazar e os Fascismos*. Lisboa: Tinta da China, 2019.

ROSAS, Fernando, Garrido, Álvaro. 2012. *Corporativismo, Fascismos, Estado Novo*. Coimbra: Edições Almedina, 2012.

ROSAS, Fernando. 2001. O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo,” *Análise Social*. Inverno 2001. Vol. 35, nº 157, pp. 1031-1054.

RODRÍGUEZ, Alberto Pena. 2014. «Mensaje del Verdadero Portugal» Los Intelectuales Portugueses, la IIª República Española y el Fascismo Ibérico: Prensa y Propaganda.” *Arbor*. 2014. Vol. 190, no 766. <http://dx.doi.org/10.3989/arbor.2014.766n2008>

RODRÍGUEZ, Ricardo L. Chuenca, GILBERT, José Ramón Montero. 1992. El Fascismo en España: Elementos para una Interpretación. *Historia Contemporánea*. 1992. nº 8, pp. 215-248.

SIMANCAS, Moisés, MORALEJA, Alfonso. 2001. Nietzsche y otras influencias intelectuales en Ledesma Ramos. *Cuaderno Gris*. 2001. Vol. III, nº 5, pp. 247-263. <http://hdl.handle.net/10486/326>

SLAVEN, James. 2018. The *Falange Española*: a Spanish Paradox. *Advances in Social Science, Education and Humanities Research*. 2018. Vol. 211, pp. 235-242.

STERNHELL, Zeev. 2008. How to Think about Fascism and its Ideology. *Constellations*. 2008. Vol. 30, nº 3, pp. 280-290.

STERNHELL, Zeev. 1986. *Neither right nor left: fascist ideology in France*. Princeton: Princeton University Press, 1986.

STERNHELL, Zeev, SNAJDER, Mario, ASHERI, Maia. 2016. *El nacimiento de la ideología fascista*. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2016.

THOMÀS, Joan Maria. 2017. *José Antonio: Realidad y mito*. Madrid: Editorial DEBATE, 2017.

THOMÀS, Joan Maria. 2019. *Los fascismos españoles*. Barcelona: Editorial Planeta, 2019.

WOODLEY, Daniel. 2010. *Fascism and political theory: critical perspectives on Fascist ideology*. Oxon: Routledge, 2010.